



**UNISUL**

**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**MARIA MADALENA MARTINS DA SILVA**

**A LEMBRANÇA COMO LINGUAGEM: INTERCRUZANDO SONHOS,  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS NA NARRATIVA DOS VELHOS**

**Tubarão**

**2017**



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**MARIA MADALENA MARTINS DA SILVA**

**A LEMBRANÇA COMO LINGUAGEM: INTERCRUZANDO SONHOS,  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS NA NARRATIVA DOS VELHOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Prof. Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias

Tubarão

2017

Silva, Maria Madalena Martins da, 1967-  
S47 A lembrança como linguagem : inter cruzando sonhos,  
memórias e histórias na narrativa dos velhos / Maria Madalena  
Martins da Silva ; -- 2017.  
136 f. il. color. ; 30 cm

Orientadora : Deisi Scunderlick Eloy de Farias.  
Dissertação (mestrado)—Universidade do Sul de Santa  
Catarina, Tubarão, 2017.  
Inclui bibliografias.

1. História oral. 2. Idosos – Sombrio (SC) - Entrevistas. 3.  
Patrimônio cultural - Sombrio (SC). I. Farias, Deisi Scunderlick  
Eloy de. II. Universidade do Sul de Santa Catarina - Mestrado em  
Ciências da Linguagem. III. Título.

CDD (21. ed.) 907.2

**MARIA MADALENA MARTINS DA SILVA**

**A lembrança como linguagem: inter cruzando sonhos, memórias e histórias na  
narrativa dos velhos**

Esta Dissertação foi julgada adequada à  
obtenção do título de Mestre em Ciências da  
Linguagem e aprovada em sua forma final  
pelo Curso de Mestrado em Ciências da  
Linguagem da Universidade do Sul de Santa  
Catarina.

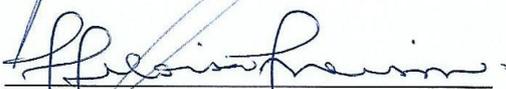
Tubarão, 7 de dezembro de 2017.



Professora Deisi Scunderlick Eloy de Farias, Doutora  
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professor Juliano Bitencourt Campos, Doutor  
Universidade do Extremo Sul Catarinense



Professora Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Doutora  
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico essa dissertação àqueles que me geraram, me educaram e foram fundamentais na minha vida e me deixaram neste ano de 2017. Minha Mãe: Maria Martins da Silva (*in memoriam*) e meu pai: Francisco Nunes da Silva (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me permitir aos 50 anos, chegar até aqui.

Aos meus pais: Francisco Nunes da Silva e Maria Martins da Silva (in memoriam), pelos ensinamentos e exemplos de vida.

Ao meu companheiro Arcangelo Zomer Alberton, e nossa pequena Luiza Eduarda, pelo apoio e compreensão nas minhas ausências.

A minha filha Manuela Camila, grande incentivadora para a realização deste sonho, meu genro José Carlos e meus netos: Nickolas Manoel e Jonh Brayan, por me acolherem em seu lar todas as semanas, para que eu pudesse estudar.

Ao meu filho Maykon Euclides, minha nora Crislaine e as netas: Karoliny, Ana Luiza, Bianca e Maria Caroline

A minha orientadora Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias, que me transmitiu muito mais que conhecimentos acadêmicos, mas sabedoria pra vida.

Aos idosos Sr. Adão, Sr. Arnaldo, Sra. Nair e Sra. Pedrinha, pela confiança, acolhimento e colaboração para a realização desta pesquisa.

Aos professores, colegas e funcionários do PPGCL, pelo incentivo, apoio e amizade construída.

Ao ex-prefeito Leopoldo Renato Alves dos Santos, “Podinho”, por ter deixado tão imponente patrimônio cultural para Sombrio, ao Jone Cezar de Araújo e Fernando Albalustro, pela construção do Mosaico de Sombrio e por terem sido tão atenciosos ao me passar informações sobre o museu ao ar livre de Sombrio.

Ao Prefeito Zenio Cardoso, pelo apoio.

As minhas colegas de trabalho do CREAS – Centro de Referência Especializado em Assistência Social pelo apoio e compreensão nas minhas ausências.

A bibliotecária Maria Aparecida Batistella, pelo apoio, atenção e confiança.

Ao Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior – FUMDES/UNIEDU, que forneceu o auxílio financeiro para realização desta pesquisa.

A todos, pelo carinho e apoio. Muito Obrigada!

“Tentei escrever na areia, não deu certo, a onda apagou tudo.

Tentei na água ela não aceitou, engoliu todas as vírgulas e pontos de interrogação. Experimentei no papel, mas ele se recusou dizendo que nele só escreviam pessoas letradas, e eu não era.

Pensei então em escrever no ar, mas este é invisível, logo não se veriam as letras. Então recorri ao fogo, mas ele foi cruel e queimou tudo.

Comecei a ficar desesperado, eu tinha que escrever algum recado para o povo, eu sentia que era preciso. Foi então, que me lembrei da pedra.

Deu certo, ela aceitou” (José Fernandes, Zé Diabo).

## RESUMO

O município de Sombrio, no extremo sul de Santa Catarina, guarda em sua paisagem litorânea, um importante legado cultural construído desde tempos pré-coloniais, até o período colonial, com a chegada dos primeiros imigrantes europeus. Parte desse patrimônio está representado nas edificações e mosaicos no calçadão do município. Também está presente na memória dos velhos, cuja narrativa obtida por meio da metodologia da História Oral, trouxe à tona elementos mnemônicos individuais e coletivos, que margeiam e constroem uma história local. O Intercruzamento de sonhos, histórias e narrativas dos velhos com o Patrimônio Material e Imaterial estabelecido pelo poder público de Sombrio, possibilitou dar visibilidade a uma cultura híbrida, dinâmica e ao mesmo tempo líquida e permanente, conforme os paradigmas da pós-modernidade. Para entender como se constitui essa cultura, a pesquisa se pautou na investigação, por meio da metodologia da história oral, sobre o patrimônio representado nos monumentos expostos no calçadão de Sombrio, desde os mosaicos até os monumentos edificadas, afim de entender se essas manifestações faziam parte do universo mnemônico dos velhos. Partiu-se da premissa que os elementos do patrimônio cultural ressaltados pelo poder público, teriam sua raiz em um passado consolidado pela memória dos mais antigos. Para isso, realizou-se um levantamento de campo e documental, onde se buscou compreender com profundidade, quais eram esses elementos. As entrevistas possibilitaram uma visão diferenciada e individualizada do patrimônio local, sem no entanto, perder a noção de coletividade, que estava por trás de cada narrativa apresentada, que retratou um tempo passado, banhado de presente. Como resultado verificou-se que o patrimônio material e imaterial estabelecido pelo poder público de Sombrio, integra a memória dos velhos daquela localidade. A pesquisa qualificou e ampliou a importância da memória e da identidade, que são ressaltadas por meio da linguagem e da cultura de uma sociedade, na construção, ressignificação e valorização do patrimônio cultural local.

Palavras-chave: História Oral. Narrativa do Velho. Patrimônio Cultural. Material e Imaterial.

## ABSTRACT

The municipality of Sombrio in the extreme south of Santa Catarina state, left in its coastal landscape, an important cultural legacy built since pre-colonial times until the colonial period, with the arrival of the first european immigrants. Part of this patrimony is represented in the buildings and mosaics on the boardwalk of the municipality. It is also present in the memory of the old, whose narrative obtained through the methodology of Oral History, brought to the fore elements mnemonics individual and collective, that border and build a local history. The interlocking of dreams, stories and narratives of the old with the Material and Immaterial Patrimony established by the public power of Sombrio, made it possible to give visibility to a hybrid culture, dynamic and at the same time liquid and permanent, according to the paradigms of postmodernity. To understand how was this culture, the research guided in the investigation, through the methodology of oral history, about the heritage represented in the monuments exhibited in the promenade of the Sombrio, from the tiles up to the monuments built, in order to understand if these manifestations were a part of the universe mnemonic of the old. We start from the premise that the elements of the cultural heritage highlighted by the public power, have their root in a past consolidated by the memory of the oldest. For this, it conducted a field survey and documentary, where he sought to understand in depth, what were these elements. The interviews enabled a vision is differentiated and individualized from the heritage place, without, however, losing the notion of collectivity, that was behind each narrative presented, which portrayed a time in the past, bathed in this. As a result be found that the material and immaterial heritage established by the public power of Sombrio, integrates the memory of old people of that locality. The search qualified and expanded on the importance of memory and identity, which are highlighted through the language and culture of a society, in the construction, re-signification and valorization of the cultural heritage site.

Keywords: Oral History. Narrative of the Old. Cultural Heritage. Material and Immaterial.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Região da AMESC .....	27
Figura 2 – Cantoria de Terno de Reis em Sombrio .....	32
Figura 3 – Apresentação do Boi de Mamão .....	33
Figura 4 – Dança da quadrilha na festa junina do CITI – Terceira idade – Sombrio/SC.....	34
Figura 5 – Dança da Jardineira ou do Arco das Flores – Terceira idade – Sombrio/SC.....	35
Figura 6 – Dança do Pau de Fita .....	36
Figura 7 – Chaleira Ambulante – Símbolo do Arraial Fest.....	37
Figura 8 – 4º Arraial Fest, ano de 1996 – Na Avenida Getúlio Vargas .....	38
Figura 9 – 14º Arraial Fest ano de 2014.....	39
Figura 10 – Grupo carnavalesco: Carijós .....	40
Figura 11 – Grupo carnavalesco: 10ª do Jacaré.....	40
Figura 12 – Decoração do Arraial Fest.....	41
Figura 13 – Mascotes do Arraial Fest.....	41
Figura 14 – Pirão de Peixe.....	42
Figura 15 – Rosca de Polvilho.....	43
Figura 16 – Tear de Tapeçaria.....	45
Figura 17 – Tapete pintado .....	46
Figura 18 – Pão-por-Deus .....	47
Figura 19 – Vista parcial do calçadão e as representações culturais de Sombrio .....	48
Figura 20 – Preparando a Avenida Nereu Ramos para a construção do Calçadão .....	50
Figura 21 – Edificação do Calçadão.....	50
Figura 22 – Seleção das Pedras para o Mosaico.....	51
Figura 23 – Iniciando a Colocação dos Primeiros ladrilhos .....	52
Figura 24 – Surgem as primeiras imagens .....	52
Figura 25 – A História sendo Materializada em Mosaico .....	53
Figura 26 – O Encantamento diante da Arte .....	54
Figura 27 – Mosaico 1: PRIMEIROS HABITANTES ÍNDIOS (Projeto).....	54
Figura 28 – Mosaico 1: PRIMEIROS HABITANTES ÍNDIOS .....	55
Figura 29 – Mosaico 2: A CHEGADA DE JOÃO JOSÉ GUIMARÃES (Projeto).....	56
Figura 30 – Mosaico 2: A CHEGADA DE JOÃO JOSÉ GUIMARÃES .....	57
Figura 31 – Mosaico 3: IMIGRANTES AÇORIANOS (Projeto).....	59

Figura 32 – Mosaico 3: IMIGRANTES AÇORIANOS.....	59
Figura 33 – Mosaico 4: COMPOSIÇÃO ÉTNICA (Projeto).....	61
Figura 34 – Mosaico 4: COMPOSIÇÃO ÉTNICA.....	61
Figura 35 – Mosaico 5: CHICO DO MATO, AMIGO DOS ÍNDIOS (Projeto).....	62
Figura 36 – Mosaico 5: CHICO DO MATO, AMIGO DOS ÍNDIOS.....	63
Figura 37 – Mosaico 6: BOTO TANSSO (Projeto).....	64
Figura 38 – Mosaico 6: BOTO TANSSO.....	64
Figura 39 – Mosaico 7: ENGENHOS (Projeto).....	66
Figura 40 – Mosaico 7: ENGENHOS.....	66
Figura 41 – Mosaico 8: CESTARIA E OLARIA (Projeto).....	67
Figura 42 – Mosaico 8: CESTARIA E OLARIA.....	68
Figura 43 – Mosaico 9: BOI-DE-MAMÃO E PAU-DE-FITA (Projeto).....	69
Figura 44 – Mosaico 9: BOI-DE-MAMÃO E PAU-DE-FITA.....	69
Figura 45 – Mosaico 10: ARRAIAL FEST (Projeto).....	70
Figura 46 – Mosaico 10: ARRAIAL FEST.....	71
Figura 47 – Mosaico 11: FURNAS (Projeto).....	72
Figura 48 – Mosaico 11: FURNAS.....	72
Figura 49 – Furnas de Sombrio/SC.....	73
Figura 50 – Mosaico 12: OS ROMEIROS DE SÃO SEBASTIÃO (Projeto).....	74
Figura 51 – Mosaico 12: OS ROMEIROS DE SÃO SEBASTIÃO.....	74
Figura 52 – Mosaico 13: PADRE JOÃO REITZ E A REURBANIZAÇÃO (Projeto).....	75
Figura 53 – Mosaico 13: PADRE JOÃO REITZ E A REURBANIZAÇÃO.....	76
Figura 54 – Mosaico 14: SANTO ANTONIO DE PÁDUA – O PADROEIRO (Projeto).....	77
Figura 55 – Mosaico 14: SANTO ANTONIO DE PÁDUA – O PADROEIRO.....	77
Figura 56 – Forno feito de barro.....	79
Figura 57 – Engenho de farinha.....	79
Figura 58 – Tear de aramado.....	80
Figura 59 – Mosaico nos poste de energia.....	80
Figura 60 – Monumentos em arame alusivo ao Pão-por-Deus.....	81
Figura 61 – Potes de Cerâmica.....	81
Figura 62 – Canoa.....	82
Figura 63 – Banco feito com remos das canoas.....	82
Figura 64 – Moinho Antigo.....	99
Figura 65 – Moinho de Farinha movido a energia.....	99

Figura 66 – Tanque de decantação e Secagem de farinha.....	100
Figura 67 – Cerâmica de Tijolos .....	102
Figura 68 – Fabricação de Tijolos .....	102
Figura 69 – Chapéu usado pelos agricultores.....	103
Figura 70 – Confecção do chapéu de palha.....	104
Figura 71 – Monumento representação do Tear.....	104
Figura 72 – Tear de tecer mantas e tapetes.....	105
Figura 73 – Tapetes tecidos em Teares .....	105
Figura 74 – Equipamentos de pesca e utensílios artesanais .....	106
Figura 75 – Grutas de Sombrio .....	107
Figura 76 – Figueira centenária.....	108
Figura 77 – Igreja de São Sebastião .....	109
Figura 78 – Imagem de São Sebastião .....	110
Figura 79 – Concentração de pessoas na Festa de São Sebastião .....	110
Figura 80 – Padre João Reitz – Pároco de Sombrio (1938-1974).....	111
Figura 81 – Primeira Igreja – Paróquia de Sombrio.....	112
Figura 82 – Capa do Livro – Paróquia de Sombrio.....	113
Figura 83 – Batismo de Santo Antônio .....	114
Figura 84 – Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua em Construção.....	114
Figura 85 – Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua (Atual) .....	115

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL E SEU PAPEL POLÍTICO NO MUNDO PÓS-MODERNO .....</b>	<b>15</b>
2.1	PATRIMÔNIO CULTURAL: A TRANSFORMAÇÃO DE UM CONCEITO .....	15
2.2	NORMAS E CONVENÇÕES: A PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA PERSPECTIVA INTERNACIONAL E NACIONAL .....	21
2.3	DISCUSSÃO .....	26
<b>3</b>	<b>SOMBRIO HISTÓRICO: O RETRATO DE UMA COMUNIDADE HÍBRIDA .....</b>	<b>27</b>
3.1	A HISTÓRIA DE SOMBRIO .....	27
3.2	AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE SOMBRIO .....	30
3.2.1	Folgedos: Terno de Reis e Boi de Mamão.....	31
3.2.2	Folgedos: Danças folclóricas .....	34
3.2.3	Arraial Fest .....	36
3.2.4	Gastronomia (Culinária) e Medicina Popular.....	42
3.2.5	Artesanato .....	44
3.2.6	O Pão-por- Deus .....	46
3.3	CALÇADÃO DE SOMBRIO: SUA HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO .....	47
3.4	DISCUSSÃO .....	83
<b>4</b>	<b>MEMÓRIA DE VELHO: A NARRATIVA COMO LINGUAGEM MNEMÔNICA</b>	<b>85</b>
4.1	MEMÓRIA E NARRATIVA .....	85
4.2	HISTÓRIA ORAL: A LEMBRANÇA COMO LINGUAGEM.....	89
4.3	METODOLOGIA E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	94
4.3.1	Metodologia.....	94
4.3.2	Procedimentos de coleta dos dados.....	95
4.3.3	Análise das entrevistas .....	96
4.4	DISCUSSÃO .....	116
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>119</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>123</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>132</b>
	<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Buscar nos mais velhos um pouco da sua história e se interessar pelo passado que muitas vezes já estava esquecido, é desafiador. Perceber o brilho no olhar daquele que relembra, ou um silêncio diante de um fato histórico é gratificante. Desligar o gravador para ouvir um segredo nunca antes contado a ninguém e mesmo que este traga o compromisso do silêncio, do proibido registrar, ainda assim, é um privilégio, pela confiança, pela cumplicidade no trabalho, pelo envolvimento e vínculo criado durante as narrativas. Essas sensações tivemos o privilégio de sentirmos, ao sentar e ouvir as histórias e os sonhos dos velhos<sup>1</sup> de Sombrio.

Não é possível passar pelo tempo com suas marcas e acontecimentos culturais e relegar aos mais jovens, tudo o que fez parte da memória e da identidade dos seus avós, bisavós, da sua comunidade social (BOSI, 1994). Entretanto, sabe-se que as relações humanas estão cada vez mais fragilizadas, como o próprio Bauman (2004) faz referência ao dizer que o amor e o tempo estão sendo mais líquidos, com modelos diversificados de relações sociais.

Podemos nos questionar, como atualmente ocorrem as relações entre o velho e o patrimônio cultural? Como se estabelece essa relação? Como o velho (representante do passado que vive no presente) vê e interage com os elementos do patrimônio (que fazem parte do passado, mas também estão no presente)?

Bobbio (1997, p. 30) fala que “o mundo dos velhos, de todos os velhos, é de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória”. Se para o velho, o tempo futuro é breve, talvez tenhamos o compromisso de manter viva as lembranças do passado, e tudo o que representa o mundo aonde eles viveram a maior parte do tempo. É preciso ouvir o que eles nos têm a contar.

Diante disso, entende-se que a memória é uma das formas de garantir que cada história permaneça viva, e que os mais velhos possuidores desse conhecimento histórico e social, possam contribuir para a manutenção de elementos, que podem na atualidade estar invisibilizado ou desconsiderado pelos grupos atuais. É preciso refletir sobre memória social, quer seja ela individual ou coletiva, e a forma como ela vem se articulando nas representações sociais. Esta pesquisa propõe inferir sobre como o patrimônio cultural local marcou a vida e a formação destas pessoas, bem como compreender quais foram os elementos e as manifestações culturais que se destacaram na constituição da memória, quer sejam elas individuais ou coletivas, presentes no município de Sombrio.

---

<sup>1</sup> O termo “velho” é utilizado baseado em Bosi (1994).

A cultura local, modificada e (des) construída pelo tempo, continua guardada nas memórias dos que vivenciaram um tempo diferente, telúrico e orgânico. Diante disso, se pergunta: Será que o patrimônio cultural material e imaterial, edificados no calçadão de Sombrio, destacados como patrimônio histórico municipal, estão vivos e presentes na memória do idoso desse município? E por outro lado, o município ainda guarda essas memórias, por meio da preservação e valorização desse patrimônio ressaltado pela memória do velho? E este reverte suas lembranças na linguagem essencial dos seus sonhos, do se manter vivo, ainda que perceba que grande parte de sua história foi alterada e até destruída pelo avanço do tempo e transformação das culturas? Para Chauí (1994 apud BOSI, 1994), as lembranças foram bloqueadas pelo avanço do capital, que desmaterializou pistas ou marcos, restando vestígios apenas na memória dos que viveram naquele momento.

O entrevistado quando se depara com uma lembrança passada, muitas vezes percebe a ausência material de algo que ainda está latente na sua memória, [...] “já não existem mais”. Essa frase dilacera as lembranças como um punhal, e cheios de temor, os “homens-memória” (LE GOFF, 1996), entendem que talvez não realizem mais o projeto de ir ao encontro de uma rua, uma casa, uma árvore, elementos que estão guardados nas suas memórias, pois sabem que possivelmente não irão encontrá-las mais, já que a cidade impulsionada pelos preceitos da funcionalidade, demoliram paisagens de uma vida inteira” (CHAUÍ apud BOSI 1994).

Este trabalho avaliou por meio de entrevistas, as narrativas, os sonhos e as lembranças de velhos sobre o patrimônio material e imaterial do município, ainda vivos na memória e constitutivos da identidade dos entrevistados. Benjamin (2012) nos alerta sobre a extinção de contar histórias, e com isso se perde as histórias que nos ensinam antigas formas de narrativas.

Já se extinguíram nas cidades, e também no campo estão em vias de extinção. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Diante deste paradoxo, essa pesquisa buscará compreender como o patrimônio material e imaterial se constrói na memória dos idosos de Sombrio. Os objetivos específicos propostos envolvem: a) Avaliar o papel político do patrimônio material e imaterial no contexto da pós-modernidade; b) Pesquisar o patrimônio cultural material e imaterial do município de Sombrio, a partir do patrimônio destacado no calçadão da cidade; c) Analisar a narrativa dos

velhos sobre o patrimônio cultural material e imaterial de Sombrio; e d) Interrelacionar as narrativas construídas pelos entrevistados sobre o patrimônio cultural local e o legado cultural promovido pelo poder público local.

A metodologia proposta envolve a análise qualitativa das narrativas e o seu intercruzamento com o patrimônio eleito pela municipalidade e materializado no calçadão de Sombrio – SC. O *corpus* da pesquisa é composto por entrevistas temáticas, não estruturadas, realizadas com quatro idosos, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idade superior a 60 anos, localizados nos bairros: São Francisco, Januária e Centro, do município de Sombrio.

Além da Introdução, a dissertação apresenta mais quatro capítulos. No segundo capítulo abordamos o Patrimônio Material e Imaterial e seu papel político no mundo pós-moderno, onde buscamos conhecer o Patrimônio Cultural e a transformação de seu conceito ao longo das mudanças históricas; as normas e convenções nacionais e internacionais que possibilitaram e impulsionaram a preservação, valorização e preservação do patrimônio cultural, e por fim, as discussões sobre essa temática.

No terceiro capítulo apresentamos a representação oficial do patrimônio da cidade de Sombrio, por meio da análise do patrimônio cultural ressaltado no calçadão da cidade, como o mosaico histórico e demais construções, que retratam uma cultura construída desde o período pré-colonial, passando pela chegada dos imigrantes europeus, até as representações mais atuais, apresentando dessa forma, a formação de uma comunidade híbrida. Esse capítulo foi subdividido em quatro seções: na primeira se apresenta de forma sucinta, a história de Sombrio, sua origem e formação política, social e cultural; após são destacadas as manifestações culturais que estão presentes ainda hoje nas escolas, clubes de idosos e festas tradicionais do município; outro ponto destacado é a história e a construção do calçadão, e suas representações da cultura material e imaterial de Sombrio, e por fim as discussões.

No quarto capítulo abordamos os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa. Apresentamos a Memória de Velho e o uso da narrativa como linguagem mnemônica, os conceitos de Memória e Narrativa, e se discutiu a História Oral, como uma metodologia que transforma a lembrança em uma linguagem possível. Ainda nesse capítulo, são apresentadas as entrevistas, onde discorreu-se sobre a metodologia utilizada, os procedimentos de coleta e de análise dos dados. Por último, os resultados e discussões.

Por fim, a conclusão de uma pesquisa, que certamente não está esgotada nesse texto, pois enquanto houver memória, o patrimônio será continuamente ressignificado, se transformando a cada dia, a partir de outros olhares.

## 2 PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL E SEU PAPEL POLÍTICO NO MUNDO PÓS-MODERNO

### 2.1 PATRIMÔNIO CULTURAL: A TRANSFORMAÇÃO DE UM CONCEITO

A palavra patrimônio nos remete a ideia de bens, herança, imóveis adquiridos quer sejam pessoais ou familiares, enfim, há uma infinidade de significados envolvendo essa palavra. Demathé (2014) diz que, originalmente a palavra patrimônio relaciona-se à propriedade, como bem de valor que pode ser transferido ou herdado e busca no antigo direito romano a justificativa. Para Funari e Pelegrini (2006, p. 11), “Patrimônio, é uma palavra de origem latina, *patrimoniun*, que se referia entre os antigos romanos, a tudo que pertencia ao pai, pater, ou pater famílias, pais de família”.

No decorrer do processo histórico, o conceito de patrimônio foi sendo modificado. Desde a sua denominação, que passou de Patrimônio Histórico e Artístico para Patrimônio Cultural, até a sua concepção, quando agregou além de edificações, monumentos e obras de arte, festas, religiosidade, modos de ser e de fazer, meio ambiente urbano; patrimônio ambiental e cultural urbano (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

Essa situação se modificou, a partir dos mecanismos jurídicos que foram sendo criados, a nível internacional, que impulsionaram as transformações em âmbito nacional, possibilitando a inserção de diversos elementos do patrimônio, que antes eram invisibilizado por questões políticas e econômicas (CHOAY, 2001). Com isso, em território nacional, o conceito de patrimônio foi ampliado e muitos bens passaram a ser reconhecidos e concretizados.

No Brasil, o Decreto-Lei de 1937 organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, definindo-o como o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação fosse de interesse público. Quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (BRASIL, 1937), não integrando, dessa maneira, os elementos do patrimônio imaterial. Em nível Internacional, as discussões se deram a partir da primeira Convenção da Conferência Geral da Unesco, ocorrida em 1972, quando se avaliou a diversidade do patrimônio mundial, cultural e natural. “Nesta convenção, subscrita por mais de 150 países, a grande novidade foi considerar que os sítios declarados como patrimônios da humanidade pertenceriam a todos os povos do mundo” (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 25). As leis previam a proteção do

patrimônio cultural tangível, móvel e imóvel. No entanto, ainda não foi nessa convenção que se definiu o conceito de patrimônio imaterial.

A Unesco (2003) definiu patrimônio cultural imaterial ou intangível, assim:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana (UNESCO, 2003).

Influenciada pelos movimentos culturais preconizados pelos órgãos internacionais como UNESCO e ICOMOS, o Brasil avançou no debate com a Constituição Federal de 1988, que ampliou em seu Artigo 216, o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, quando, substituiu a nomeação de Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. Nela se apresentou e definiu o patrimônio cultural brasileiro como sendo:

[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, Art. 216).

O patrimônio material protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2016) é “composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas”.

Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos (IPHAN, 2016).

A Constituição de 1988 estabeleceu ainda, a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, no entanto manteve a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens, sob responsabilidade da administração pública (IPHAN, 2016).

Em 2000, o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto, agregou o patrimônio imaterial, e instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro, criando o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Em seu art. 1º definiu as categorias de estudo:

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (BRASIL, 2000).

Desta forma, cultura imaterial é todo conhecimento transmitido na prática, na forma oral ou por meio de gestos e comportamentos que são passados de geração em geração. Essa transmissão de conhecimento é essencial para a continuidade da cultura, bem como para a construção da identidade de um grupo, povo ou nação. Os bens culturais de natureza imaterial, de acordo com o IPHAN (2012) “dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)”. Assim,

com o objetivo de criar instrumentos adequados ao reconhecimento e à preservação de bens culturais imateriais, que são de natureza processual e dinâmica, tais como as “formas de expressão”, e “os modos de criar, fazer e viver”, citados no Art. 216 da Constituição Federal de 1988, o IPHAN coordenou os estudos que resultaram na edição do Decreto 3.551, de 04 de agosto de 2000, que “institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial”. Nesse mesmo ano, o IPHAN também consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (IPHAN, 2012, p. 19).

Com esses avanços jurídicos, se fortaleceu o conceito e o entendimento de que o patrimônio cultural de um povo não é composto apenas por elementos materiais, mas também por suas manifestações imateriais, que é combinado por práticas, representações, técnicas,

objetos de materialização da cultura imaterial e lugares. Podemos aqui citar algumas manifestações consideradas cultura imaterial, sendo estas: danças folclóricas, rituais religiosos (procissões, festividades de santos) e tantas outras manifestações culturais. Desta forma, a cultura imaterial solidifica-se como memória quando se criam instrumentos de materialização, tais como as festividades religiosas, as imagens de santos, flores, velas, etc. E são exatamente estes acontecimentos que ficarão na memória e na história do povo (IPHAN, 2012).

De acordo com Mattar (2012, p.33), “o reconhecimento internacional de que os bens e serviços culturais não devem ser considerados mercadorias, ou bens de consumo, repousa no entendimento de que aqueles são portadores de identidade, valores e sentido”.

Ao longo do tempo, o tratamento jurídico e político dado à cultura vem se transformando. A cultura passa a ser um valor a ser preservado e, por isso, a proteção dada aos bens culturais difere daquela dada aos bens de consumo. E, como valor, a cultura deixa de ser uma representação exclusiva da soberania e poderio dos Estados, que tanto se notabilizam por suas megas construções, símbolos e ícones (MATTAR, 2012, p.33).

O Brasil possui grande diversidade cultural, sua história foi construída por vários grupos étnicos, que contribuíram para a sua formação cultural, entre eles, podemos citar os indígenas, portugueses, holandeses, italianos, africanos, árabes, japoneses, judeus, ciganos, entre outros (IPHAN, 2012).

As culturas que essas pessoas trouxeram nos seus modos de ser, nas suas visões de mundo, nas suas memórias, foram transformadas no contato com outras culturas já aqui presentes e também causaram transformações nessas culturas. Dessa forma participaram da formação da cultura brasileira, tão plural e ricamente diversa (IPHAN, 2012. p. 09).

Já na legislação do Estado de Santa Catarina o patrimônio cultural foi definido por meio do Decreto nº 2.504, de 29 de setembro de 2004, que instituiu as formas de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial ou Intangível.

Art. 1º Institui as formas de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial ou Intangível que constituem o Patrimônio Cultural de Santa Catarina.

§ 1º O registro dos bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural catarinense será efetuado em quatro livros, a saber:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas.

§ 2º Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural catarinense e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo anterior (SANTA CATARINA, 2004).

E na Lei Orgânica do Município de Sombrio, de 06 de abril de 1990, no capítulo VII, na seção II, o art. 143, diz que o “Município deverá guiar-se pela concepção de cultura como expressão de valores e símbolos sociais, que perpassam as diferentes atividades humanas, incluindo as expressões artísticas como forma de manifestação cultural do povo”.

O art. 144 indica que caberá ao Poder Público Municipal elevar a cultura da sociedade garantindo a todos o pleno exercício dos direitos culturais, sobretudo:

- I- Liberdade na criação e expressão artística;
- II- Livre acesso à educação artística e desenvolvimento da criatividade;
- III- Amplo acesso a todas as formas de expressão cultural, visando a ampliar a consciência crítica do cidadão, fortalecendo-o enquanto agente cultural transformador da sociedade.
- IV- Acesso as informações e memória cultural do povo;
  - a) Criação da casa da cultura;
  - b) Criação do museu municipal (PREFEITURA MUNICIPAL DE SOMBRIO, 1990).

O art. 145 ressalta que de acordo com a Lei serão considerados passíveis de tombamentos e proteção: as obras, objetos, documentos, edificações e monumentos naturais que contém a memória cultural dos diferentes segmentos culturais do município. Já o art. 146, indica a necessidade do estímulo ao desenvolvimento das ciências, letras e artes, subvencionando pesquisas de relevante interesse e premiando obras e trabalhos apresentados em concursos promovido pelo Governo, em colaboração com as entidades representativas do meio artístico-cultural. No art. 147, observou-se o estabelecimento de incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais, garantindo as tradições e costumes das diferentes origens da população<sup>2</sup> (PREFEITURA MUNICIPAL DE SOMBRIO, 1990).

Diante dessas concepções que se completam, pode-se definir Patrimônio Cultural como tudo que é produzido pelas sociedades em tempos e espaços diferentes, retratando a idiossincrasia de cada povo e de cada momento histórico vivenciado pelas sociedades (BAUMAN, 2004; FUNARI, 2006). Para Ingold (2006, p. 18), “a história não é tanto um movimento no qual os seres humanos fabricam a sociedade, mas um movimento no qual os seres humanos se fazem crescer uns aos outros”. Nesse movimento, as memórias se inter cruzam

---

<sup>2</sup>Numeração dada pela Emenda à Lei Orgânica nº. 8, de 2000 nos artigos 143, 144, 145, 146 e 147.

com o que restou de um tempo, se transformam pelo que está posto no tempo presente, ressignificando tanto o patrimônio cultural material, quanto o imaterial.

Para Bosi (1994), o ato de lembrar é fundamental na ressignificação da própria vida e também do reconhecimento de si mesmo, pois quando buscamos nas narrativas a história de vida de cada indivíduo ela se entrelaça às dos patrimônios, remetemo-nos a dimensões subjetivas, próprias de cada pessoa.

Se hoje há políticas de conservação de monumentos, e atualmente, há uma maior preocupação em nossa sociedade com esse tipo de patrimônio, é por que os paradigmas da contemporaneidade produziram a necessidade de se conservar o conjecturável passado, como forma de produzir lembranças (BOSI, 1994). Para Dosse (2003), a presentificação da modernidade, está presa à globalização de informações e ao seu ritmo acelerado. Esse movimento “apoderou-se do tempo presente, a ponto de modificar a relação passada com o presente” (DOSSE, 2003, p. 173).

As relações entre Patrimônio, História e Memória tem se tornado nos últimos tempos, cada vez mais necessárias, talvez, daí a preocupação em preservar e criar tantas leis de proteção desses elementos. No entanto, percebe-se que o movimento nem sempre parte da base, das comunidades de entorno, mas dos governos que preocupam-se em instituir o que deve ser preservado, gerando dessa forma, um conflito que promove, por um lado, a desestruturação da memória local, afetando dessa forma nos elementos da cultura imaterial; e por outro, a destruição de bens materiais que caracterizam períodos distintos da história local. Demathé (2014, p. 53) diz que, “o que se preserva é chancelado pelo Estado a partir de um projeto identitário, no qual o passado só tem sentido quando utilizado a serviço do presente”.

O diálogo deve ocorrer para que haja o consenso entre as partes interessadas: Sociedade e Estado. Somente assim, poderemos garantir que as gerações futuras tenham acesso a sua história a partir das várias nuances que a compõe. Uma das formas são leis reguladoras e discussões, que ocorreram ao longo da história, por meio de convenções e cartas, que serão apresentadas no item seguinte.

## 2.2 NORMAS E CONVENÇÕES: A PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA PERSPECTIVA INTERNACIONAL E NACIONAL

O primeiro documento com recomendações internacional foi a Carta de Atenas, em 1931, que indicava a conservação e utilização dos bens culturais. Procurou discutir a racionalização de procedimentos em arquitetura, bem como as normas e condutas de caráter internacional e universal, quanto à preservação e conservação de edificações. Esta carta indicava a proteção do patrimônio histórico e culturas anteriores, bem como, preservar as características históricas e culturais dos monumentos urbanísticos propondo ainda, uma política de responsabilidade dos Estados, cabendo a estes a criação de leis que assegurasse a preservação dos seus patrimônios.

Suas premissas conceituais geravam em torno do “Urbanismo Racionalista”, considerando como prioridade, o planejamento regional, a infraestrutura, a utilização do zoneamento, a verticalização das edificações, além da industrialização dos componentes e a padronização das construções, dando novos rumos a urbanização (IPHAN – CARTA DE ATENAS II, 1933).

Embora os Estados Unidos tenham sido os primeiros a proteger seu patrimônio natural, na primeira Conferência Internacional para a Conservação dos Monumentos históricos, de Atenas, só participaram os países europeus (CHOAY, 2001, p. 14).

Em 1956, aconteceu a Conferência Geral da UNESCO – Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, na cidade de Nova Deli, na Índia. Nesse encontro foram elaborados documentos que definiram princípios internacionais a serem aplicados às escavações arqueológicas. Esse documento regulava a proteção do patrimônio arqueológico, e recomenda aos Estados a elaboração de medidas práticas para a promoção, controle e boas práticas nas investigações arqueológicas (DEMATHÉ, 2014).

Tais determinações deveriam formar, permanentemente, uma organização administrativa composta por um corpo técnico eficiente a fim de garantir a boa conservação dos objetos, bem como, criar junto aos sítios arqueológicos, pequenas instituições de cunho educativo – possivelmente museus – onde seriam realizadas ações educativas, a fim de promover o respeito, o conhecimento e a divulgação do patrimônio cultural local (IPHAN, 2017).

Outra conferência de grande importância aconteceu em Veneza – Itália, em 1964, e teve a participação de três países: Tunísia, Peru e México. A discussão girou em torno da conservação e restauração dos monumentos, para melhor proveito destes para a sociedade. A Carta de Veneza, além de apontar os eixos norteadores, com relação a prática de conservação e restauro, apresentava o bem cultural como um suporte imbuído de significados e histórias e daí a importância do envolvimento multidisciplinar nos processos de conservação, restauro e utilização (IPHAN – CARTA DE VENEZA, 1964).

Os princípios básicos da conservação e dos restauros dos bens culturais devem ser elaborados em comum acordo e formulados internacionalmente, embora seja de responsabilidade de cada país sua aplicação dentro de cada realidade cultural, respeitando sempre suas tradições (IPHAN, 2017).

Entre as aprovações do texto deste Segundo Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, que ocorreu em Veneza, no mês de maio de 1964, algumas definições são destacadas, entre elas, a “noção de monumento” e como deve ocorrer a sua “restauração”.

Artigo 1º – A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só as grandes criações, mas também as obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural (IPHAN – CARTA DE VENEZA, 1964).

Já no que concerne a restauração, à carta define no artigo 9º como:

A restauração é uma operação que deve ter caráter excepcional. Tem por objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamenta-se no respeito ao material original e aos documentos autênticos. Termina onde começa a hipótese; no plano das reconstituições conjecturais, todo trabalho complementar reconhecido como indispensável por razões estéticas ou técnicas destaca-se da composição arquitetônica e deverá ostentar a marca do nosso tempo. A restauração será sempre precedida e acompanhada de um estudo arqueológico e histórico do monumento (IPHAN – CARTA DE VENEZA, 1964).

Nota-se aqui, a preocupação para que toda restauração, respeitasse os aspectos históricos e estéticos, conservando sempre a autenticidade dos monumentos, dando garantias de preservação do patrimônio histórico.

Tendo conhecimento da importância do patrimônio arqueológico para a humanidade, surge a necessidade de uma cooperação internacional, para enunciar e fazer respeitar os parâmetros de gestão desse patrimônio. Então, em 1990, a Carta de Lausanne vem

garantir que a proteção do patrimônio arqueológico seja fundada numa cooperação efetiva entre os mais diversos especialistas de múltiplos conhecimentos, e ainda, exigir que haja uma colaboração de pesquisadores, empresas públicas e privadas, bem como de toda a sociedade.

Segundo o IPHAN (2017, p. 01), essa carta “enuncia princípios aplicáveis ao inventário, prospecção, escavação, documentação, pesquisa, preservação, reconstituição, informação, exposição e apresentação ao público e uso do patrimônio arqueológico”.

A carta de Lausanne também define o “patrimônio arqueológico”, como a porção do patrimônio material no qual os métodos de arqueologia proporcionam os conhecimentos básicos. E inclui “todo e qualquer vestígio da existência humana e estende-se aos lugares onde há indícios de movimentação humana, inclusive estruturas e vestígios, na superfície, subsolo, sob as águas, bem como todo material a eles associados” (IPHAN – CARTA DE LAUSANNE, 1990, p. 02).

Mas foi somente na 11ª Assembleia Geral do ICOMOS, em Sófia – Bulgária, datada de 1996, que houve uma maior discussão sobre a proteção e gestão do patrimônio na sua pluralidade:

A defesa do pluralismo cultural, o respeito ao patrimônio alheio e do repúdio à intolerância constituirá, assim, um imperativo ético universal. Esta defesa, essencial para a manutenção da paz, deve manifestar-se entre os diversos países e em cada país, respeitando a origem heterogênea das populações, incluindo as minorias étnicas, religiosas e linguísticas (IPHAN – DECLARAÇÃO DE SOFIA, 1996).

Com isso, se percebeu que para propiciar uma ação de importância universal, o ICOMOS buscou avançar no exercício de uma tríplice missão, de assessorar cientificamente, difundir a reflexão, bem como os métodos e novas tecnologias vigentes. Sua atuação foi no intuito de organizar de forma operacional na maior parte das nações, como condição distinta da UNESCO.

A Carta de Fortaleza foi subscrita em novembro de 1997, em comemoração aos 60 anos de criação do Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Na ocasião, o seminário “Patrimônio Imaterial: Estratégias e Formas de Proteção” reuniu inúmeras instituições públicas e privadas da UNESCO, bem como representantes de toda sociedade (IPHAN, 2017).

O maior propósito deste evento foi recolher elementos que permitissem a elaboração de normas e instrumentos legais com o intuito de identificar, proteger, promover e impulsionar os processos e bens que fazem referência à identidade, ações e memórias das mais diferentes corporações da sociedade brasileira.

A outra Carta patrimonial importante foi a de Mar Del Plata, elaborada em junho de 1997 e teve como foco o Patrimônio Intangível. Organizada pelo CICOP Argentina, e o órgão da municipalidade de General Pueyrredon, teve como objetivo legitimar as aspirações do povo, bem como sustentar-se sobre a multiplicidade dos sistemas e subsistemas culturais presentes no Mercosul.

A discussão girou em torno da preocupação e das implicações que poderiam sofrer as identidades em processo de globalização, bem como, a forma de tratamento e salvaguarda do patrimônio intangível, o qual materializa-se nas mais variadas manifestações culturais (IPHAN, 2017).

Para Lordello e Lacerda (2010), o processo de globalização é um desafio para a diversidade cultural, uma vez que as novas tecnologias são apontadas como facilitadoras da globalização, enquanto configura um aparente paradoxo: “O de que a globalização represente um desafio para a diversidade cultural, e, ao mesmo tempo, que deva ser considerada como um ensejo para o diálogo entre as culturas e as civilizações” (LORDELLO; LACERDA, 2010, p. 02).

O Conselho Andino de Ministros das Relações Exteriores da Comunidade Andina aconteceu em maio de 1999, em Cartagena de Índias – Colômbia, onde discutiu-se sobre a proteção e recuperação de bens culturais do patrimônio arqueológico, histórico, etnológico, paleontológico e artístico da Comunidade Andina (IPHAN, 2017).

Cientes de que toda defesa e preservação dependem do respeito pelos seus ancestrais e suas raízes identitárias, e receosos com os efeitos nocivos das importações e exportações de bens culturais, buscaram-se medidas que coibissem e impedisse a importação, exportação como também, a transferência ilícita de propriedades de bens culturais.

De 15 de outubro a 03 de novembro de 2001, aconteceu em Paris a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que amplia a ideia de patrimônio cultural da humanidade, incluindo nesse documento o patrimônio cultural subaquático.

A Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial aconteceu em 17 de outubro de 2003, em Paris, e reconheceu que:

[...] as comunidades, em especiais as indígenas, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos desempenham um importante papel na produção, salvaguarda manutenção e recriação do patrimônio cultural imaterial, assim contribuindo para enriquecer a diversidade cultural e a criatividade humana (IPHAN, 2017, p. 1).

O documento considerou de grande importância o patrimônio cultural imaterial como base da diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável (IPHAN, 2017), além de julgar que o patrimônio cultural imaterial se correlaciona com o patrimônio cultural e, reconhecendo que tanto a globalização, quanto as transformações sociais geram manifestações de intolerâncias, colocando em risco de deterioração, destruição e desaparecimento do patrimônio cultural imaterial, por isso a importância da salvaguarda.

Por isso, o estabelecimento de acordos, recomendações e resoluções internacionais no que tange o patrimônio cultural imaterial, deveriam ser mais debatidas, enriquecidas, complementadas, além de sensibilizar as novas gerações para o respeito e a importância desse patrimônio e sua salvaguarda. Compreendendo que salvaguarda são providências e deliberações que visam garantir a praticabilidade do patrimônio cultural imaterial, bem como identificá-los, documentá-los, preservá-los, promovendo, dessa forma a sua valorização e transmissão, por meio de ações de cada Estado, que deverá empreender esforços para assegurar a salvaguarda de seus patrimônios.

A carta de Olinda ocorrida em Novembro e Dezembro de 2009, na Chapada do Araripe, teve como foco avaliar o desempenho das primeiras Casas do Patrimônio e elaborar diretrizes para o seu bom funcionamento. Segundo o IPHAN (2017),

a proposta das Casas do Patrimônio se fundamenta na necessidade de estabelecer novas formas de relacionamento entre o Iphan, a sociedade e os poderes públicos locais, pois, além de informar e dialogar sobre as atividades e rotinas administrativas da instituição, buscará investir em ações de qualificação e capacitação de agentes públicos e privados e de promoção do patrimônio cultural como um dos pilares do desenvolvimento sustentável, capaz de gerar renda e de atuar a partir de noções ampliadas do patrimônio (IPHAN, 2017, p. 3).

Além destas, outras considerações ocorreram no documento de Olinda, como: ações educativas a partir de diferentes perspectivas e abordagens; a propagação do entendimento do conceito, bem como a ampliação de noções de patrimônio, museologia social e crítica, educação dialógica e de arte e cultura. E para tal, conceituou-se:

A Casa de Patrimônio tem por objetivo constituir-se como um espaço de interlocução com a comunidade local, de articulação institucional e de promoção de ações educativas, visando fomentar e favorecer a construção do conhecimento e a participação social para o aperfeiçoamento da gestão, proteção, salvaguarda, valorização e usufruto do patrimônio cultural (IPHAN, 2017, p. 5).

As discussões, estudos e estratégias das cartas em diversos países, inclusive a nível nacional, foram importantes para garantir sobretudo informações, divulgação e conscientização

dos valores patrimoniais. A partir destes documentos, muitos outros foram sendo elaborados, a fim de subsidiar diretrizes que garantissem a proteção e preservação dos patrimônios culturais tanto materiais quanto imateriais. Além de equipes de gestão que ajudaram a elencar regras e formulações de planejamentos para garantir pesquisas e salvaguarda dos patrimônios materiais e imateriais, com as especificidades e idiosincrasias presentes em cada povo.

### 2.3 DISCUSSÃO

Preservar o patrimônio cultural de uma coletividade, deve ser um compromisso social de todos os cidadãos, e este exercício ultrapassa as questões políticas, econômicas e legais. Deve ser um comprometimento que nos remete as questões sociais, de identidade e de pertencimento comunitário. Se ao longo do processo histórico o conceito de patrimônio foi se modificando, também a sociedade foi mudando sua maneira de ver, de proteger, de salvaguardar e de relacionar-se com tudo o que representa sua história, seu legado.

Choay (2001) diz que são as diferentes relações que mantém entre si homens e monumentos, monumentos históricos e o tempo, memória e o saber, que irão determinar uma maior multiplicidade na sua conservação. “A comunidade é a maior guardiã de seu patrimônio” (LACERDA, 2012, p. 57). Lacerda (2012), ainda ressalta que na maioria das vezes, ainda que de forma aparente e dissimulada, proprietários e órgãos públicos, justificam insciência as leis de proteção específica a um determinado bem, por isso torna-se necessário que mais pesquisas sejam impulsionadas no sentido de garantir que os acervos, os patrimônios edificados e a representações imateriais, de maneira geral, sejam protegidos, para que a memória permaneça viva e perpassem outras gerações.

Talvez o grande desafio esteja na continuidade da discussão, na elaboração de outros documentos, na oxigenação de ideias onde se percebe as mudanças sociais latentes, com os apelos de grupos até então pouco visíveis na sociedade. Nesse sentido é fundamental a participação de todos, comunidade, entidades e instituições que não devem medir esforços para colocar a mostra toda a cultura presente na sociedade.

### 3 SOMBRIO HISTÓRICO: O RETRATO DE UMA COMUNIDADE HÍBRIDA

#### 3.1 A HISTÓRIA DE SOMBRIO

Sombrio é um município do extremo sul de Santa Catarina, que está localizado às margens da BR 101. Limita-se ao norte com os municípios de Ermo e Araranguá, à leste como o município de Balneário Gaivota, a oeste com Jacinto Machado e ao sul com o município de Santa Rosa do Sul, ficando próximo da fronteira com o Rio Grande do Sul aproximadamente 31 km. Faz parte da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC), juntamente com mais 14 municípios.

Figura 1 – Mapa da Região da AMESC



Fonte: Sul – SC<sup>3</sup>.

O nome do município sempre foi alvo de críticas despertando também muita curiosidade tanto nos moradores, quanto em seus visitantes (FARIAS, 2000). Na tradição oral contemplam-se duas versões: a primeira relaciona-se à abundância de figueiras que sempre fizeram parte da paisagem do município, formando excelentes abrigos nos dias ensolarados. Os viajantes que por ali passavam, escolhiam parar a sombra destas figueiras para seu descanso, principalmente após percorrer muitas léguas. A segunda relaciona-se ao fato dos viajantes associarem o local ao movimento das águas do Rio da Laje, “[...] identificando a área de repouso

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.sul-sc.com.br/afolha/cidades/map/mamesc.htm>>. Acesso em: 25 Ago. 2017.

como sendo ‘sombra do rio’, que evoluiu para Sombrio: local da sombra sobre o rio” (FARIAS, 2000, p. 31-32).

Tal hipótese parece ser a mais lógica, pois o nome Sombrio não é mencionado em documentos antigos dos primeiros desbravadores, o que indica que foi colocado por pessoas que usavam a região como caminho de passagem. Os tropeiros eram estes viajantes rotineiros da região, tangendo o gado dos campos gaúchos para São Paulo, utilizando esta trilha em sua caminhada (FARIAS, 2000, p. 31).

A história de Sombrio sempre foi povoada por fatos inusitados. Juventino Pereira, aos 72 anos de idade, foi um dos primeiros a contar a história do município, quando publicou em 1972, o livro: “SOMBRIO: sua origem, seu povo e tradição” com uma tiragem de 500 exemplares. Este livro foi reeditado em 2015, por seu filho Aurelino da Cunha Pereira, como parte do livro: “Na fuga do Lobo Guará”.

A colonização europeia do município teve início com a chegada do açoriano João José Guimarães. Muito antes, as terras eram habitadas por índios Xokleng e Carijós. Para Farias (2000, p. 091), “a ocupação humana de Sombrio é tão antiga quanto à presença dos indígenas no litoral catarinense. Segundo pesquisas arqueológicas, já havia índios na região litorânea de Santa Catarina há pelo menos 1.500 anos, [...]”. Pesquisas recentes recuam essa data para 6000 anos antes de Cristo, com data obtida nos sambaquis da região sul de Santa Catarina (DEBLASIS et al, 2014).

Como parte da ação colonizadora lusitana, milhares de colonos portugueses foram assentados ao longo da costa Sul americana em meados do século XVIII, dentre eles da família Monteiro de Guimarães, originalmente agricultores no Norte de Portugal. [...] no início do século XIX emigra de Laguna para o Rio Grande do Sul e de lá para o Sul de Santa Catarina, se tornando o primeiro morador da margem Norte da Lagoa do Sombrio (COELHO, 2003, p. 9).

A história de ocupação das terras sombriense se deu após muitos acontecimentos ocorridos com a família de João José Guimarães. Fugidos da cidade portuária de Laguna em 1810 para os pampas gaúchos, só receberam as terras requeridas em 1833.

João José foi, o primeiro proprietário de terras sombriense, adquirindo do Estado, em 1833, vasta extensão de terras com 1130 braças de frente por 3000 de fundos, indo do litoral até o travessão geral (PEREIRA, 2015. p. 121).

Em 1846, Serafim Antônio da Cunha, recebeu as terras que margeavam a lagoa do Morro Sombrio, próximas as grutas, conforme relata Coelho (2003) no livro: “Assim Nasceu Sombrio”.

Em 14 de agosto de 1846, o governo concedeu a Serafim Antônio da Cunha, a pedido de João José Monteiro de Guimarães, uma área equivalente a 350 hectares ao Sul de Laguna, “Num local conhecido como Morro Sombrio”. As terras margeavam a Lagoa do Morro de Sombrio, e ficavam próximas as grutas tão apreciadas por João José. Novamente uma propriedade seria erguida às margens de uma lagoa, como suas três moradas anteriores, próximas a Lagoa do Santo Antônio dos Anjos, em Laguna, a Lagoa do Manoel Bento, em Cornélios e a Lagoa da Itapeva, em Areias Brancas (COELHO, 2003, p. 243).

Consta nas histórias relatadas que ali mesmo, próximo ao Morro das Grutas, o novo morador entrou em contato com os índios Carijó,

[...] pouco depois de ter começado a cortar um cipó que estava preso a uma figueira ouviu um grito estridente e um zunido. Um segundo grito e um segundo zunido foram seguidos por uma forte fígada na perna. Com a pistola em punho não conseguia ver nada, a não ser uma perna transposta por uma flecha. Atirou duas vezes a esmo e percebeu que há apenas 30 metros alguns jovens indígenas corriam morro abaixo. Foi o primeiro contato de João José com os Carijó de Sombrio (COELHO, 2003, p. 248).

Os relatos de contatos pouco amistosos entre colonizadores e indígenas são constantes na região da encosta da serra catarinense. Sabe-se da presença de grupos de homens, conhecidos como bugreiros, que eram contratados pelos imigrantes para caçar os indígenas. O principal argumento desse tipo de ação, era a total ausência da intervenção do governo no relacionamento dos povos que estavam chegando, com os povos que habitavam há pelo menos mil anos aquela localidade (FARIAS, 2000; FARIAS, 2005).

A história política do município se solidificou em 1914, quando Sombrio foi elevado à condição de distrito do município de Araranguá, ocasião esta que lhe garantiu um cartório e seu primeiro escrivão distrital o Sr. Manoel Francisco Scheffer. Entretanto, “após sua morte, uma série de divergências políticas fez com que o município perdesse esta condição, para somente mais tarde em 1926, ser novamente reconhecido como distrito” (COELHO, 2003, p. 288). Em 1953 a Assembleia Legislativa desmembrou os “distritos de Sombrio e Passo do Sertão do município de Araranguá, para formarem um Município autônomo e definiu por gentílico sombriense” (IBGE, 2016).

A economia que movimentou por muito tempo o município de Sombrio ocorreu por meio da agricultura, pecuária e a fabricação de farinha, açúcar e cachaça. Mas foi o gado trazido da serra, que abriu os primeiros caminhos próximos as margens da Lagoa de Sombrio, que posteriormente fizeram parte do traçado que deu origem a BR 101.

### 3.2 AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE SOMBRIO

Sombrio possui uma cultura de base açoriana, integrada a todo o litoral catarinense (FARIAS 2000). Essa cultura tem sua gênese com a chegada dos primeiros casais açorianos a Ilha de Santa Catarina, no dia 06 de janeiro de 1748. Com eles vieram uma dinâmica sócio-cultural inerente aos padrões dos Açores, que interferiram de forma decisiva para as características recentes em uma área cultural que envolve 45 municípios litorâneos que possuem em sua base, a cultura açoriana. Nessa área geográfica, concentram-se as principais características socioculturais do grupo, que se constituem desde a forma de falar, tratar a terra, contação de histórias de bruxas e mulas-sem-cabeça, até a intensa religiosidade propagada pelas mais diversas igrejas e festas, como as do Divino Espírito Santo (GERAQUE, 2003; ALVES; LACERDA, 2012).

Em Sombrio, a relação da população com a religiosidade é intensa. Trazida pelos antepassados que já vinham de uma cultura cristã, foi materializada pelas construções de capelas de pau a pique, onde se realizavam os diversos ritos católicos, aplicados aos cristãos e aos não cristãos, que eram então, catequizados (ROSA, 2012).

[...] conforme o conhecimento e a mentalidade da época, só se salvava quem fosse batizado com o batismo cristão. Daí a preocupação dos “europeus que vinham realizar posse de terra”, de virem acompanhados de missionários para desempenharem a tarefa de batismo e conversão dos nativos que aqui viviam (ROSA, 2012, p. 132).

Consta ainda nos relatos, que os primeiros padres que vieram para terras sombrienses foram os Freis Bernardo de Armenta e Alonso Lebron, Franciscanos chegados de Buenos Aires em 1537. A primeira construção religiosa de Sombrio foi uma capela inaugurada em 13 de junho de 1918.

[...] Nesse dia Padre Antônio Luiz Dias, benzeu a imagem de Santo Antônio, esculpida pelo artista Henrique Mueller, de Caxias do Sul, conseguida através de donativos de senhoras sombrienses; custou C\$ 90,00 (noventa mil réis). Esta imagem durou até após a procissão do ano de 1945, quando por infelicidade caiu no chão e se quebrou (ROSA, 2012, p.134).

Os portugueses cultivavam grande devoção a Santo Antônio de Lisboa, mas por influência do Pe. João Reitz, descendente italiano, o padroeiro escolhido foi Santo Antônio de Pádua, e a partir daí, a religiosidade do município girou em torno da Igreja Católica.

Sombrio, como todo o estado Catarinense, “retrata uma cultura diversificada e marcada por singularidades e ao mesmo tempo pluralidade de matizes” (VERZBICKAS; ESPEZIM, 2010, p. 09), que ao longo dos anos foi se edificando sob um esplendoroso mosaico cultural, no qual apresenta iconograficamente um complexo diversificado de manifestações folclóricas culturais. As diversas manifestações culturais advindas dessa raiz colonizadora açoriana e mescladas a outras culturas decorrentes de outras etnias permanecem ativas até os dias de hoje. Dentre as manifestações, as que mais se destacam são o Terno de Reis, o Boi de Mamão e as danças tradicionais, como a ratoeira, o sarrabalho, a chimarrita, dança das flores, pau-de-fita, o fandango, a quadrilha e outras danças de raiz açoriana. Abaixo, serão apresentadas algumas dessas manifestações.

### 3.2.1 Folguedos: Terno de Reis e Boi de Mamão

As cantorias de “Terno de Reis” eram na maioria das vezes, compostas de versos improvisados, quase sempre não registrados. Apresentavam variações de letras de acordo com a data cantada, e eram, preferencialmente, realizados nas comemorações natalinas ou na passagem de ano, ou ainda, nos dias que antecedem o dia dos Santos Reis (06 de janeiro), nos dias de Santo Amaro (15 de janeiro) e no dia de São Sebastião (20 de janeiro).

Um grupo saía de casa em casa cantando e pedindo oferendas. Quando o chefe da casa aceitava a cantoria, deixava o grupo entrar e lhes oferecia café com bolo, bebidas, além da oferta. Dia 06 de janeiro era o principal Dia dos Reis. Se apresentava também terno de natal, terno de São Sebastião, dia 20 de janeiro, terno de ano novo em 31 de dezembro. Os ternos começavam as 10 horas da noite e só terminavam pela madrugada (AMARAL apud FARIAS 2000, p. 252).

Na cantoria dos Reis há vários cantores, instrumentos musicais, como: gaita, cavaquinho, viola, bumba, rabeca, pandeiros. Entre os cantores tem um que é chamado de “tipe”, que é um “cantor de voz muito aguda, que interfere nas cantorias com agudo interminável” (PEREIRA, 2015, p. 26). As apresentações inclui chegada, anúncio e despedida.

[...] logo após o silêncio da pacata Sombrio, era quebrado pelo som de gaita, viola e o entoar da tradicional cantiga dos Santos Reis:  
 “Meu senhor dono da casa, ai...  
 Agora mesmo chegamos, ai...  
 Na frente de sua casa, ai...”

Já que o senhor abriu a porta, ai,  
 Já que o senhora abriu a porta e está nos escutando, ai, ai...  
 Pedimos a sua licença, ai  
 Pedimos a sua licença para poder entrar cantando, ai, ai..." (PEREIRA, 2015, p. 28).

Ainda segundo os costumes, o dono da casa, oferecia aos cantadores e convidados uma mesa farta de comidas, que podia ser galinha com arroz, café com pão, rosca, salame frito. Depois de comer a vontade, os cantadores ainda cantavam a despedida e iam embora.

Figura 2 – Cantoria de Terno de Reis em Sombrio



Fonte: Foto da própria autora<sup>4</sup>.

A brincadeira do Boi de Mamão é o folguedo mais popular do litoral de Santa Catarina, onde o Boi é a figura central da manifestação cultural. “O folguedo, que compreende canto e danças em volta do tema épico da morte e ressurreição do boi” (FARIAS, 2015, p. 30), se completam na criatividade e colorido das fantasias dos personagens. As modificações da apresentação vão variando dependendo das influências de outras culturas, e recebe diferentes nomes, dependendo de cada região, tais como “Bumba Meu Boi” ou “Boi Bumbá”.

Segundo Farias (2000), a origem deste folguedo é polêmica. Para alguns sua origem é africana, para outros ibérica, relacionando-a à aprendizagem da tourada. Mas, há possibilidades de que tenha sido introduzida pelos açorianos, pois são os que mais apresentam uma forte relação entre o boi e o homem. “Acredita-se que o nome Boi-de-Mamão, seja em virtude de terem colocado um mamão verde no lugar da cabeça do boi” (FARIAS, 2015, p.30).

<sup>4</sup> Terno de Reis na casa da Sra. Erondina da Cunha Rodrigues (*in memorian*) em janeiro de 2014.

A brincadeira conta a história do boi de estimação de um homem simples, que vive da agricultura. Certo dia, o boi come alguma coisa que lhe faz mal e morre. O agricultor angustiado com a perda do boi, leva o animal a um curandeiro e médico, de nome Mateus que ressuscita o boi. Outros personagens integram a festa: a Bernúncia, representa o bicho papão, que engole crianças e dá a luz a uma bernuncinha; a Maricota, uma mulher grande e desengonçada que quando dança bate com os braços em todos que estão a volta; o cavalinho que atira o laço sobre o boi, que após ressuscitado, se lança sobre a plateia; a cabrinha, que dança rápido; o urubu que rodopia ao lado do boi morto; e outros personagens que são integrados conforme a região.

Com o passar dos anos, acabou por ganhar características próprias, com a modificação de certos aspectos da apresentação, a supressão de determinados elementos e a introdução de outros. Basicamente o trágico e o dramático cederam aqui, no decorrer do tempo, lugar ao cômico e ao lúdico, criando um Boi-de-Mamão leve e alegre (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1995, p. 06).

A dança acontece acompanhada da cantoria e instrumentos musicais como pandeiro e violão (SOARES, 1979; FARIAS; 2000, ROSA, 2010).

Figura 3 – Apresentação do Boi de Mamão



Fonte: Blog E.E.B. Catulo da Paixão Cearense<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Feira Multidisciplinar - 27/08/2014, Sombrio - SC. Disponível em: <<http://eebcatulo.blogspot.com.br/2014/09/feira-multidisciplinar-27082014.html>>. Acesso em: 30 Nov. 2015

### 3.2.2 Folguedos: Danças folclóricas

As danças apresentam coreografias bem marcadas e exigem uma série de ensaios, acompanhadas de canções graciosas e alegres. As mais tradicionais destas comunidades litorâneas são: a ratoeira, o sarrabalho, a chimarrita, pau-de-fita, o fandango e a quadrilha (FARIAS, 2000).

O fandango é uma dança de salão, “bastante praticada no interior agrícola. Hoje totalmente desaparecida, ficando somente na lembrança” (FARIAS, 1998, p. 342). Já a ratoeira em Sombrio é uma dança que se chama: “Roda de Lenço”, onde os participantes dançam em roda ao som da gaita, com um lenço na mão. É uma provocação em trova (FARIAS, 2000, p. 245). A dança da Chimarrita ou Chamarrita trata-se de um valseado rápido e alegre executado em pares, com o grupo em círculo, “era a mais tocada em bailes e ninguém ficava sentado ao som de seu ritmo acelerado” (VERZBICKAS; ESPEZIM, 2010, p. 38).

A quadrilha é uma das danças mais antigas, ainda muito preservada e realizada pelas escolas em épocas de festas juninas, muitas vezes associadas a um casamento na roça, assim como a jardineira (arco das flores), ainda são danças, que fazem parte das apresentações pelos grupos de idosos e nas apresentações festivas de comunidade. “A dança da quadrilha é tradicional na Ilha de Santa Catarina, desde os tempos imemoráveis, iniciativa provavelmente do povo açoriano aqui radicado e das escolas públicas que sempre a cultivaram” (QUINT, 1990, p. 15).

Figura 4 – Dança da quadrilha na festa junina do CITI – Terceira idade – Sombrio/SC



Fonte: Revista W3<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.revistaw3.com.br>>. 20/06/2016. Acesso em: 10 Jun. 2017.

Arco de Flores, balainha, ou ainda jardineira é uma dança que faz referência à beleza das flores, e à representação da fertilidade, da mesma forma que os nomes remetem à expectativa da colheita de bons frutos, oriundos de uma boa florada, ainda muito preservada, fazendo parte do folclore local. Uma bela apresentação, que as idosas de Sombrio gostam muito de realizar. “É considerada uma das danças mais bonitas do folclore catarinense. Introduzida pelos portugueses, sua origem está associada aos rituais de fertilidades” (VERZBICKAS; ESPEZIM, 2010, p. 38).

Figura 5 – Dança da Jardineira ou do Arco das Flores – Terceira idade – Sombrio/SC



Fonte: Jornal Amorim – 15/07/2013<sup>7</sup>.

A dança do Pau-de-fita é muito difundida nas festividades locais, sobretudo nas festas juninas e nas apresentações dos idosos nas comunidades, segundo Farias (2000) é uma dança que homenageia a fertilidade da natureza, sendo que seus componentes dançam segurando uma fita colorida, todas presas a um pau no centro da roda, representando a árvore e seus frutos. Ao dançar seus componentes vão trançando as fitas em volta do pau e posteriormente destrançando. Segundo Soares (1979) a dança do pau-de-fita, seus versos e canções são de origem lusa. As variações de trançados e vestimentas ocorrem conforme a região onde são realizadas as apresentações, que são acompanhadas de cantorias e músicos que tocam violão e pandeiro.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.jornalamorim.com.br/Especial/1297/Festa-Julina-anima-comunidade-de-Boa-Esperanca.html>>. Acesso em 30 Nov. 2015.

Figura 6 – Dança do Pau de Fita



Fonte: Prefeitura Municipal de Sombrio<sup>8</sup>.

Atualmente, as danças folclóricas são apresentadas também no maior evento do município, o “Arraial Fest”, festa cultural realizada em Sombrio, promovida pela prefeitura municipal, que atualmente, acontece de dois em dois anos.

### 3.2.3 Arraial Fest

O Arraial Fest é uma festa que surgiu como uma maneira de resgate da tradição popular, uma vez que estava previsto no calendário escolar uma festa junina, envolvendo escolas, comunidades e entidades organizadas. Sua primeira edição ocorreu em 1993, como uma quermesse, na Avenida Getúlio Vargas, avenida principal da cidade, e teve como símbolo a chaleira ambulante.

---

<sup>8</sup> Idem.

Figura 7 – Chaleira Ambulante – Símbolo do Arraial Fest



Fonte: Da autora, em julho/2014.

Atualmente, a festa passou a acontecer a cada dois anos, além da abundante gastronomia presente na praça de alimentação, o evento conta com shows nacionais, feiras da agroindústria e artesanatos locais como os chapéus de palhas, tapetes tecidos em teares, patchwork e outros. Os produtos coloniais agrícolas também são expostos e vendidos nos pavilhões da festa, além de exposições das fábricas de vestuário que hoje fazem parte da economia do município.

Recentemente, essa festa tomou proporções comerciais, o que fez que ocorresse a introdução de elementos da cultura nacional durante cada edição. Ainda que se declare a “Maior Festa da Cultura Açoriana do Sul do Estado”<sup>9</sup>, os traços açorianos passaram a ser secundários, já que concorrem com os shows de artistas de renome nacional e internacional.

Em 2002, a Avenida Getúlio Vargas não era mais suficiente para comportar a dimensão alcançada, obrigando os organizadores a investirem em uma infraestrutura destinada a grandes eventos. A partir de então, o Arraial Fest se tornou bienal, ganhou a sua Rainha e Princesas e passou a contar com atrações de renome nacional como Daniel, Paralamas do Sucesso, Titãs, Guilherme e Santiago, Leonardo, Raça Negra, Pedro e Thiago, Vítor e Leo, Armandinho, Padre Fábio de Melo, Irmão Lázaro, Jota Quest, Cesar Menotti e Fabiano, Paula Fernandes, entre outros (ALESC, PROJETO DE LEI Nº 0235.7/2015).

Nas notícias da página da AMESC – Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense é possível perceber as transformações que foram ocorrendo ao longo dos anos. “O

<sup>9</sup> Conforme estabelecido no portal da Santur. Disponível em <<http://turismo.sc.gov.br/evento/15-arraial-fest/>>. Acesso em: 31 Ago. 2017.

Arraial Fest acontecia nas ruas da cidade, onde barracas eram espalhadas por diversos lugares e as atrações eram apresentadas no palco localizado”. E ainda, fala da importância desta festa para o estado catarinense, “[...] o evento consta no calendário de festas do estado e é considerado um dos maiores do sul, neste segmento. Paralelamente ao Arraial Fest acontecem a 10ª FEINDES (Feira Multisetorial), Feira Cultural e Artesanal, Arraial do Comércio, 2º Carnaval no Arraial, concurso fotográfico...” (AMESC, 2008).

Nestes eventos é possível compreender o que Canclini (2000) fala de um novo olhar sobre a comunicação da cultura, e as duas correntes básicas da lógica social, “de um lado, a especialização e a estratificação das produções culturais; de outro a reorganização das relações entre o público e o privado, em benefício das grandes empresas e fundações privadas”. O autor já alertava para o hibridismo cultural na pós-modernidade, e que a modernização da cultura ficaria cada vez mais nas mãos da iniciativa privada, uma vez que o estado vem se responsabilizando pelo patrimônio tradicional porém, transfere para os órgãos privados a promoção da cultura.

Na Figura 8 é possível perceber a simplicidade das primeiras festas, onde barracas de madeiras eram espalhadas, vários grupos se organizavam para expor seus produtos, quer sejam oriundo das plantações locais, ou então produtos artesanais confeccionados pelos moradores locais.

Figura 8 – 4º Arraial Fest, ano de 1996 – Na Avenida Getúlio Vargas



Fonte: Arquivo pessoal de Valmoré Colares.

A cada edição a festa foi ganhando proporção de grandes festas estaduais e os veículos de comunicação local e regional, procuraram sempre divulgar a festa dando mais difusão ao evento.

O 12º Arraial Fest apresentará ao público sombriense, de toda a região e de várias partes de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o que há de melhor em exibições artísticas e culturais das várias etnias que ajudaram a construir a história do extremo sul catarinense, artistas locais e regionais que demonstram o seu apreço ao passado e ao presente deste pedacinho de chão catarinense (SANTA CATARINA 24 HORAS, 2010).

Outras atrações foram sendo inseridas no evento, embora muitas vezes não tivessem relações com o objetivo inicial de resgate cultural, como apresentada na figura 9.

Figura 9 – 14º Arraial Fest ano de 2014



Fonte: Site Clic a Tribuna<sup>10</sup>.

Outro ponto alto da festa foi a participação de dois grupos carnavalescos, que conquistou o público e envolvendo toda a comunidade sombriense: O grupo Décima do Jacaré e o grupo Carijós. Durante alguns anos, o carnaval de inverno fez parte do Arraial Fest, como forma de dar visibilidade a história de Sombrio e manifestá-la em arte, envolvendo toda a comunidade desde a criação das fantasias, tema de cada grupo carnavalesco a apresentação no dia do evento. Eram dois grandes grupos que competiam em vários quesitos e a cada ano procuravam desenvolver melhor seu espetáculo. Mas nas últimas edições do Arraial Fest, desde o 14º Arraial, já não ocorre mais o carnaval, deixando parte da população decepcionada.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.clicatribuna.com/noticia/geral/arraial-fest-em-sombrio-encerra-com-recorde-de-publico-10843>>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

Figura 10 – Grupo carnavalesco: Carijós



Fonte: Site Bode Na Balada, 4º Carnaval no Arraial, 28/07/2012<sup>11</sup>.

Figura 11 – Grupo carnavalesco: 10ª do Jacaré



Fonte: Canal Fonte: Site Bode Na Balada, 4º Carnaval no Arraial, 28/07/2012<sup>12</sup>.

Durante o evento do Arraial Fest, conforme o professor Andrio apresentou em seu blog (2014), as ruas da cidade recebem decoração especial, homenageando a cultura açoriana. Os bonecos Joãozinho e Mariazinha representam um casal açoriano e são os mascotes oficiais do Arraial Fest, são colocados na entrada da cidade.

<sup>11</sup> Disponível em: < <http://www.bodenabalada.com.br/album/194>>. Acesso em: 10 Jun. 2017

<sup>12</sup> Idem.

Figura 12 – Decoração do Arraial Fest



Fonte: Arquivo de Andrio Cardoso Pereira.

Figura 13 – Mascotes do Arraial Fest



Fonte: Arquivo de Andrio Cardoso Pereira.

Também há bonecos que representam as figuras do Boi de mamão: Boi, Maricota e a Bernúncia, que são figuras folclóricas que se integram a paisagem do município. Além disso, podem ser vistos os painéis representando toda a temática açoriana e caipira (BLOG DO PROFESSOR ANDRIO, 2014).

### 3.2.4 Gastronomia (Culinária) e Medicina Popular

A alimentação de um povo, assim como as formas de preparo e os temperos usados fazem parte da cultura popular, e é o resultado daquilo que cada comunidade produz e da capacidade econômica de obter o que não é possível produzir.

Sombrio é rico na composição de pratos típicos bem como na harmonia dos mais variados pratos, elaborados a partir do conhecimento herdado dos antepassados açorianos, alemães, italianos, índios e negros (FARIAS, 2000, p. 275).

Vários pratos compostos a partir da farinha de mandioca e do polvilho, oriundos da cultura da mandioca são difundidos na região desde a sua colonização, fazendo parte da cultura local. Entre os mais diversos pratos, alguns ficaram como marcas de um grupo, representados no nome de uma comunidade, como a Comunidade “Pirão Frio” hoje Bairro São Francisco, pelo costume do uso de pirão d’água fria consumido pelos agricultores nas roças. O pirão de farinha de mandioca sempre esteve muito presente na mesa dos sombrienses, se não de água quente ou fria, nos molhos de peixes ou carnes.

Figura 14 – Pirão de Peixe



Fonte: Site Receita de Vovó<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.receitadevovo.com.br/receitas/receita-de-pirao-de-peixe>>. Acesso em 10. Set. 2017.

Entre outras receitas, estão: pão de mandioca curtida, pão de milho, cuscuz na tampa da chaleira ou panela, apressado de polvilho, rosca de polvilho azedo (assado em forno de barro), rosquinha de polvilho frito, entre outras (FARIAS, 2000, p. 275-281).

Figura 15 – Rosca de Polvilho



Fonte: Arquivo da Autora

A medicina popular também sempre fez parte da cultura do povo, sobretudo pela ausência de médicos e hospitais, que “fez com que o povo desenvolvesse um conjunto de práticas preventivas e curativas a partir das ervas e outros produtos existentes na comunidade” (FARIAS, 2000, p. 270). Os curandeiros e benzedoras colaboraram muito no tratamento de muitas doenças, quer seja pelo conhecimento empírico das propriedades terapêuticas das ervas ou pelas benzeduras muito propagadas e procuradas.

Além dos chás de diversas ervas da região, xaropes e garrafadas, as benzeduras sempre estiveram muito presentes, desde o início da colonização, pois o poder místico das mulheres que evocavam a fé daqueles que os procuravam e o poder divino para a cura de alguns males como: zipra, erisipela, cobreiro, mau-olhado, olho grande, vermes e arca caída, etc.

Depois de um elogio feito, se o quebranto se instalava, a saúde do sujeito piorava, o negócio começava a andar mal. Um bom remédio eram as benzeduras que tinham poder de espantar até mau olhado. Serviam para curar “espinhela caída”, “sol na cabeça”, bicheira de animais, cobreiros, rasgaduras e toda sorte de moléstias populares de causa incerta (VERZBICKAS; ESPEZIM, 2010. p. 74).

Outro costume do povo é fazer mesas de inocentes, e pagar promessas por meio de massas (pães) que posteriormente eram arrematados nas festas do santo, em pagamento da graça alcançada. Hoje ainda muito comum na romaria de São Sebastião, no dia 20 de janeiro. As mesas de inocentes, são feitas por meio de distribuição de comida, bolos ou doces a 7 ou 12 crianças de idade inferior a 7 anos.

### 3.2.5 Artesanato

O artesanato tem seu grande referencial na cultura de base açoriana, fruto de uma multiculturalidade, composto por produtos criados a partir de matérias-primas encontradas na região, tais como o barro, a linha, madeira, taquara ou bambu, palhas e cipós, etc.

As características de planície costeira, recortada por lagoas e rios, onde se faz presente diversas matérias-primas que são utilizadas na confecção de chapéus, esteiras, balaies, tornam a região de Sombrio um rico e potencial polo artesanal destes produtos (FARIAS, 2000, p. 284).

A olaria é uma arte tradicional, muito difundida no litoral catarinense, representativa da cultura açoriana. Além da produção de telhas e tijolos por muito tempo, construída de forma artesanal, ainda produzia-se uma série de peças, como painéis, potes, vasos e moringas para conservar a água fresca.

O artesanato de uma sociedade expressa suas crenças, ideias e valores; revela suas circunstâncias, modos de viver e se expressar; traduz suas limitações e capacidades, seus medos e desejos, e, por isso mesmo diz tanto sobre o seu tempo quanto um tratado enciclopédico, as vezes até mais (SILVEIRA apud MATTOS, 2008, p. 05).

A madeira também foi muito utilizada de forma artesanal em toda região litorânea e não podia ser diferente no município de Sombrio. Na canoa do pescador, nos remos que singravam as águas, nos baús que guardavam objetos, nos brinquedos das crianças; cada peça era talhando pacientemente até ganhar a forma ou formato desejado pelo escultor.

O artesanato em fibras provém da grande diversidade vegetal, que tornou o Estado catarinense em um dos mais ricos na confecção de artesanato em fibras. “Os indígenas, iniciadores desse tipo de artesanato na nossa história, identificam o cruzamento das fibras como um momento ímpar da trama, ponto de ligação com o divino” (MATTOS, 2008, p. 57).

O artesanato utilitário, como as cestarias de peri ou as esteiras de taboa, estão cada vez mais escassas, ou mesmo os balaios produzidos de cipó, de bambu. Nas comunidades de pescadores a produção de cestarias, balaios, peneiras e chapéus já foi muito propagada, hoje a tradição já não é tão presente. Segundo Mattos (2008), são poucos os artesãos que ainda se aventuram a desbravar a mata em busca de folhas do tucum para transformá-las em fio.

O que ainda permanece muito vivo nas comunidades litorâneas é o artesanato de tapeçaria, a produção de tapetes e mantas só ganharam mais cores e pinturas a mão, dando novos aspectos as obras. “Tecer não é só saber bater pente. Tem que urdir, emendar e entender do tear, do liço ao pedal” (MATTOS, 2008, p. 93).

Figura 16 – Tear de Tapeçaria



Fonte: Arquivos da autora

Figura 17 – Tapete pintado



Fonte: Arquivo da autora

### 3.2.6 O Pão-por- Deus

Embora um pouco esquecido, Sombrio ainda guarda na memória uma rica manifestação folclórica, atribuída a herança cultural açoriana, conhecido como Pão-por-Deus, “o Pão-por-Deus une, em sua confecção, duas artes: a palavra escrita e a construção plástica em papel: o pequeno poema de quatro versos é escrito sobre um coração de papel, recortado ou desenhado, artisticamente confeccionado” (DEBUS, 2013).

Segundo Debus (2013), essa prática originou-se com os Portugueses, onde a tradição acontecia no dia 1º de novembro, quando crianças passavam pelas casas pedindo o seu Pão-por-Deus. No Brasil, de modo especial no litoral catarinense, sofreu algumas modificações da tradição original, passou a ser usado com outros fins: declaração de amor, recados para amigos, pedidos de casamentos, e ganhou um formato exclusivo de coração.

Segundo a Fundação Franklin Cascaes (1995), o Pão-por-Deus sofreu importantes modificações: “os recortes se cristalizaram na forma específica do coração, e o conteúdo dos versos passou a ser essencialmente romântico, equivalendo a declaração de amor. Claro está,

que o Pão-por-Deus local já não era feito por crianças, e sim, por rapazes e, especialmente, moças” (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1995, p. 33).

A arte do papel recortado, de origem Açoriana, foi considerado “um fato folclórico dos mais ricos e poéticos encontrados no Ribeirão da Ilha e atribuído a herança cultural açoriana” (PEREIRA, 2003, p. 260).

Figura 18 – Pão-por-Deus



Fonte: Buss et al, 2002, p. 42

### 3.3 CALÇADÃO DE SOMBRIO: SUA HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO

O calçadão de Sombrio apresenta a edificação dos patrimônios culturais inspirados na História do município. São considerados como monumento cultural, que guardam as marcas representativas do processo histórico da construção do município. O primeiro calçadão iniciou sua construção no ano de 1998, quando surgiu a ideia de reurbanizar um trecho da Avenida principal da Cidade de Sombrio, mais precisamente a Avenida Nereu Ramos, entre a rótula da Avenida Getúlio Vargas e a Rua Caetano Lummertz.

Figura 19 – Vista parcial do calçadão e as representações culturais de Sombrio



Fonte: Portal Panoramio <sup>14</sup>.

Essa obra foi projetada em 1998, quando o Prefeito de Sombrio, Leopoldo “Podinho” Renato da Silva, a idealizou, com o objetivo de reavivar a memória cultural da cidade, transformando-a em arte (SCHWINZER, 2000). Foi o artista plástico Jone César de Araújo quem criou o projeto, e juntamente com uma equipe técnica, composta pelo professor e historiador Francisco de Farias, realizaram o levantamento histórico, cultural e ecológico do município. A partir desse mapeamento, que durou oito meses de estudo e com a ajuda de algumas pessoas da comunidade, foi possível rememorar a trajetória de Sombrio e o jeito peculiar de sua gente. “A cultura açoriana espalha-se pelas ruas de Sombrio. A cidade preserva suas origens a céu aberto, com museu ao ar livre, teares e mosaicos que compõem um verdadeiro calçadão cultural” (SCHWINZER, 2000, p. 77).

A atual bibliotecária do município de Sombrio, Maria Aparecida Batistella, que acompanhou na época o levantamento histórico, disponibilizou toda a documentação do projeto inicial do calçadão, que está arquivado na biblioteca municipal de Sombrio. Os documentos apresentam cada peça do museu que fora estudada, projetada e realizada, a preocupação em

---

<sup>14</sup> Panoramio. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/2135443>>. Acesso em: 10 Jul. 2017.

estudar e contextualizar cada objeto inserido no acervo, foi a forma de legitimar esse patrimônio histórico, ressaltando o compromisso social da população em preservar e manter viva a sua história e os valores atribuídos a esta cultura. Segundo Salvadori (2008, p.26),

toda e qualquer proposta de estudo da questão do patrimônio histórico-cultural que pretenda mais que o simples conhecimento dos bens oficialmente existentes, deve buscar estabelecer relações entre este e os conceitos de memória, identidade e cidadania, sem os quais se corre o risco de simplesmente reforçar determinadas lembranças que, consagradas pelo uso e pelo tempo, acabam sendo transformadas em sinônimo da verdade sobre o passado, construído de forma unilateral.

Na época, o idealizador do calçadão não encontrou respaldo político para a obra, e precisou recorrer ao apoio de amigos e comerciantes particulares, para que o sonho se tornasse realidade. Durante vários meses, a partir da elaboração do projeto, realizou-se a criação dos mosaicos e dos demais artefatos construídos.

A construção dos mosaicos se deu com a participação da comunidade que auxiliava o artista plástico Jone Cézár de Araújo na constituição das peças.

A preservação dos bens culturais de uma comunidade é um compromisso social que está diretamente ligado ao exercício da cidadania. Compromisso este que extrapola questões políticas/legislativa e/ou econômicas e avança por questões sociais, de identidade, de pertencimento. Questões que forçosamente fazem um apelo ao debate, às discussões com a população e com organizações sociais (SANTOS et al., 2014, p. 228).

Enquanto uma equipe trabalhava na construção dos mosaicos, outra equipe preparava o chão e a calçada, onde seriam dispostos um a um, dos quatorze quadros que retratam a história de Sombrio. “Basta um olhar atento e a história é relembada, como num filme, através da riqueza artística do calçadão, despertando intensas emoções, saudades e reavivando o orgulho do povo do local. [...] gigantesco monumento cai sobre o chão em forma de mosaico...” (SCHWINZER, 2000, p. 77-78).

Figura 20 – Preparando a Avenida Nereu Ramos para a construção do Calçadão



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Municipal de Sombrio/SC.

A secretaria de obras do município precisou retirar a antiga calçada, remover a antiga pavimentação, para poder dar uma nova roupagem à rua que antes era uma avenida de duas vias, com calçada nas laterais, para transformar em um calçadão de uma única direção, com calçadas mais largas e ali expor todo o empreendimento planejado.

Figura 21 – Edificação do Calçadão



Fonte: Idem.

A nova calçada, foi dando lugar as peças que seriam inseridas, fazendo com que ao caminhar sobre ela, o povo pudesse (re) visitar o passado por meio da história descortinada pelo mosaico. Santos et al (2014) diz que:

A preservação dos patrimônios materiais edificados (prédios, casas, lugares sagrados, escolas...) não se remete apenas a manter de pé antigas construções, vai além, mantém viva as relações sociais, significados e valores atribuídos a uma determinada cultura (SANTOS et al, 2014, p. 231).

Figura 22 – Seleção das Pedras para o Mosaico



Fonte: Idem.

Para a construção dos mosaicos, fez-se necessário um minucioso trabalho, desde a seleção de pequenos recortes de porcelanato (materiais estes, fornecidos pelas empresas Cardoso e Porto Belo a preço de custo) até a divisão por cores e tamanhos. Em todo o momento da elaboração, a execução do projeto foi sempre acompanhada pelo autor da obra.

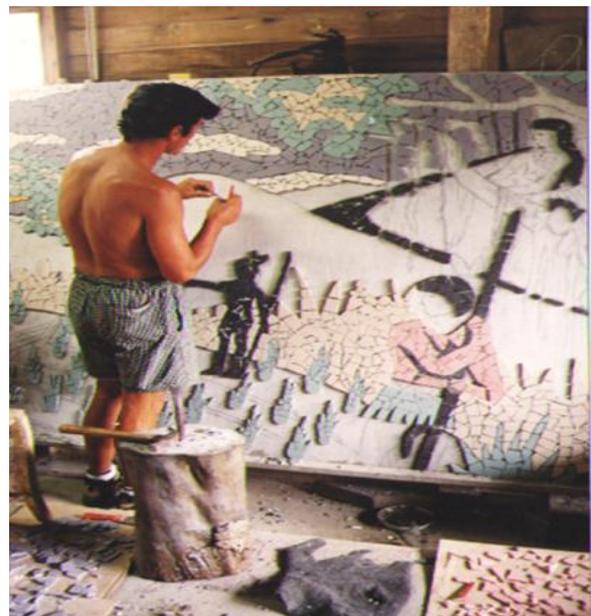
Figura 23 – Iniciando a Colocação dos Primeiros ladrilhos



Fonte: Idem.

Em um local à parte, as primeiras figuras foram surgindo a cada pedacinho de cerâmica, disposto sobre os traços desenhados. Até as crianças ficavam deslumbradas diante de tamanha excentricidade. É possível hoje encontrar em escolas do município, artes em mosaico, realizadas por estudantes, que a partir das obras do calçadão, se motivaram a desenvolver a técnica. “A história, o historiador e as pesquisas interdisciplinares podem contribuir com a sociedade nas discussões/conhecimento daquilo que nos torna sociais e pertencentes de uma identidade cultural” (SANTOS et al., 2014, p. 228).

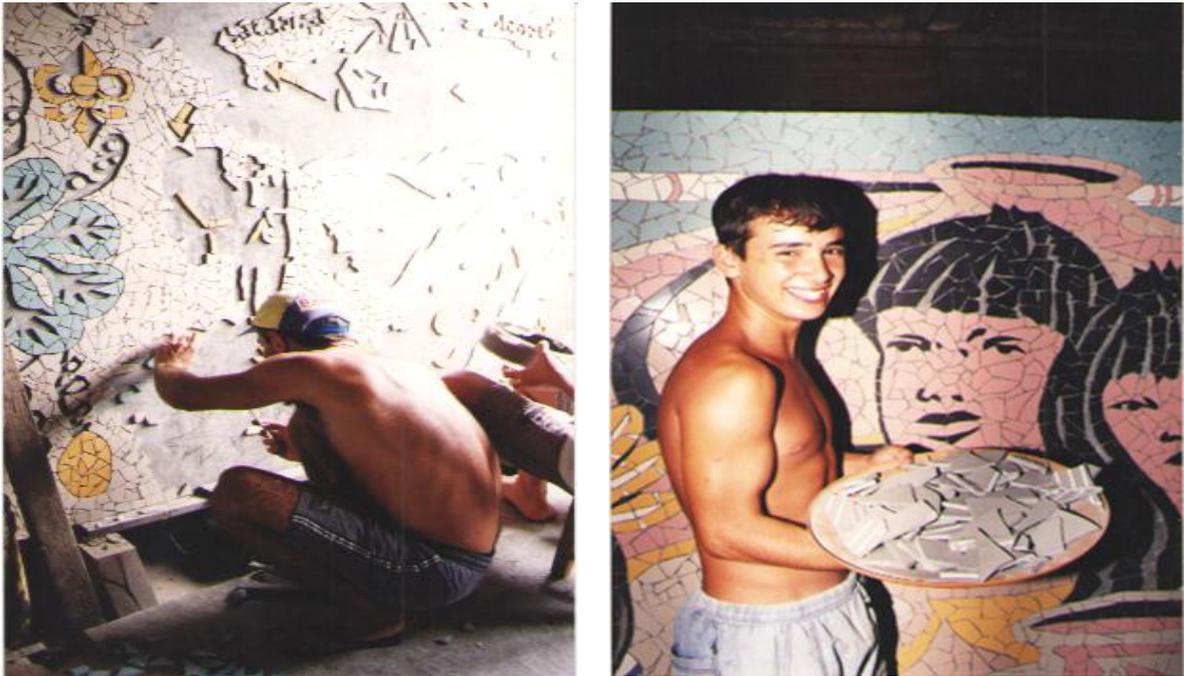
Figura 24 – Surgem as primeiras imagens



Fonte: Idem.

Enquanto o artista plástico Araújo trabalhava com maestria em cada detalhe da obra em execução, outro artista se dedicava ao acabamento das peças, o jovem Fernando Keller Albalustro, que segundo Araújo foi também fundamental para que cada peça do mosaico mantivesse a originalidade do projeto.

Figura 25 – A História sendo Materializada em Mosaico



Fonte: Idem.

E assim, toda informação histórico/cultural vai se transformando em plasticidade para poder contar e recontar a história de Sombrio. Em entrevista, o artista plástico Jones César de Araújo, afirma que, “a cultura de Sombrio é muito rica na sua história, moda, artesanato, na sua gastronomia. Precisamos trabalhar mais espaços temáticos para valorizar tudo o que temos”.

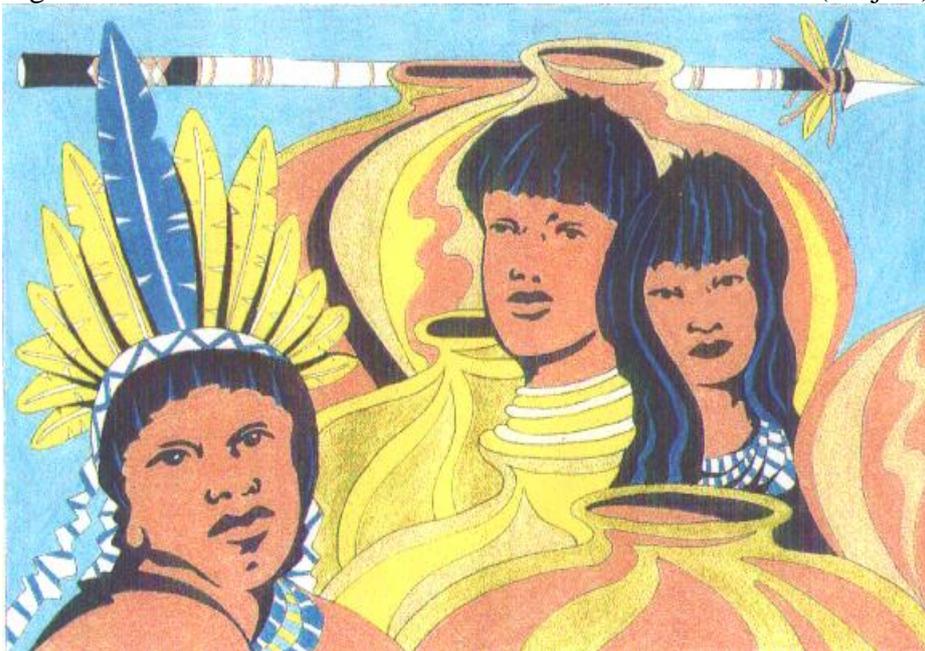
Figura 26 – O Encantamento diante da Arte



Fonte: Idem.

A partir desse projeto foram analisados cada um dos 14 tapetes de mosaicos que se estendem pelo calçadão de Sombrio. As fotos apresentadas terão a imagem do projeto (ARAÚJO, 2000; Acervo da Biblioteca Pública Municipal de Sombrio/SC) e o resultado *in situ*, imagens que foram obtidas junto ao blog Escola é Vida – Sombrio, organizado pela professora Ângela Gomes.

Figura 27 – Mosaico 1: PRIMEIROS HABITANTES ÍNDIOS (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 28 – Mosaico 1: PRIMEIROS HABITANTES ÍNDIOS



Fonte: Blog Escola é vida<sup>15</sup>.

Este primeiro mosaico, retrata a história dos primeiros habitantes da cidade de Sombrio, os índios Carijós. O projeto ressalta que: “Junto às margens da lagoa avistam as grandes furnas... Misteriosas, atraentes e ao mesmo tempo encantadoras. A região era uma das mais habitadas pelos índios carijós. Relativamente mansos” (ARAÚJO, 2000). Segundo Coelho,

em todos os relatos de expedições pós-descobrimto, os índios M’yiás, da nação Tupi-Guarani, chamados pelos colonizadores de Carijó – o que pode ser traduzido para homem de cor branca, em português – eram citados como membros de uma civilização pacífica de fácil relacionamento (2003, p. 245).

No momento da descoberta do Brasil, uma grande quantidade de índios habitavam Santa Catarina, relatados por viajantes que passaram por essa terras e por missionários que testemunharam tais fatos (PIAZZA, 2001). De acordo com Piazza,

no litoral catarinense situavam-se os indígenas da grande nação tupi-guarani, de “língua geral” e que, regionalmente, vão ser denominados “carijós”. [...] O litoral catarinense, então denominado “Sertão dos patos”, ou “terra dos carijós”, pela sua

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

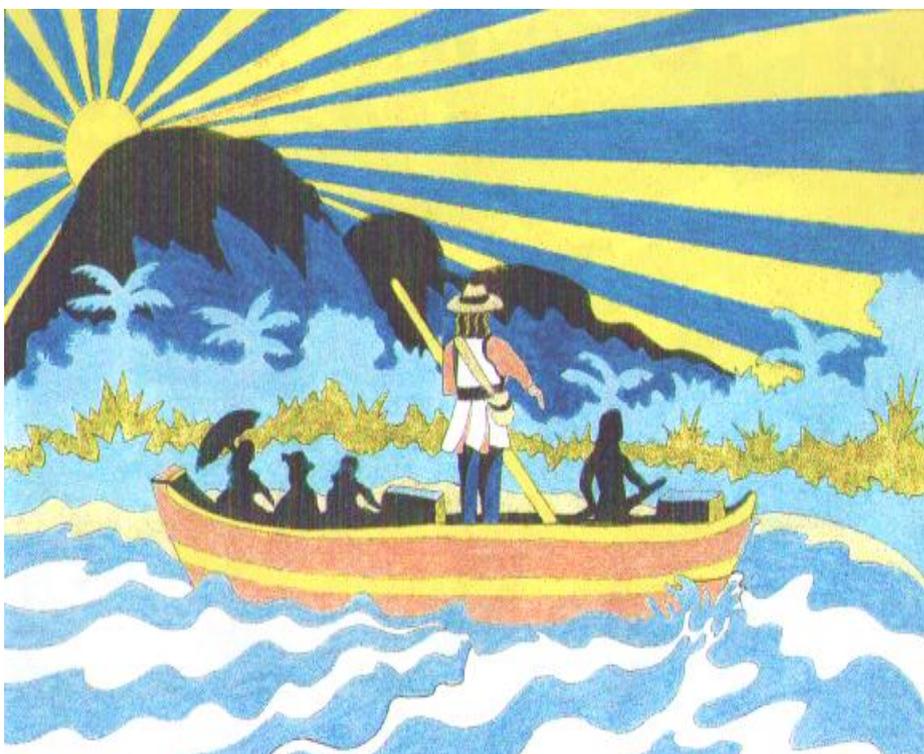
elevada população indígena, passou a ser alvo da investida de inúmeras expedições de caça ao índios, no século XVII (2001, p. 31-32).

Foi a ação dos bandeirantes e sertanistas paulistas em capturar os índios, para vender aos senhores de engenho, como escravos, que levou-os a rechaçar aos ataques destas expedições, e estes por sua vez justificavam na revolta dos índios as matanças. “Desde as primeiras investidas dos bandeirantes, os carijó passaram a se fechar cada vez mais em suas próprias aldeias, diminuindo assim o contato pacífico inicial com o luso-brasileiro e ao mesmo tempo aumentando sua hostilidade” (COELHO, 2003, p. 246).

Os índios foram aos poucos sendo eliminados ou afastados das terras sombrienses a partir do momento em que os primeiros brancos de origem europeia chegaram à região no século XVII. Os bandeirantes paulistas foram os brancos especializados em aprisionar índios para o comércio. Mataram, prenderam ou afugentaram grande parte da população indígena (FARIAS, 2000, p. 91).

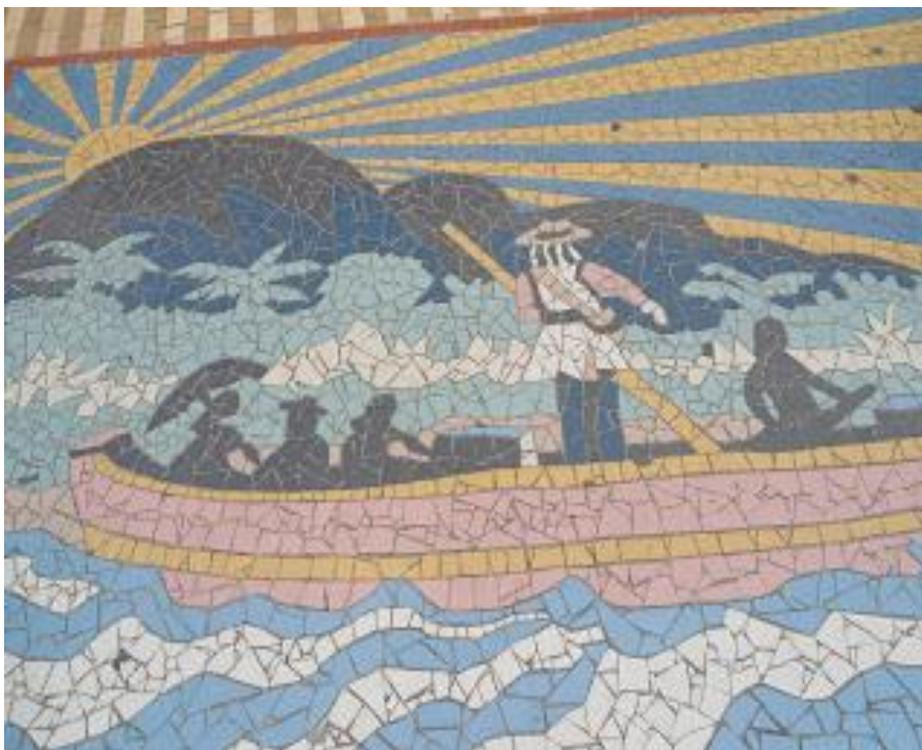
Quando os primeiros colonizadores chegaram à Santa Catarina, como nos demais Estados brasileiros, esta terra já era habitada por diversas tribos indígenas (FARIAS, 2000).

Figura 29 – Mosaico 2: A CHEGADA DE JOÃO JOSÉ GUIMARÃES (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 30 – Mosaico 2: A CHEGADA DE JOÃO JOSÉ GUIMARÃES



Fonte: Blog Escola é vida<sup>16</sup>.

Esse quadro faz homenagem ao primeiro colonizador de Sombrio, João José Guimarães que chegou de Portugal no Século XIX. O personagem é assim retratado: “João José Guimarães, natural de Guimarães – Portugal, migrou para o sul do Brasil no início do século. Após sofridas tentativas de instalar-se em várias regiões, resolveu explorar o sertão de Sombrio, chegando às furnas em 1830, com sua família” (ARAÚJO, 2000).

Por uma grande distância, as margens da lagoa permaneciam desertas e com a aparência de nunca terem sido desbravadas por mãos humanas. Mais adiante, outro morro menor. Na verdade um pequeno monte coberto por uma intensa mata composta por figueiras, caneleiras, jerivás, cedros e tantas outras espécies daquele verde que tomava todo o litoral da Província catarinense. Deveriam estar ali sob aquela mata as tais grutas de que falavam os moradores mais antigos da freguesia de Torres. A canoa foi se aproximando de forma plácida (VIGNALI, 2011, p. 05).

No final do Século XVIII, José Monteiro – que passou a assinar como “de Guimarães”, sua cidade natal – partiu com outras famílias numa segunda leva de imigração, instalando-se em Laguna, já casado e com a família trabalhavam na lavoura de mandioca, cana-de-açúcar e outros produtos para subsistência.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

Com a família crescendo, ele constrói ali mesmo em Figueira uma casa bem maior e mais confortável do que a que tinha. Próximo à lagoa, após alguns anos, José edifica a sede da propriedade, com engenhos de mandioca e de cana, agora já tocados a boi, senzala para um casal de escravos, que tinha comprado com a renda das farinhadas e um grande pomar (COELHO, 2003, p. 84).

João José Guimarães só veio parar em Sombrio, porque teve que fugir de sua localidade. O português ainda jovem, pouco tempo casado, teve um desentendimento com um marinheiro, num dos bares, em que os colonos se reuniam a noite para cantar, prostrar e tomar umas pingas (cachaça). Por medo de ser punido pela guarda nacional, por ter matado o tal marinheiro que lhe provocara para a briga, fugiu para a serra e só anos mais tarde vem alojarse em terras sombrienses.

A briga violenta resultou na morte de Pedro Marinheiro, que ninguém sabia ao certo se era de São Vicente ou do Rio de Janeiro. Ele era mais um das centenas de marinheiros que subiam em embarcações como ajudante, em troca de alguns trocados ou comida. [...] Precisava fugir da eminente perseguição da Guarda Nacional, afinal de contas havia matado um homem. Os amigos ainda tentaram demove-lo da ideia, afinal de contas havia agido em legítima defesa da honra, mas ele não escutou e preferiu não arriscar sua liberdade. [...] Depois de atravessar o Rio Tubarão a nado, e caminhar por muitos dias, subiu a serra em busca de acolhimento e trabalho, para dar um tempo, e quem sabe poder unir-se a família novamente. Deixou para trás, os pais, duas filhas ainda pequenas, e a mulher Luiza grávida do terceiro filho (COELHO, 2003, p. 115-135).

Somente dois anos mais tarde, que João José Monteiro de Guimarães reviu a sua família. Mas ele não quis ficar em Laguna, uma vez que havia se aficionado pelo Rio Grande do Sul, sua gente e seus costumes. Levou consigo a família, irmãos, alguns primos e um escravo, fixando residência no norte do Rio Grande do Sul, próximo a Lagoa dos Quadros, hoje localidade conhecida como Cornélio.

“Da serra as notícias eram esporádicas, Durante meses a esposa ficava sem saber em que condições João José se encontrava. As últimas notícias eram de que ele havia descido a serra para plantar uma roça para a estancia em que trabalhava, mas nada sobre seu retorno à Laguna” (COELHO, 2003, p. 137). E só 40 anos mais tarde, que ele migraria para o Sul de Santa Catarina, vindo morar no Morro Sombrio, as margens da Lagoa de Sombrio e próximo das Grutas.

Figura 31 – Mosaico 3: IMIGRANTES AÇORIANOS (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 32 – Mosaico 3: IMIGRANTES AÇORIANOS



Fonte: Blog Escola é vida<sup>17</sup>.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

Neste mosaico, o artista procurou apresentar de que maneira aconteceu o processo de ocupação do litoral catarinense. Segundo o levantamento histórico feito por Jone Cezar de Araújo e equipe, diz que: “O processo de imigração açoriana para o Brasil desenvolveu-se em ciclos alternados, que começando no início do Século XVII, estenderam-se até o Século XX”. Nesta obra é possível compreender de que forma se consolidou a ocupação no litoral catarinense pelos colonizadores europeus, que chegavam por mar, aportando na Ilha de Florianópolis, e migrando por terra para o litoral sul, onde estabeleceram núcleos habitacionais.

Do Século XVI ao XVII ocorreu uma acentuada emigração de Portugal para o Brasil, motivados pela Coroa Portuguesa que instigavam a colonização das terras do além mar. Oferecendo estímulos vantajosos e fazendo propagandas além da realidade, convenceram grande parte de agricultores que residiam na cidade de Guimarães, ao norte de Portugal. “Eles eram a mão-de-obra necessária ao Brasil, naquele momento” (COELHO, 2003, p.51).

Através de um edital publicado em 7 de agosto de 1747, nos Açores e na Madeira, a Coroa Portuguesa abriu inscrições para os moradores dos arquipélagos que quisessem se estabelecer no Brasil. Seria necessário que os emigrantes homens tivessem menos de 40 anos, as mulheres menos de 30, e se daria preferência aos casados, o que adiantaria a povoação ao Sul da América (COELHO, 2003, p. 58).

O terceiro mosaico, mostra exatamente como se deu a emigração dos açorianos para o Litoral Sul do Brasil, primeiro se estabelecendo em Desterro, posteriormente emigrado para Laguna, para só depois a família se instaurar na cidade de Sombrio.

Figura 33 – Mosaico 4: COMPOSIÇÃO ÉTNICA (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 34 – Mosaico 4: COMPOSIÇÃO ÉTNICA



Fonte: Blog Escola é vida<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

Este mosaico foi produzido em homenagem às várias etnias formadoras da cultura Sombriense. Na sua composição étnica, estão os índios, primeiros a chegar a estas terras, seguido dos portugueses que aqui chegaram e com eles trouxeram os africanos escravizados, alguns anos depois vieram os italianos e os poloneses que compuseram o mosaico étnico da história de Sombrio.

O processo de povoamento da grande planície costeira e vales fluviais dos rios Mampituba-Araranguá teve nos imigrantes ítalo-germânicos, que iniciaram seu deslocamento para a região em meados do século XIX, uma importante vertente de povoamento (FARIAS, 2000, p. 118).

Se de um lado se ganhou com a introdução de novas culturas agrícolas, como a de arroz, uva, cevada, e a extração e uso da madeira na construção de casa, por outro, foram também eles os responsáveis pela destruição dos remanescentes de grandes nações indígenas, sobretudo Guarani.

Figura 35 – Mosaico 5: CHICO DO MATO, AMIGO DOS ÍNDIOS (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 36 – Mosaico 5: CHICO DO MATO, AMIGO DOS ÍNDIOS



Fonte: Blog Escola é vida<sup>19</sup>.

Segundo levantamento, conta-se que Chico do Mato era um imigrante oriundo dos lados de Imaruí, era o único que tinha uma boa relação com os índios, inclusive presenteando-os com produtos de suas colheitas (ARAÚJO, 2000). Hoje ainda alguns descendentes deste imigrante residem na cidade de Sombrio e Santa Rosa do Sul, porém se tem poucos escritos sobre a origem, vida e razões reais pelas quais eram assim chamados.

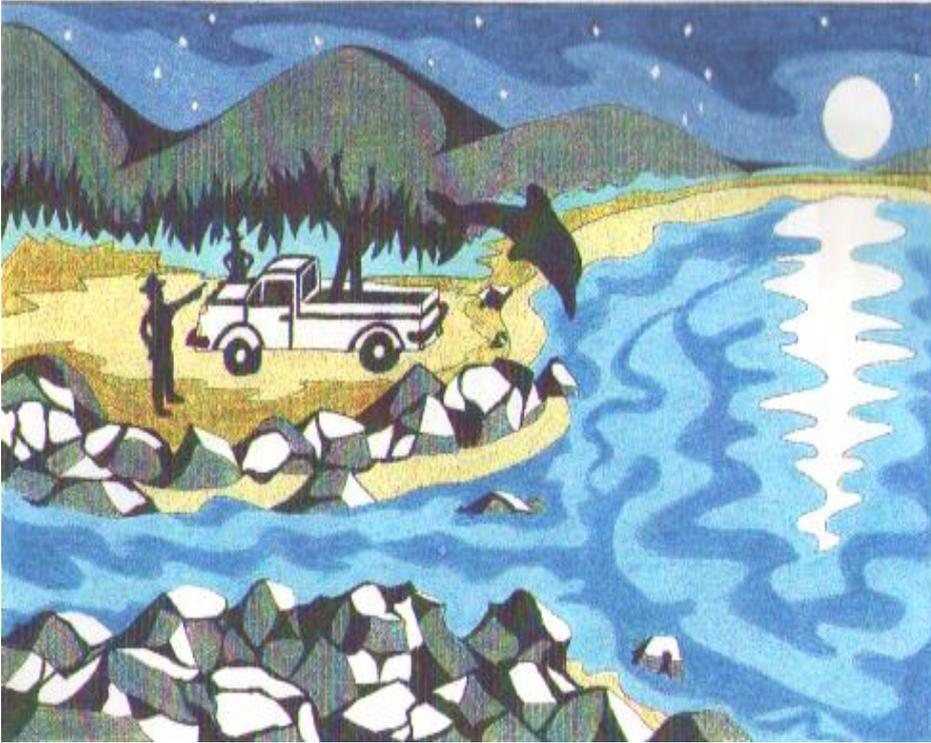
Piazza (2001) relata que ao descobrir o Brasil, o número de índios que já habitavam Santa Catarina era bastante expressivo. “No litoral catarinense situavam-se os indígenas da grande nação tupi-guarani, de ‘língua geral’ e que, regionalmente, vão ser denominados ‘carijós’” (PIAZZA, 2001, p. 31), e Chico do Mato ficou conhecido por ser o imigrante que conseguiu estabelecer uma relação de amizade com os índios Carijós.

Para o historiador Nereu Pereira, Santa Catarina é o resultado de uma amálgama uma miscigenação entre indígenas, europeus, africanos e asiáticos. “Se no sentido biológico tenha ou não ocorrido todos esses cruzamentos, não restam dúvidas, contudo, que a cultura que predomina até hoje, é produto desse viés” (PEREIRA, 2003, p. 39).

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

Figura 37 – Mosaico 6: BOTO TANSSO<sup>20</sup> (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 38 – Mosaico 6: BOTO TANSSO



Fonte: Blog Escola é vida<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> A grafia utilizada nessa dissertação é apresentada tanto na placa do mosaico quanto no projeto.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

Este mosaico apresenta o que pode ter sido uma lenda, a do “Boto Tansso”. Segundo a história esse cetáceo era o companheiro dos pescadores. Considerado um hábil e experiente pastor do mar, que um certo dia subiu pelo Rio Araranguá e desembocou no Rio São Bento, de onde não conseguia sair. Depois de muitas lidas, os pescadores conseguiram tira-lo do poço do Rio São Bento, onde se encontrava ferido e assustado, e colocaram-no novamente no mar. Mas segundo as narrativas, a alegria durou pouco, Tansso foi encontrado morto próximo a ponta da barra do Rio Araranguá, para tristeza de todos (ARAÚJO, 2000).

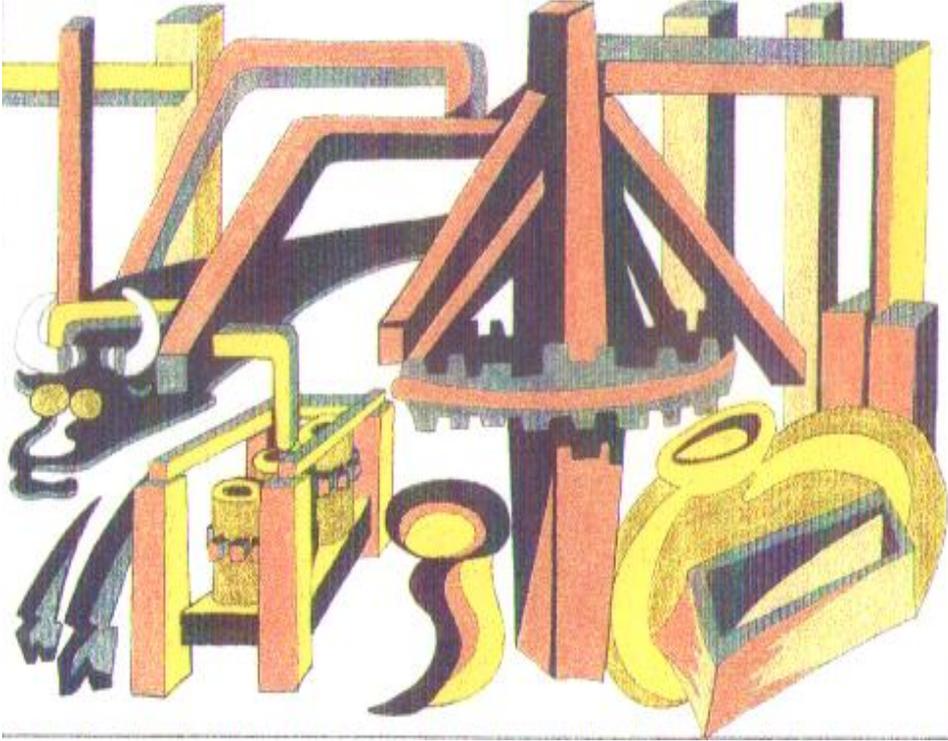
Essa interação ocorre há muitas décadas nessa região, entre os tarrafeiros e os botos. A pesca artesanal com tarrafa é uma das menos impactantes para o ecossistema. Acredita-se que os botos entrem no estuário, principalmente para forragear e ensinar seus filhotes (PORTAL G1, 2014).

Há muitas histórias de pescadores, que acreditam que o boto seja o colaborador dos pescadores, pois anuncia com seu comportamento onde estão os cardumes de peixes, sobretudo tainhas, favorecendo a pesca artesanal da região. O boto é muito respeitado em toda costa brasileira.

O boto é um mamífero que vive nas águas salgadas, mas pode também ser visto em águas doces, e sempre fez parte do folclore brasileiro, e não é diferente no litoral catarinense e gaúcho, onde são vistos sempre próximos aos pescadores artesanais.

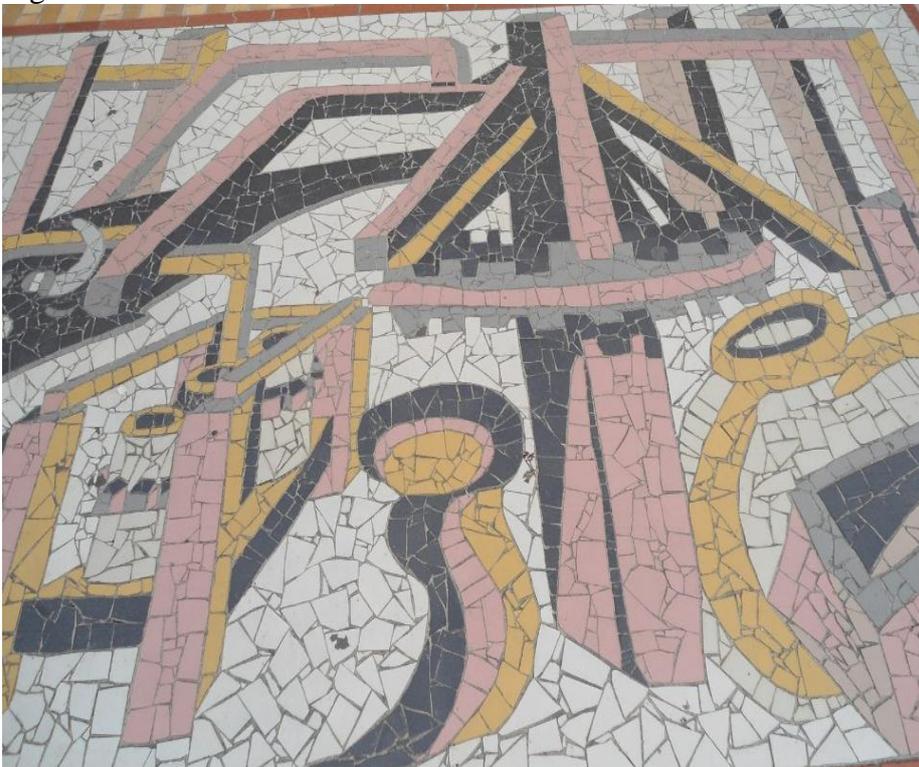
Essa interação entre o boto e os pescadores, já foi objeto de estudo por pesquisadores e universidades. O professor Fabio Daura Jorge é um deste historiadores que busca compreender o comportamento dessa espécie de botos no município de Laguna, desde 2006. Para o professor Daura Jorge, “o comportamento do boto indica o momento de se jogar a tarrafa, o que garante ao pescador mais capturas de peixes e sugere benefícios também para os botos” (UDESC, 2013). Ainda, segundo o professor, a cooperação entre pescadores e botos, já existe no mínimo há cem anos.

Figura 39 – Mosaico 7: ENGENHOS (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 40 – Mosaico 7: ENGENHOS



Fonte: Blog Escola é vida<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

Neste mosaico estão os elementos representativos da economia do município desde sua colonização. Hoje, ainda é possível encontrar algum “engenho de farinha e polvilho” em Sombrio, embora já seja movido a energia elétrica e tenha perdido parte de sua originalidade. Conforme o levantamento feito para projetar os mosaicos, “os engenhos de farinha começaram a aparecer com a colonização açoriana entre 1748 a 1756. O engenho é um equipamento industrial, confeccionado com uma combinação de engrenagens, que operam com eixos de 90° entre eles” (FARIAS, 2000, p. 293). Segundo Coelho (2003, p. 99),

os engenhos de farinha e de cana de açúcar também precisavam ser resistentes. Eram feitos de madeira de lei para que durassem toda uma vida. Um trabalho de engenharia milimetrado, idealizado a partir dos moinhos de vento da Europa. Como os ventos do litoral não favoreciam a construção de moinhos de vento, os engenhos acabaram sendo construídos em seu lugar.

Os engenhos estiveram muito presentes na vida dos primeiros colonizadores de Sombrio, e de boa parte das populações açorianas, sendo fundamentais para o desenvolvimento do município. Nos engenhos de açúcar, produzia-se além do açúcar, a cachaça e o melado. Dos engenhos de farinha, extraíam-se além da farinha de mandioca, a farinha de polvilho, doce e azedo, além da massa resultado da secagem da farinha, que propicia a produção de outros produtos e subprodutos da culinária.

Figura 41 – Mosaico 8: CESTARIA E OLARIA (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 42 – Mosaico 8: CESTARIA E OLARIA



Fonte: Blog Escola é vida<sup>23</sup>.

Este mosaico apresenta as duas técnicas artesanais muito utilizadas no município, a cestaria e a modelagem cerâmica. Consta no projeto que,

ao longo dos séculos XVIII a XX, os habitantes de Santa Catarina, descendentes de açorianos, criaram na região litorânea os mecanismos de sobrevivência, combinando os seus conhecimentos técnicos-culturais com o dos antigos habitantes da região, índios, vicentistas, acrescidos posteriormente, dos valores das culturas negras e dos imigrantes europeus contemporâneos (ARAÚJO, 2000).

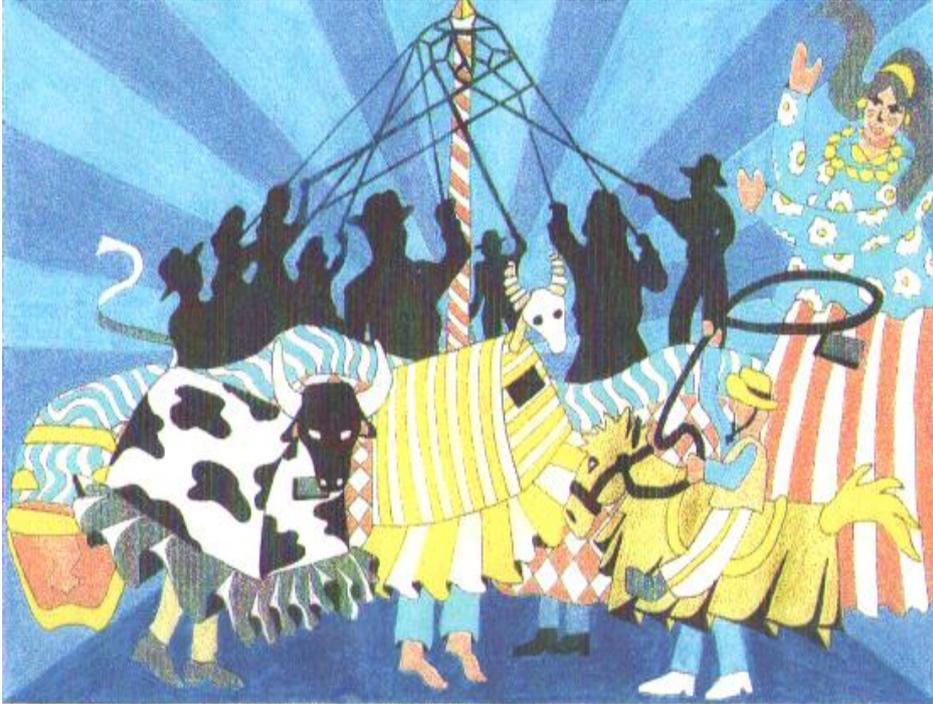
As populações açorianas e ítalo-germana que ocuparam Sombrio tiveram acesso as matérias primas necessárias para a produção artesanal. Utilizavam palha, cipós, taquaras, linhas, barro e madeira, para a produção de objetos artesanais, que seriam utilizados tanto com adornos decorativo, como objetos úteis para o dia a dia. “Trabalhos artesanais, pertencentes a categoria de trançados tiveram, ou tem, lugar na cultura do município: as redes de taboa, hoje desaparecidas; artefatos de vime, cipó e bambu (balaios, gaiolas, etc.), ainda produzidos, entre outros” (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1995, p. 41).

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

Das palhas, produziam-se chapéus, esteiras, cestos; do barro os vasos, panelas, bacias e telha para cobrir as casas; das taquaras, cercas, equipamentos de pesca, jaulas para os animais; e das linhas, tarrafas, redes de pesca, e outros.

Figura 43 – Mosaico 9: BOI-DE-MAMÃO E PAU-DE-FITA (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 44 – Mosaico 9: BOI-DE-MAMÃO E PAU-DE-FITA



Fonte: Blog Escola é vida<sup>24</sup>.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

As manifestações culturais, também viraram arte com os coloridos mosaicos de boi-de-mamão e pau-de-fita. Sendo o primeiro, um dos folguedos mais popular do litoral catarinense. Envolvendo música, canto e dança, além de personagens regionais em torno do espírito da morte e ressurreição do boi.

Era um grupo de homens amigos que sabiam prover este espetáculo de brincadeiras com vários personagens, caracterizados de mitos da cultura popular como: Mariana, Bernúncia, Urso, Cavalo, Boi e Urubu. Eram pessoas vestidas com as fantasias destes animais, e chegavam na casa de um amigo previamente escolhido, pois este os esperava com comida e bebidas para todos (PEREIRA, 2015, p. 25).

O segundo folguedo refere-se à uma dança que homenageia a fertilidade da natureza. A dança do Pau-de-Fita é formada por uma roda de dançarinos, tendo ao centro um pau-de-fitas coloridas, que representam as árvores e seus frutos (FARIAS, 2000).

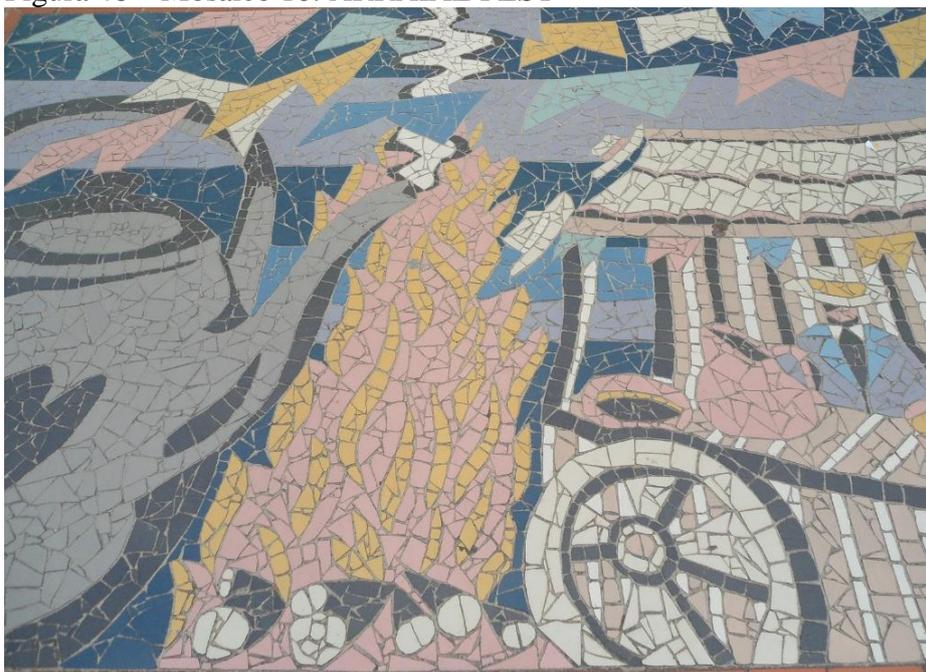
Nas proximidades do Natal, iniciavam os Ternos e Folias dos Reis, pois era uma forma de anunciar o nascimento de Jesus. Os ternos se estendiam por todo o mês de janeiro, na virada de dezembro para janeiro o Terno de Ano Bom, do dia 05 para 06 de janeiro era aos Santos Reis, no dia 15 para Santo Amaro e no dia 20 de janeiro para São Sebastião.

Figura 45 – Mosaico 10: ARRAIAL FEST (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 46 – Mosaico 10: ARRAIAL FEST



Fonte: Blog Escola é vida<sup>25</sup>.

Este mosaico delinea a festa que surgiu como forma de dar visibilidade a tradição popular, uma vez que no calendário escolar previa uma festa junina, envolvendo escolas, alunos, comunidade e a integração de todas as entidades organizadas do município. A chaleira ambulante é o símbolo da festa, que durante a organização, divulgação e no próprio evento, saindo pelas ruas da cidade distribuindo quentão. O primeiro Arraial Fest aconteceu em julho de 1993.

A Lei nº 16.857, de 18 de dezembro de 2015, incluiu no calendário oficial de eventos do Estado de Santa Catarina o Arraial Fest, a lei prevê que a festa será realizada bianualmente, no mês de julho, no município de Sombrio. Embora o último Arraial Fest, tenha sido terceirizado por uma empresa particular, as atrações culturais continuaram a cargo da Prefeitura, por meio da Secretaria de Cultura, com palco e espaços para apresentação dos artistas locais, tais como, escritores, artesãos e músicos.

No evento ocorre farta gastronomia, com praça de alimentação expondo os produtos alimentícios locais; há ainda o Arraial Fashion, onde as empresas do vestuário apresentam seus produtos. Acontece também, o Arraial da Melhor Idade, a feira agro Cultural e a FEINDES – Feira de Industria e Desenvolvimento de Sombrio.

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

A feira Agro Cultural, assim como a FEINDES, é a oportunidade que os produtores encontram para expor seus produtos, quer sejam oriundos da agricultura, quer sejam produtos produzidos nas confecções, olarias ou mesmo artesanais.

Figura 47 – Mosaico 11: FURNAS (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 48 – Mosaico 11: FURNAS



Fonte: Blog Escola é vida<sup>26</sup>.

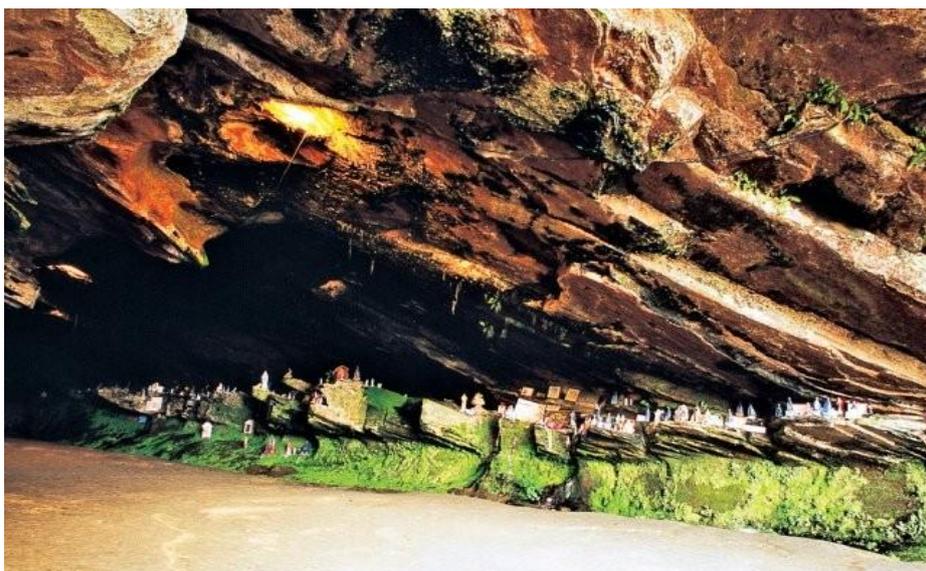
As furnas são um conjunto de grutas que encontram-se situadas as margens da BR 101, há 2 km do centro da cidade. A maior delas possui 17 metros de abertura e sua área é de 118 metros quadrados. Foi ali nas proximidades das furnas que instalou-se o primeiro colonizador europeu de Sombrio. E no dia 14 de Agosto de 1846,

o Governo concedeu a Serafim Antônio da Cunha, a pedido de João José de Monteiro de Guimarães, uma área equivalente a 350 hectares ao Sul de Laguna, ‘*Num local conhecido como Morro Sombrio*’. As terras margeavam a Lagoa do Morro Sombrio, e ficavam próximas as grutas tão apreciadas por João José (COELHO, 2003, p. 243).

Hoje as grutas são locais de parada para turistas e romeiros, se não pelas belas paisagens, mas por uma prece, uma promessa a fazer ou a pagar. Pois atualmente, o interior da gruta maior transformou-se num verdadeiro santuário.

Os frequentadores são de todas as idades e é comum ver famílias inteiras no local. Sempre há velas acesas e imagens, seja de santos católicos e até mesmo de outros grupos, como da umbanda. Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio são os mais comuns. Recados trazem nomes de pessoas que agradecem pelas graças recebidas. “As pessoas acreditam que a água é benta, trazem garrafas e levam para casa” (VALENTINI, 2013).

Figura 49 – Furnas de Sombrio/SC



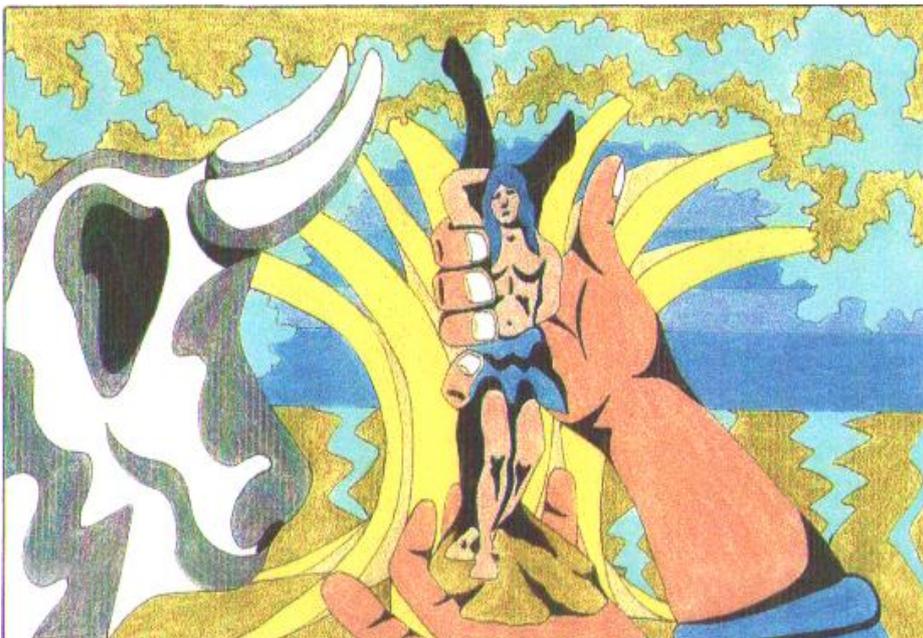
Fonte: Plínio Bordin/Divulgação<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/verao/2013/noticia/2013/02/furnas-guardam-historias-e-misterios-e-sao-locais-de-devocao-no-sul-de-sc.html>>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

O lugar que já foi abrigo para os índios, depois para os tropeiros que desciam da Serra Gaúcha, e paravam para pernoitar e dar água para o gado, sempre fez parte da história de Sombrio. Esta é a maior das cinco grutas que compõe o complexo de Furnas da cidade. Rochas formadas pelo arenito Botucatu, que constitui o Aquífero Guarani, que constitui a maior reserva de água doce do mundo.

Figura 50 – Mosaico 12: OS ROMEIROS DE SÃO SEBASTIÃO (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 51 – Mosaico 12: OS ROMEIROS DE SÃO SEBASTIÃO



Fonte: Blog Escola é vida<sup>28</sup>.

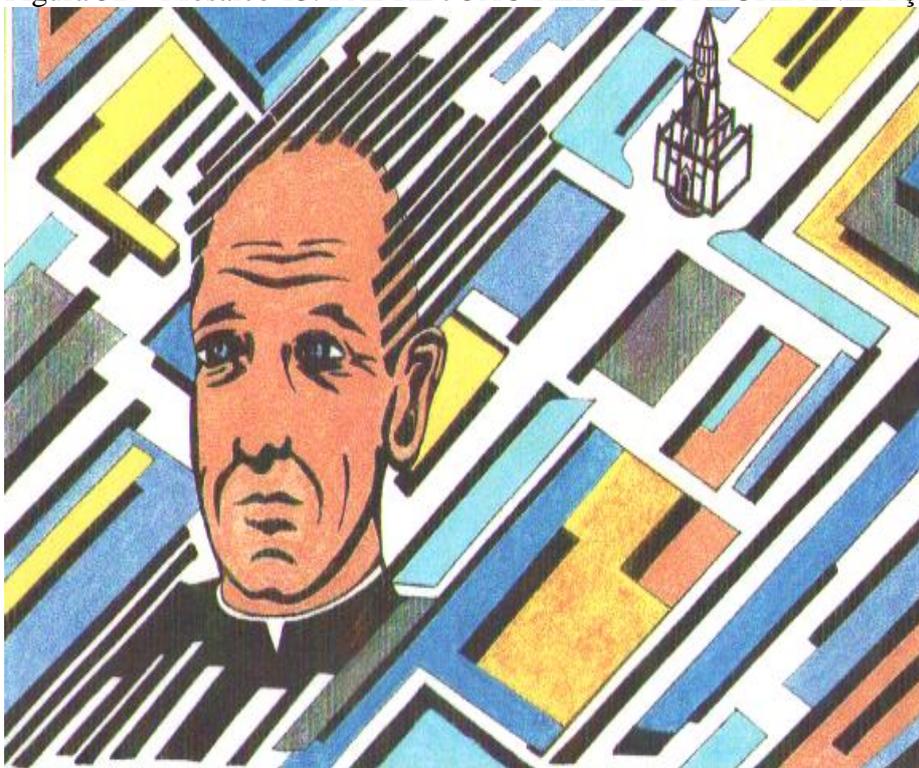
<sup>28</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

A devoção por São Sebastião é bastante antiga no município de Sombrio. Por ocasião de uma grande peste de gado na região e arredores no início do Século XX, um devoto de São Sebastião, prometera rezar um terço embaixo da figueira, onde encontrou um novilho caído. Chegada a ocasião determinada e a convite do pagador da promessa, reuniu-se um grupo de pessoas para rezarem embaixo da tal figueira.

Por iniciativa popular, devida a uma promessa a São Sebastião em 1929, pelo Sr. Vital Machado, por ocasião de uma grande peste que atingiu boa parte do gado da região, iniciou-se a reza do terço, com ladainha recitada em latim, debaixo de uma figueira, lá onde encontraram uma rês (boi) morta (ROSA, 2013, p. 137).

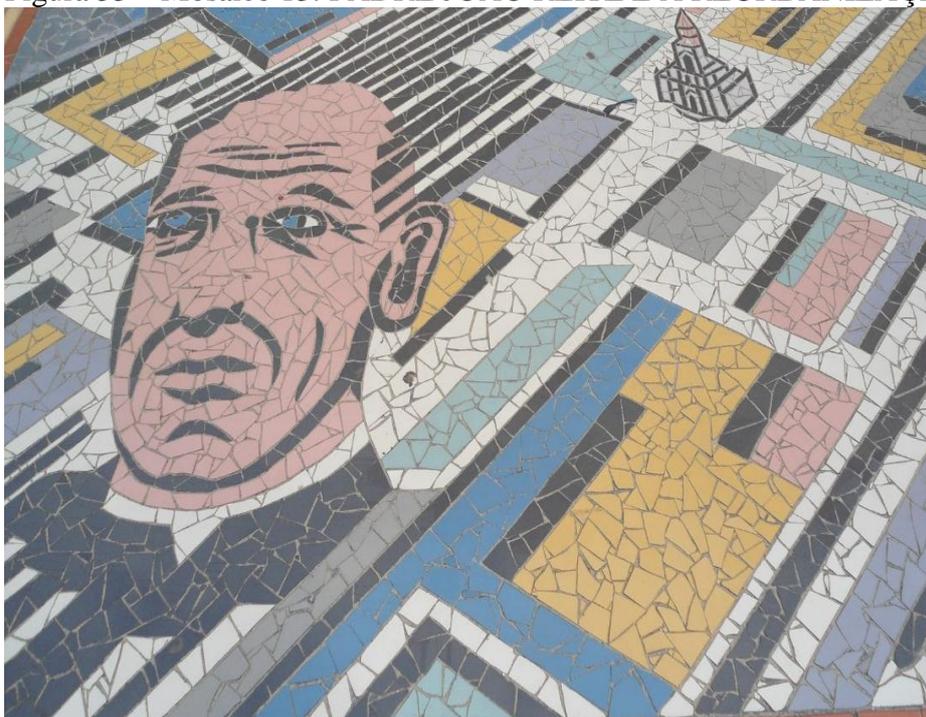
Nos anos seguintes continuaram a realizar o feito, e a cada ano aumentava o número de devotos. Com o passar dos anos uma capela foi construída no local, e até os dias atuais todo dia 20 de janeiro, dia dedicado ao Santo, os moradores de Sombrio e Balneário Gaivota, fazem romarias e festejam o Santo, hoje com três missas campais, café dos romeiros, almoço e procissão.

Figura 52 – Mosaico 13: PADRE JOÃO REITZ E A REURBANIZAÇÃO (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 53 – Mosaico 13: PADRE JOÃO REITZ E A REURBANIZAÇÃO



Fonte: Blog Escola é vida<sup>29</sup>.

Este mosaico foi em homenagem ao padre João Reitz que deixou como legado ao município de Sombrio, a idealização da reurbanização da cidade. Nascido em 09 de novembro de 1904, foi o primeiro vigário nomeado no município, idealizou e lutou pela construção da igreja de Santo Antônio.

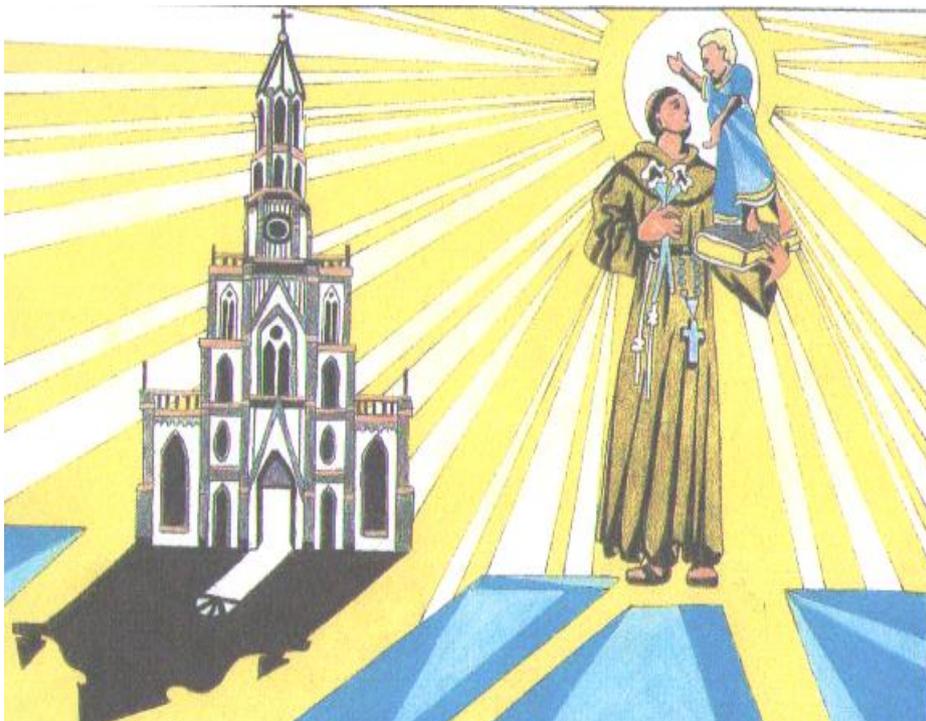
Para construir este importante templo, Padre João levou muitos anos pedindo ajuda a comunidade e fazendo festas. Chegou até a construir uma olaria para produzir tijolos para a construção da igreja. Numa luta incessante ele conquistou a maioria do povo da região e lideranças políticas para, até então, com muito sacrifício, poder presentear Sombrio com esta bela igreja em estilo gótico (PEREIRA, 2015, p. 109).

O Cônego João Reitz, fundou associações religiosas, sociais e culturais, criou capelas nas comunidades agrícolas, buscou para a cidade instituto educacional e assistência hospitalar, foi um homem que vislumbrou um futuro melhor para o município. Padre João como era chamado pelos fiéis, foi o maior incentivador da urbanização planejada.

---

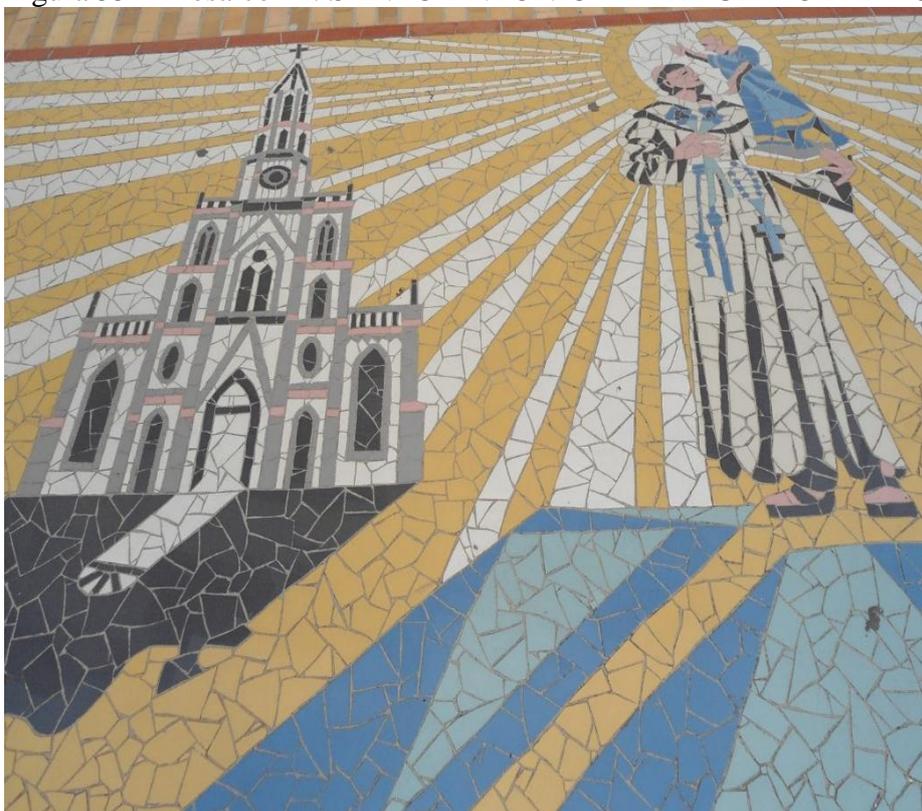
<sup>29</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

Figura 54 – Mosaico 14: SANTO ANTONIO DE PÁDUA – O PADROEIRO (Projeto)



Fonte: Araújo, 2000.

Figura 55 – Mosaico 14: SANTO ANTONIO DE PÁDUA – O PADROEIRO



Fonte: Blog Escola é vida<sup>30</sup>.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

O dia de Santo Antônio é comemorado em 13 de junho, nesta data festiva é decretado feriado municipal de Sombrio, quando ocorre a festa em homenagem ao padroeiro. Pereira (2015, p. 112) descreve a chegada da imagem de Santo Antônio em Sombrio:

Era noite e para visualizar ao longe no campo aberto o trajeto sinuoso do leito do rio da Laje, um arco iluminado por lâmpadas elétricas, alimentadas por bateria, que contornava a imagem do Santo Antônio. Ao aproximar-se do atracadouro iniciou-se uma bateria de fogos de artifício, para o delírio daquele povo rudimentar, estupefatos com o espetáculo até então nunca visto na região. Finalmente ao se efetivar o sonho de ter uma imagem do santo padroeiro.

Se os açorianos eram povos de festas e danças, mas também viam na fé o grande valor da vida. “A igreja era para este o centro da vida social e cultural. As missas, novenas procissões, festas religiosas, cantorias do Divino e de Terno de Reis, os casamentos, batizados e outros acontecimentos em torno da igreja marcavam suas vidas” (FARIAS, 2000, p. 264).

A devoção a Santo Antônio acompanhou sempre a família Monteiro de Guimarães, e mesmo antes de construir a primeira capela, as missas eram celebradas na casa das famílias. A primeira missa na capela, segundo Rosa (2013) foi rezada no dia 13 de junho de 1918, dia de Santo Antônio.

Além dos mosaicos, outros objetos fazem parte do Museu ao ar livre de Sombrio. São elementos do patrimônio local que fizeram parte da vida e história do povo sombriense, tais como: forno de barro, muito usado na culinária das colônias, engenho de farinha desativado, potes de barro que lembram as atividades dos primeiros habitantes de Sombrio, telefones públicos com cabines feitas de canoas encontradas no fundo do Rio da Lage em Sombrio.

Figura 56 – Forno feito de barro



Fonte: Sombrio – Retratos de Santa Catarina.

Figura 57 – Engenho de farinha



Fonte: DV3 Comunicações. 07/12/2013.

Figura 58 – Tear de aramado



Fonte: Da autora.

Figura 59 – Mosaico nos poste de energia



Fonte: Da autora.

Figura 60 – Monumentos em arame alusivo ao Pão-por-Deus



Fonte: Google maps<sup>31</sup>.

Figura 61 – Potes de Cerâmica



Fonte: Idem.

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-29.113124,-49.6353712,3a,75y,69.05h,67.13t/data=!3m6!1e1!3m4!1seoZUMia9bK1gKDwRptdmsA!2e0!7i13312!8i6656>>. Acesso em: 15 Ago. 2017.

Figura 62 – Canoa



Fonte: Da autora.

Figura 63 – Banco feito com remos das canoas



Fonte: Da autora.

### 3.4 DISCUSSÃO

Como outras cidades do sul catarinense, o povoado de Sombrio se formou a partir de um forte hibridismo etno-cultural, onde índios, luso-açorianos, negros, poloneses, italianos, alemães, entre outros, integraram<sup>32</sup> durante décadas suas culturas, que até os dias de hoje fazem parte da construção das comunidades do município (FARIAS, 2000).

Foram muitas as formas de registrar os acontecimentos, as manifestações, a história desse povo que constitui a cultura e história de Sombrio. Mas contar a história por meio de edificações e monumentos artísticos em um calçadão foi a maneira mais expressiva, uma vez que a arte fala por si só. E foi de forma simples, e ao mesmo tempo imponente que a cultura de Sombrio foi preservada. Percebe-se em cada quadro do mosaico a história local se descortinando de forma criativa e memorial, representado pelos costumes, o artesanato, pessoas que fizeram o município; em cada monumento feito em metal, nos bancos com acentos e encostos simulando remos das canoas; em aramados remetendo a colaboração, no Pão-por-Deus, os vasos de barro, uma alusão à economia e aos fatos que compuseram cada pedacinho desse município.

O calçadão foi inaugurado em abril de 2000 e sofreu modificações em 2016, quando a administração pública municipal, transferiu o calçadão e todo o acervo cultural que compunha o mesmo, para a Avenida Getúlio Vargas. Isso ocorreu com a justificativa de revitalizar, humanizar e fazer algumas adequações turísticas, que integrariam Sombrio ao circuito cultural religioso turístico.

As obras repaginaram a área central da cidade de Sombrio, com melhorias que transformaram a Avenida Getúlio Vargas no maior Calçadão de Santa Catarina. São quase 600 metros de extensão; sistema de energia e comunicações com cabeamento subterrâneo, postes iguais aos da ponte Colombo Machado Sales de Florianópolis, luminárias com lâmpadas de LED, gerando mais eficiência no sistema de drenagem pluvial, pavimentação asfáltica, e calçadas com *paver* e piso tátil, possibilitando maior acessibilidade (PITHAN, 2016).

Além do comércio de vestuário, que é a principal atividade econômica do município; das furnas, um dos locais mais antigos de visitação, por estar em lugar de fácil

---

<sup>32</sup> Vale ressaltar que a integração dessas culturas nem sempre ocorreram de forma pacífica, principalmente quando se tratava da relação quase sempre, pouco amistosa do europeu com as comunidades indígenas e negras. As primeiras foram caçadas e praticamente extintas na região e, a segunda foi escravizada. Ambas não tiveram o direito de manter viva suas culturas.

acesso, às margens da BR 101, o município conta ainda, com o calçadão, com seu museu ao ar livre, que colocou a cidade na rota do Caminho dos Cânions<sup>33</sup>.

Mesmo que ao mudar para outra avenida, o calçadão tenha sofrido algumas modificações quanto a composição do acervo, os monumentos continuaram conforme sua construção original. As canoas de madeira, que tinham como meta proteger os telefones públicos, já não tem mais essa função, porém permanecem expostas no calçadão, lembrando que os antigos habitantes viveram muito tempo da pesca, mesmo que artesanal.

Para Canclini (2000), ao criar um espaço para os monumentos, o lugar torna-se cerimonial, pois acomoda símbolos de lembrança e identidade, de protagonistas e combates que, embora já não existam mais, preservam representações de sua origem. Os mosaicos do calçadão, assim como todos os símbolos ali expostos se traduzem nestas lembranças, nessas representações. A medida que se conhece a história da colonização, dos primeiros habitantes, da economia e dos folguedos, vai se percebendo que a cultura sombriense é fruto de um hibridismo cultural e que mesmo que hoje esteja resguardada por meio das artes mosaicas, dos monumentos edificados, ainda sofre com os projetos expansionistas de tendências modernas motivadas pelo lucro.

---

<sup>33</sup> O Caminho dos Cânions é um roteiro turístico que envolve as cidades próximas aos cânions do Itaimbezinho e Aparados da Serra, entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

## 4 MEMÓRIA DE VELHO: A NARRATIVA COMO LINGUAGEM MNEMÔNICA

### 4.1 MEMÓRIA E NARRATIVA

A memória, como propriedade de conservação das informações, “remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1996, p. 423). Para compreendermos seus processos formativos, é necessário entender as formas distintas que mantém o passado sempre no presente. Para Bergson (1999), isso acontece sob duas condições diferentes: a primeira envolve os mecanismos motores e, a outra é representada pelas lembranças independentes.

Com isso, a operação prática e conseqüentemente ordinária da memória, a utilização da experiência passada para a ação presente, o reconhecimento, enfim, deve realizar-se de duas maneiras. Ora se fará na própria ação, e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ora implicará um trabalho do espírito, que irá buscar no passado, para dirigi-las ao presente, as representações mais capazes de se inserirem na situação atual (BERGSON, 1999, p. 84).

O estudo da aquisição da memória pelas crianças foi possível mediante a “inferência do desempenho da inteligência, desenvolvida por Piaget”, (LE GOFF, 1996, p.424), quando se avaliou que os fenômenos da memória, sejam nos aspectos biológicos ou nos psicológicos são resultados de sistemas dinâmicos de organização. Le Goff (1996) atribuiu a aproximação de linguagem e memória a partir destes sistemas auto-organizadores e fundamentou-se nos estudos de Atlan (1974), onde argumenta que:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem, sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (ATLAN, 1974, p. 461 apud LE GOFF, 1996, p. 425).

Daí a importância das narrativas para a manutenção da memória cultural das diversas sociedades. “A narrativa é percebida como um meio, na interação entre memória e

história oral, que possibilita novos conhecimentos e expressões na reconstituição da história individual e coletiva” (NOGUEIRA, 2013, p.3).

A memória cultural faz parte da história de cada indivíduo, e por mais distante que vá, carrega consigo intrínseco por meio de recordações, lembranças, os fatos vivenciados outrora ou que fora contado de geração a geração.

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 43).

Já a Memória Comunicativa, foi cunhada por Assmann (2011), e ela existe na relação, no contato com o outro e na transmissão dos mais velhos para os mais jovens.

As anotações de nossos avós e bisavós só são legíveis nos termos das histórias de família recontadas oralmente. Há então, um paralelo entre a memória cultural, que supera épocas e é guardada em textos normativos, e a memória comunicativa, que normalmente liga três gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente (ASSMANN, 2011, p. 17).

Esse caráter dinâmico da memória que envolve os dois conceitos onde a comunicativa está “relacionada à transmissão difusa de lembranças no cotidiano, através da oralidade” e a memória cultural refere-se às “lembranças objetivadas e institucionalizadas, que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo das gerações” se traduz em um olhar diferente sobre o aspecto mnemônico, caracterizado pela especificidade e pela micro história. Para Dourado (2013),

a memória cultural é constituída, assim, por heranças simbólicas materializadas em textos, ritos, monumentos, celebrações, objetos, escrituras sagradas e outros suportes mnemônicos que funcionam como gatilhos para acionar significados associados ao que passou. Além disso, remonta ao tempo mítico das origens, cristaliza experiências coletivas do passado e pode perdurar por milênios. Por isso, pressupõe um conhecimento restrito aos iniciados. A memória comunicativa, por outro lado, restringe-se ao passado recente, evoca lembranças pessoais e autobiográficas e é marcada pela durabilidade de curto prazo, de 80 a 110 anos, de três a quatro gerações. E, por seu caráter informal, não requer especialização por parte de quem a transmite (DOURADO, 2013).

Bobbio (1997) diz que as recordações só aflorarão se buscarmos por elas nos mais profundos recantos da memória,

o lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante os muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. Encontramos os anos que se perderam no tempo, as brincadeiras de rapaz, os vultos, as vozes, os gestos dos companheiros de escola, os lugares, sobretudo aqueles da infância, os mais distantes no tempo e, no entanto os mais nítidos na memória (BOBBIO, 1997, p. 31).

Cantarino e Pereira (2004, p.172-173) afirmam que, para a filosofia, “a memória não é apenas recordar, mas uma das formas fundamentais da existência humana, a relação do ser humano com o tempo, o que vale dizer, com o tempo passado” Portanto, para ele a memória é,

a presentificação do que já passou, e é a marca do agora que virará passado na lembrança. Dessa forma, a memória é o próprio passado, pois é ela que o faz existir”; [...] Possuir lembranças é importante também para que haja autoconsciência, pois, em certo sentido, o ser humano é o resultado de suas memórias. Aquilo que se chama de “eu” não é senão o conjunto de memórias que se carrega na vida (CANTARINO; PEREIRA, 2004, p. 167-173).

E é por meio da história, contada e recontada, dos fatos ocorridos que a memória se mantém viva. Segundo Pollak (1992), é por meio da transmissão da cultura local herdada, que fora constituída por fatos vivenciados, que a memória vai se construindo coletivamente e transformando-se constantemente.

Para Delgado (2010, p. 09), “[...] a memória é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”. Para a autora, o tempo tem grande importância, uma vez que as representações sobre ele são construções concretas da realidade material.

Pode-se dizer que a memória não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas, com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída. As produções simbólicas cotidianas expressam e articulam diferentes formas de saberes, os quais ajudam na construção das identidades, das práticas culturais e das tradições, que por sua vez aderem modos de vida.

A memória, segundo Le Goff (1996, p. 476), “é elemento essencial de que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

E cabe a cada um de nós trabalharmos de forma que esta memória coletiva ou não, seja usada para libertação do próprio homem, pois onde cresce a história, alimenta-se a memória que salva o passado para servir o presente e o futuro (LE GOFF, 1996).

Atualmente, discute-se amplamente o papel da memória na construção da identidade, uma vez que essa se altera cada vez mais rápido, criando sociedades e indivíduos múltiplos e plurais, caracterizando uma fragmentação (HALL, 2011; BAUMAN, 2004; CANCLINI, 2004). Para Hall (2011, p.14-15),

o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes.

Segundo Hall (2011), não importam as diferenças entre os indivíduos, em termos de classe, gênero ou raça, a cultura nacional acaba unificando-os numa identidade cultural para que desta forma todos pertençam a uma grande família nacional, embora Hall (2011) nos leve a pensar as culturas como constituição de um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade.

Quando uma pessoa pode ser definida como alguém cujas ações são sempre inaceitáveis, conduzidas por normas e valores que não compartilhamos, nossa conduta em relação a essa pessoa será modificada. Classificar ações e comparar condutas e práticas humanas de acordo com nossos sistemas de classificação cultural é mais uma forma de regulação cultural (HALL, 1997, p. 20).

Para Hall (2011), a identidade está profundamente envolvida no processo de representação, e desta forma o moldar-se e remoldar-se das relações espaço-tempo nos diferentes sistemas relacionais influenciam a forma como as identidades são localizadas e a maneira de representação.

Erikson (1987) diz que a identidade é vista como um processo que integra numerosas experiências do indivíduo ao longo de toda a sua vida. Faz referência ainda à identidade como construção do meio de redes interativas, na qual cada indivíduo se define face aos outros indivíduos. E nesta relação que ambos estabelecem entre si, que aceitam ou rejeitam as imagens que tem de si.

Assim, a identidade apresenta duas funções reguladoras: a função integradora e a função adaptativa. A integradora assegura a preservação do eu, enquanto a adaptativa permite a adaptação às diferentes situações relacionais (ERIKSON, 1987). Numa concepção

sociológica, Hall (2011) diz que a identidade preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”, ou seja, entre o seu eu pessoal e o seu eu público.

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura (HALL, 2011, p 12).

Para Assmann (2011), nós nos definimos a partir do que lembramos e esquecemos. Reformular a identidade é reorganizar a memória, seja ela individual ou social. Durante a vida, os indivíduos vão construindo suas identidades nas relações sociais e nos diferentes contextos pelos quais perpassam ao longo de suas histórias. Ao compartilhar suas memórias sociais, as formas de ver o mundo e os modos de organização se modificam, e é na memória dos indivíduos que a identidade cultural vai sendo lembrada e perpetuada.

#### 4.2 HISTÓRIA ORAL: A LEMBRANÇA COMO LINGUAGEM

A história oral é compreendida como importante e eficiente metodologia de apreensão e registro de narrativas, de modo a documentar vivências, práticas e modos de vida (DELGADO, 2010). O contar histórias vem desde a antiguidade, como tradição oral transmitida por nossos ancestrais, permeada por memórias, sentimentos e significações. Costa (2014, p. 02) diz que “as narrativas silenciadas, ocultas pela história oficial podem transfigurar-se em memórias subterrâneas”, e que o contar histórias é uma tradição de tempos remotos.

Por meio de histórias, contos, poesias, a vida foi sendo narrada fazendo com que cada herói em suas épocas não ficassem esquecidos.

E os grandes acontecimentos eram necessariamente anunciados pela voz do poeta, a palavra épica não era apenas o relato ou a descrição dos acontecimentos, mas um ato que dava a existência ao ato que narrava. Por isso eram homens percebidos por seus pares, como “iluminados” graças a capacidade de transmitir oralmente ensinamentos sobre o seu tempo (COSTA, 2014, p. 03).

Para Costa (2014), narrar sempre foi um possibilitar, que o conhecimento, quer seja do passado ou do presente, transformasse a vida em um trabalho permanente de reelaboração

emotiva, dando novas ressignificações aos acontecimentos. “Alguns períodos da história da humanidade foram marcados por forte religiosidade, outros por profundo humanismo, alguns por arrojada concepção social e tantos por violência e ceticismo. A singularidade destas experiências constitui o substrato da marca do tempo” (COSTA, 2014, p. 05).

Tradição oral e memória perpassam as diversas dimensões sociais e culturais de uma comunidade, seja ela ágrafa ou não. Botelho (2011, p. 301-302) diz que “discutir memória nas suas várias dimensões, seja individual, coletiva e social, suas relações com a história e seus silêncios temporais é desafiador”. Para Maluf (1995) o trabalho de rememorar é um ato de intervenção, ao mesmo tempo em que é uma tentativa de organizar um período que fora vivido e sentido no passado. Maluf (1995, p 28), ainda diz, que: “o que existe são perspectivas da realidade, e nenhuma delas esgota completa e definitivamente quer a análise, quer a descrição”.

É possível dizer então que a história oral, embora seja individual, vem carregada de ideias e sentimentos infundidos pelo meio social.

Apesar da possibilidade da lembrança estar determinada pela função social, cada indivíduo se insere de uma forma particular nas múltiplas redes das quais faz parte e nas quais atua... a memória de uma pessoa está enlaçada à memória do grupo, que por sua vez está integrada à memória mais ampla da sociedade (MALUF, 1995, p. 35).

Para Halbwachs (1990), há uma distinção entre memória coletiva ou social e história, uma vez que a memória social continua sendo vivida, física ou afetivamente, e para que não morram é preciso fixá-las por escrito, pois os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. Botelho (2011) ainda diz, que a condição necessária para que haja memória é o sentimento de continuidade presente naquele que se lembra.

Para Delgado (2010, p.34) “tempo, memória, espaço e história caminham juntos”, e isso se faz numa relação tensa em busca de apropriação e reconstrução da memória pela história. A autora justifica esta tensão, no ato de recompor lembranças. “A relação tencionada acontece, por exemplo, quando se recompõe lembranças, ou se realizam pesquisas sobre guerras, vida cotidiana, movimentos étnicos, atividades culturais, conflitos ideológicos, embates políticos, lutas pelo poder” (DELGADO, 2010, p. 34).

Chauí (1995) nos faz refletir sobre a importância da memória para evocar o passado, e desta forma as lembranças de um tempo que se foi podem ser guardadas evitando assim, a perda da história.

Segundo Thomson (2000, p. 69), “no decorrer dos anos alguns historiadores vinculados a história oral foram criando métodos de análises e entrevistas fundamentadas em

um entendimento complexo da memória e da identidade, como forma de aproveitar melhor estas memórias para fins de pesquisa histórica e sociológica”.

Frisch (2000), num primeiro momento considerou a memória coletiva como componente de novas concepções acadêmicas do processo histórico.

Primeiro, consideraremos a memória coletiva como um componente das novas compreensões acadêmicas do processo histórico, e como essas compreensões esclarecem o papel central da memória coletiva nos recentes, acalorados, amplos e polêmicos debates públicos sobre a natureza e o lugar ocupado pelo conhecimento histórico, pela consciência, pela sensibilidade e pela percepção na vida e na cultura contemporânea norte-americanas (FRISCH, 2000, p. 74).

Para Montenegro (1994, p. 11), há vários matizes que delimitam as diversas categorias de “culturas popular” e “memória popular”,

cada época, recupera e atribui ao popular um sentido, que, em princípio, resulta da disputa ou das relações no interior dos discursos, na medida em que estes discursos se propõem estabelecer determinados imaginários. [...] a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. Ela se forma e opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto sobre o grupo ou indivíduo formando todo o imaginário (MONTENEGRO, 1994, p. 02, 19-20).

Segundo Joutard (2000), a força da história oral é dar oportunidade aqueles que muitas vezes estão excluídos, para que deem continuidade e desta forma, se sintam ator da história, mas o autor também nos alerta da importância de reconhecer os limites para que a pesquisa oral fundamente e desempenhe de forma plena seu papel.

[...] que há uma última dimensão em que os campos da memória se entrelaçam, uma dimensão em que a história oral tem tido especial importância, não tanto por seus produtos, mas mais por seus processos: pelo envolvimento maior na recuperação e na reapropriação do passado que a história oral possibilita (FRISCH, 1990, p.78).

Para Delgado (2010, p.17), “a memória ativa é um recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades”, e que a história oral, traz muitos desafios, entre estes, a relação entre as diferentes temporalidades, onde o narrador fala no presente sobre um tempo já vivido, passado, ou seja, um outro tempo.

[...] traz em si memórias de suas experiências e também lembranças a ele repassadas, mas filtradas por ele mesmo, ao disseminá-las. Fala-se em um tempo sobre um outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje (DELGADO, 2010, p.18).

Halbwachs (1990), afirma que a memória social está presente em um passado vivido, onde os sujeitos revelam suas narrativas dos fatos passados, por meio de história oral, ou então, por meio da história escrita. Sendo que esta história deve ser compreendida como uma série de fatos e acontecimentos que no decorrer da história passam a fazer parte da identidade social. “[...] os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, eles representam correntes de pensamento e experiências onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo” (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Segundo Joutard (2000), a memória é também constitutiva da identidade pessoal e coletiva, e que por sua vez é em torno da memória que a história oral reencontra a história geral. Conforme, Halbwachs (1990), ao lembrar do passado, todo indivíduo faz uma remissão as lembranças dos outros, e para tal a memória coletiva submerge de sentimentos de pertencimento, de identidade e de recordações. Compreende-se com isso que, a memória coletiva é composta das relações e vivências do indivíduo e a sociedade no qual ele está inserido, ou seja, a memória é um fenômeno construído socialmente.

Para Delgado (2010), o maior desafio é utilizar a história oral como procedimento metodológico, uma vez que ela por si só já é um meio de se produzir o conhecimento histórico. Por outro lado há também a relação entre os múltiplos tempos, onde o passado e o presente se entrelaçam, pois no processar a memória, tanto o tempo individual, quanto o tempo coletivo estão presentes, pois ao fazer uma narrativa ou depoimento, aquele que relata já não está mais no tempo vivenciado, e as memórias de suas experiências já são filtradas pelo próprio narrador. “Fala-se em um tempo sobre o outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificada pelas emoções do hoje” (DELGADO, 2010, p. 18).

A história oral contribui como procedimentos de métodos qualitativo em diversas áreas do conhecimento. E conforme Delgado (2010), ao ouvir a história de vida o pesquisador também contribui ao compartilhar tais experiências pessoais, uma vez que estas se integram as histórias coletivas. Thomson (2000), diz:

[...] a história oral pode se tornar um poderoso instrumento para a descoberta, exploração e avaliação da natureza do processo de memória histórica – como as pessoas compreendem seu passado, como vinculam a experiência individual e seu contexto social, como o passado torna-se parte do presente, e como os indivíduos o utilizam para interpretar suas vidas e o mundo à sua volta (THOMSON, 2000, p. 53).

Segundo Delgado (2010), embora sejam inúmeros os desafios e de diferentes formas a utilização da história oral, é preciso compreender as muitas questões que ainda estão

inerentes a segmentação muitas vezes intransigentes que permeiam o conhecimento. Também é importante destacar que a história oral insere-se nas mais diversas metodologias, sobretudo, como método qualitativo e “contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas” (DELGADO, 2010, p. 18). Segundo a autora, a história oral, além de ser um processo integrado, ela oportuniza a participação de indivíduos que foram parte dos contextos históricos, como testemunhas de fatos ocorridos quer seja pessoal ou coletivamente.

Frisch (2000, p. 168), diz que “a história oral enfoca, geralmente contextos específicos com grande detalhamento; apoia-se na fugidia evidência da memória; e distingue-se das metodologias históricas”, e apresenta um envolvimento do entrevistado com o entrevistador e isso desafia pesquisadores quanto a concepção da história oral, como provocadora de diálogos da importância dos contextos históricos no presente.

Dentre as potencialidades metodológicas e cognitivas apresentadas por Delgado (2010, p. 19), algumas são destacadas como significativas para o trabalho em questão, tais como: “Recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões”. Isso possibilita buscar informações de fatos que possam ter sido registrados ou não e possibilitar o acesso a comunidade. Ao registrar os fatos históricos levantados, é possível recolher depoimentos de outros personagens as vezes anônimos, que possam revelar diferentes visões e interpretações.

Com relação aos tipos de entrevistas, Delgado (2010, p. 20), apresenta dois tipos como as mais usadas em pesquisas com história oral, como: “depoimentos de histórias de vida e entrevistas temáticas”.

A pesquisa desenvolvida aqui insere-se nesse contexto da entrevista temática. Foram entrevistadas 4 pessoas, com idade entre 60 e 90 anos, as quais enfocaram os elementos do patrimônio material e imaterial de Sombrio, que serão discutidos abaixo.

### 4.3 METODOLOGIA E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

#### 4.3.1 Metodologia

A metodologia seguiu os critérios da pesquisa qualitativa, elaborada por meio de uma análise de conteúdo fundamentada em Bauman (2004), Bosi (1994), Canclini (2000) e Delgado(2010). Ao considerar que o homem está sempre numa constante busca de si mesmo, procurando criar uma identidade que o leva a fazer parte da sua própria história e de seus semelhantes, e que por sua vez esse processo é dinâmico, pois ao mesmo tempo o integra como sujeito da construção da história é também um processo de compartilhamento de experiências, embora muitas vezes conflituosas que o leva a construir sua identidade por meio das semelhanças e diferenças e de sua inserção em grupos sociais (DELGADO, 2010). Assim, “a metodologia da história oral, [...], é um procedimento que em muito contribui para que tais similitudes e diferenças sejam destacadas ou reconhecidas” (DELGADO, 2010, p.51).

Para Portelli (1997, p. 29), “as fontes orais são fontes narrativas”. Por isso, essa pesquisa procurou analisar os materiais da história oral, a partir das narrativas dos velhos por meio de entrevistas não estruturadas. Para o autor, ainda: “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI 1997, p. 31). Para Delgado (2010), o grande desafio é recompor a própria história oral utilizando-se da metodologia da história oral.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2010, p. 15).

Ciente de que na metodologia da história oral, o pesquisador se valerá das memórias dos entrevistados como fonte que irá amparar as narrativas, das quais construirão os documentos que subsidiarão sua pesquisa. “Portanto, a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para produção do conhecimento histórico” (DELGADO, 2010, p. 16).

Essa pesquisa procurou recuperar memórias do processo histórico das comunidades e da região, de acordo com diferentes pontos de vista. Foram colhidos depoimentos de pessoas

que foram testemunhas de fatos relevantes. Reconheceu-se objetos, documentos guardados, que no decorrer das narrativas foram sendo trazidos, como forma de validar as falas.

Para Delgado (2010), é comum que alguns entrevistados sintam-se estimulados a buscar seus pertences antigos, guardados em alguma gaveta ou caixa:

[...] é usual que depoentes, estimulados pelas entrevistas, recorram a velhas relíquias ou antigos guardados, encobertos pela pátina do tempo, como fotos, objetos, jornais, discos, cartas, poemas, entre outros recursos, que possam contribuir para tornar o ato de lembrar mais vivo (DELGADO, 2010, p. 17).

Esta pesquisa está inserida na linha de pesquisa Linguagem e Cultura do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina que visa a estudar, na modernidade e na contemporaneidade, as linguagens verbais e não-verbais e suas correlações, bem como as manifestações culturais e estéticas, com ênfase em sistemas, produtos simbólicos e seus suportes midiáticos. A linha atua numa intersecção entre os campos da literatura, cinema, antropologia e comunicação<sup>34</sup>.

#### **4.3.2 Procedimentos de coleta dos dados**

Essa pesquisa pautou-se na investigação bibliográfica e documental, seguida de análise qualitativa de entrevistas não estruturadas por meio da metodologia da História Oral. O levantamento bibliográfico e documental pautou-se na análise e avaliação da legislação e normas que regem a definição de patrimônio cultural material e imaterial. Os elementos do patrimônio cultural local, aqui tratados como documentos (LEGOFF, 1992), foram mapeados por meio de uma saída de campo para identificação, registro e cadastramento, bem como a identificação dos principais elementos do Patrimônio Cultural Material e Imaterial de Sombrio. Os levantamentos desses dados ocorreram por meio de pesquisa documental e de campo.

Os dados qualitativos foram avaliados por meio de entrevistas temáticas, não estruturadas, realizadas com quatro idosos, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idade superior a 60 anos, localizados nos bairros São Francisco, Januária e Centro do

---

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem>>. Acesso em: 15 Ago. 2017.

Município de Sombrio. As categorias temáticas utilizadas foram: o patrimônio cultural material e imaterial no convívio familiar, no trabalho e no convívio social.

Grande parte dos saberes da cultura popular são transmitidos através da oralidade, uma vez que não há registros escritos dos mesmos. Esses processos ocorrem de pessoa a pessoa, de pai para filho, de um grupo para outro, de geração a geração. Nessa forma de comunicação, a memória social exerce um papel fundamental, pois a preservação e a continuidade das tradições dos grupos dependem das lembranças dos seus membros. A transmissão dos valores culturais e da tradição ocorre através da memória social dos grupos que compartilham um mesmo tempo e um mesmo espaço geográfico (MORIGI; ROCHA; SEMENSATTO, 2012, p. 186).

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas. A análise das narrativas destacou os elementos do patrimônio material e imaterial mais citados, que fazem ou fizeram parte da trajetória de vida dos entrevistados, inter cruzando com a história oficial, materializada no calçadão de Sombrio.

#### 4.3.3 Análise das entrevistas

Bosi (1994) questiona sobre as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora e completa dizendo: “Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza” (BOSI, 1994, p. 83). E, ainda insiste: “Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque decaído a arte de trocar experiências [...] A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (BOSI, 1994, p. 84-85).

Para a autora, uma forma de testar a hipótese psicossocial da memória encontra-se nos estudos das lembranças dos velhos. E é tão somente na atividade mnemônica, função social exercida pelas lembranças, que o idoso torna-se a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

E é justamente na escuta dos velhos que este trabalho se delinea, e busca nas narrativas de alguns deles, e por meio da análise das memórias, identificar os elementos do patrimônio material e imaterial mais citados, que fazem ou fizeram parte de sua trajetória de vida, inter cruzando com o patrimônio edificado no calçadão da cidade de Sombrio.

Os idosos interrogados, por meio de entrevistas não estruturadas, foram nomeados neste trabalho, por **Entrevistado A**, **Entrevistado B**, **Entrevistado C** e **Entrevistado D**, sendo

que **A** e **C** são do sexo masculino, enquanto **B** e **D** do sexo feminino, com idade entre 60 e 90 anos. As falas foram transcritas conforme os entrevistados falavam.

As narrativas, da mesma forma que os lugares da memória, são importantes ferramentas de preservação e transmissão das tradições e heranças identitárias. “Contém em si, força ímpar, visto ser também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar e das vozes da memória” (DELGADO, 2010, p. 44). Estas ainda tem potenciais de fazer viajar aqueles que ouvem e incorporar as narrativas as suas experiências.

No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perdem-se as referências, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber (DELGADO, 2010, p.43).

Poder contar um pouco de sua história e mostrar objetos que fazem parte da sua memória é mágico para os entrevistados, ainda que no início, se sintam um pouco inibidos, acanhados. Mas, à medida que o assunto vai desenvolvendo, percebe-se a transformação, o desejo de falar tudo o que lembra. E não foi diferente, quando iniciou-se a conversa com o **Entrevistado A**, em alguns momentos precisamos parar de gravar, pois parecia que isso o inibia de falar, mas à medida que foi discorrendo sobre os fatos, queria contar sempre mais e buscava objetos para mostrar, que faziam parte de sua vida e de seus antepassados.

O **Entrevistado A** é de origem indígena. Seus relatos podem ser relacionados ao mosaico que se refere aos primeiros habitantes de Sombrio, e no quarto mosaico que faz referências a composição étnica, pois no decorrer da sua fala, diz ser descendente de índios, de açorianos e negros. “*As bisavós parece que uma era preta, outra era índia... [...] Eles pegaram essa índia, criaram e botaram o sobrenome deles*”. É também descendente de João do Mato, irmão de Chico do Mato, citado no terceiro mosaico, mas durante toda entrevista demonstrou uma certa inquietação ao falar no assunto, procurando sempre desviar do tema, talvez vergonha desta parte da história. “*Do meu avô era João Inácio Nascimento, conhecido por “João do Mato”. [...] Por isso tinham esse apelido, João do Mato e Chico do Mato (se referindo ao seu avô e seu tio avô) Não cortavam o cabelo, eram relaxados*”.

O **Entrevistado A** também faz referência à descendência indígena, quando menciona a infância e o trabalho do pai na pesca e caça, além da fabricação de balaios e

instrumentos de pesca, como redes, tarrafas e covi. [...] “*pra pescar, o pai fazia né? E eu aprendi com ele, faço tudo que é tipo de tessura que, que quero... tarrafa, rede, balaio, peneiras, covi*”<sup>35</sup>.

O **Entrevistado B** é descendente de açorianos e alemães, o bisavô por parte da mãe veio da Alemanha e o pai era daqui, referindo-se aos portugueses, mas ambos viveram muito tempo em Jaguaruna, para só depois virem para Sombrio. “*Não, a mãe... Todos dois nasceram em Jaguaruna. [...] O meu biso veio da Alemanha, meu bisavô!*”.

O quarto mosaico fala exatamente desta composição étnica, traz nele a figura do índio, do português, do negro, europeu e polonês. Segundo o projeto dos mosaicos (ARAÚJO, 2000) até a primeira metade do século XVIII eram apenas índios, e açorianos, depois que vieram italianos e poloneses e conforme alguns dos entrevistados, alguns descendentes alemães.

O **Entrevistado C** também descendente de italiano e português, embora os pais tenham nascido em Araranguá e Criciúma, o pai era de origem portuguesa e a mãe italiana. Já o **Entrevistado D**, ambos os pais eram descendentes portugueses e aos oitenta e um anos, ainda tece chapéu de palhas, claro que hoje faz por *hobby*, segundo o entrevistado isso vem passando de geração em geração, e não mais para subsistência, sendo que, por muito tempo esta foi uma forma de ajudar no orçamento doméstico.

A localidade de Morro Sombrio nasceu sob uma forte influência da cultura açoriana e gaúcha. Esta miscigenação ficou caracterizada principalmente pela religiosidade do lusitano e pelo arrojo e desprendimento do castelhano. As manifestações sócio-culturais sempre tiveram esta característica (COELHO, 2003, p. 278).

A trajetória dos imigrantes açorianos, exposto no terceiro mosaico faz parte da história de todos os entrevistados, pois embora todos sejam frutos de uma miscigenação de culturas e etnias, alguns de seus ancestrais são oriundos dos Açores.

Analisando as narrativas a partir das lembranças, da memória relacionada as imagens dos mosaicos, o segundo mosaico que fala da chegada de João José Guimarães, e o quinto mosaico que homenageia Chico do Mato como amigo dos índios, fazem parte apenas, da memória do **Entrevistado A**, uma vez que somente ele narra, ao relembrar do avô João do Mato e do tio avô Chico do Mato, quando diz: “*Vieram de Imaruí... pra Sombrio, quase dos primeiros habitantes, acho que antes deles era só os Guimarães*”.

Os engenhos representados no sétimo mosaico foram citados por dois dos entrevistados, entre eles, B e D, pois durante muito tempo, os engenhos de farinha e cana-de-açúcar fizeram parte da economia do município, desde os primeiros colonizadores, porém hoje,

<sup>35</sup> Covi = Covo - espécie de cesto, feitos de taquara para pescar em águas mais rasas.

já quase não encontra-se mais tantos na cidade, e aqueles que ainda permanecem, já estão modernizados.

Figura 64 – Moinho Antigo



Fonte: Arquivo da Cepagro<sup>36</sup>.

Figura 65 – Moinho de Farinha movido a energia



Fonte: Grupo Correio do Sul<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> Disponível em: < <https://cepagroagroecologia.wordpress.com/tag/engenhos-de-farinha/>>. Acesso em 15 Jul. 2017.

<sup>37</sup> Disponível em: < <http://www.grupocorreiodosul.com.br/jornal/tags/mandioca/>>. Acesso: 15 Jul. 2017.

O **Entrevistado B** relata sobre os engenhos, com olhar distante como se tivesse sido transportado pelo tempo: *“Tudo em casa, é... E daí nasci ali, fomos pra lá, né? O pai foi embora, o pai derrubou coivara e plantou mandioca, e fez um engenho... Fez um engenho... de farinha. Só porque a farinha apo... a mandioca apodreceu toda, daí... Ele trocou a... a farinha pela cana, a mandioca pela cana... Fazia aqueles, aquelas caixas grandes de açúcar, aquelas cachõzadas de farinha... vender pra quem? Não tinha né? Daí vinha os serranos da serra, vinham da serra de broacas, aqueles... ( fez gesto de quem coloca por cima), botavam em cima, trocavam por carne e queijo... e pinhão... trocava”*.

Figura 66 – Tanque de decantação e Secagem de farinha



Fonte: Da autora.

Para Delgado (2010), os movimentos da história são múltiplos e se revelam por mudanças lentas ou abruptas, ora conservando ordens sociais, políticas e econômicas, ora por reações às transformações. Embora na maior parte das vezes, esses processos sejam contraditórios entre si, eles acontecem concomitante e se integram numa mesma dinâmica histórica.

É desta forma que ocorre, se de um lado tinha a fartura da farinha, do açúcar, mas não se tinha outros produtos necessários, não se tinha dinheiro para comprar, pois o produto do trabalho era apenas uma moeda de troca por outros produtos. *“Eles vinham lá de cima da serra, não sei de onde... Desciam e trocavam a... as mercadorias né? [...] Com açúcar, a farinha de mandioca e polvilho também, a mãe fazia polvilho”*. Mais uma vez, o **Entrevistado B**, tem o

olhar distante, agora, lembrando da mãe fazendo o polvilho, os olhos enchem de lágrimas, o entrevistado se emocionou.

Enquanto o **Entrevistado D** tem na memória, outras lembranças, dos carros de bois cobertos com toldo, para o transporte da farinha de mandioca, até Garopaba. Das idas e vindas do porto, onde era entregue todo o produto, que certamente iria para outros lugares e talvez até para fora do país. *“O açúcar era vendido aqui em Sombrio, mas a farinha era colocada nos carros de boi e levado pra Garopaba. Os carros eram toldados. Os toldos feitos de palha e tecidos com taquara. Era o único transporte da época, depois que eu casei, daí já tinha a charrete puxada a cavalo, ou as vezes conforme a pressa se ia de cavalo mesmo”*.

Os engenhos fazem parte da história de Sombrio desde seu primeiro morador João José Guimarães:

Ali mesmo já foi imaginada uma grande cerca viva que protegesse toda a residência e os futuros engenhos de farinhas e cana-de-açúcar. [...] De imediato planejou a construção de um engenho de cana-de-açúcar e outro de farinha, para que pudesse dar prosseguimento aos trabalhos que lhe acompanhavam durante toda a vida (COELHO, 2003, p. 253-256).

Tanto o **entrevistado A**, quanto o **entrevistado D**, narraram e mostraram os produtos que aprenderam a fazer, ainda na infância, no início como meio de sobrevivência, hoje como um *hobby*. O **Entrevistado A**, fazia tarrafas, redes para pesca e outros instrumentos como balaios, peneiras e covis, enquanto o **Entrevistado D** tecia chapéus de palha, tapetes e mantas. Esse patrimônio material e imaterial está representado no oitavo mosaico, que retrata esta importante herança trazida pelos antepassados, a arte da argila, das cestarias, dos chapéus de palhas, as primeiras olarias, que até hoje fazem parte da economia do município. Se configura como imaterial pois se avalia o saber fazer, o modo de trabalhar a trama e colher a fibra, que envolve o conhecimento ancestral.

A primeira olaria em Sombrio surge em 1938, por uma necessidade de produzir tijolos para a construção da Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua. Diante das dificuldades na produção de tijolos para o andamento da obra, o pároco da época, Padre João Reitz, incentivou um dos moradores, o senhor Protásio Cunha, a construir uma olaria. E assim, nos meados da década de 1940 iniciou o funcionamento da então conhecida Olaria do Padre, com um único fim, produzir tijolos para a construção da igreja. Em 1965 a Olaria do Padre foi adquirida pelo Sr. Ibraim Júlio Eufrásio, e hoje sob a direção da segunda geração, é conhecida por Cerâmica Colares.

Figura 67 – Cerâmica de Tijolos



Fonte: Da autora.

Figura 68 – Fabricação de Tijolos



Fonte: Da autora.

Os chapéus são trançados manualmente e é usado uma técnica específica, que vai desde a colheita das palhas, geralmente de palmeira butiá, até a costura nas diferentes formas de madeira. O **Entrevistado D** discorre sobre esse modo de fazer, que já vem de outras gerações: “[...] eu já comecei tecer trança pra fazer chapéu, esses de palha, ainda com seis anos. Se trançava de madrugada, pra se vestir, naquele tempo era tudo difícil, daí meu pai trazia os chapéu e vendia aqui em Sombrio, tinha um homem que comprava tudo e depois revendia pra outros lugares. Mas as minhas irmãs não faziam só chapéu, faziam peneiras, balaies e tipiti, um negócio com um bojo, a boca é mais apertada, que servia pra prensar a

*massa de mandioca no engenho. O chapéu era feito de palha de butiá, mas esses outros de taquara”.*

O modo de fazer artesanato com a palha de butiá na Região de Torres, no Rio Grande do Sul, foi identificado pelo Instituto Curicaca, há alguns anos, como um bem cultural imaterial da comunidade rural que vive historicamente associada aos butiazais. Trata-se de uma prática que ocorre, no mínimo, desde a segunda metade do século XIX, reconhecidamente transmitida há seis gerações, que ainda é praticada de forma contínua ou descontínua (INSTITUTO CURICACA, 2010).

Figura 69 – Chapéu usado pelos agricultores



Fonte: Da autora.

Figura 70 – Confecção do chapéu de palha



Fonte: Instituto Curicaca, 2010.

Tapetes e mantas tecidas em teares, também fizeram parte da história de Sombrio, ainda nos dias de hoje, faz parte da economia familiar, ajudando as famílias no sustento da casa. No calçadão ele está representado por meio de uma representação do tear em arame, no calçadão, mostrando a importância deste artefato para a cultura de Sombrio.

Figura 71 – Monumento representação do Tear



Fonte: Blog Escola é vida<sup>38</sup>.

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

As imagens abaixo retratam o que ainda hoje é muito comum na cidade de Sombrio, mulheres artesãs no interior de seus lares, tecendo tapetes para depois serem vendidos a população e turistas.

Figura 72 – Tear de tecer mantas e tapetes



Fonte: Da autora.

Figura 73 – Tapetes tecidos em Teares



Fonte: Da autora.

Outra atividade exercida por anos, e que ainda é possível encontrar na atualidade, são os artesãos de rede e tarrafas para pesca. Por ser um município próximo do mar, e ter em seu território rios, córregos e uma das maiores lagoas de água doce. O povo sombriense viveu

da pesca desde os primeiros habitantes. A figura 74 mostra os objetos feitos por um dos entrevistados.

Figura 74 – Equipamentos de pesca e utensílios artesanais



Fonte: Da autora.

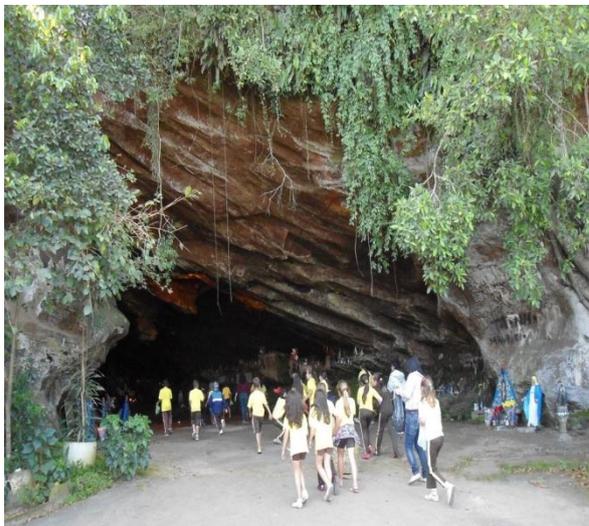
Os folguedos representados pelo boi-de-mamão e a dança do pau-de-fita, no nono mosaico, embora seja ainda muito difundida nas épocas específicas de festa junina bem como no Arraial Fest, apenas um dos entrevistados fez referência a essas danças “*Cantava reis fazia de tudo, brincava no terno de reis, tudo, tudo um pouco*” (**ENTREVISTADO A**), os demais falam em ter que trabalhar muito cedo, e não terem muito tempo para o divertimento.

O Arraial Fest como tradição, não aparece nas falas dos entrevistados, talvez porque seja algo muito novo, e por ter sofrido modificações ao longo dos anos, tornando-se um evento mais elitizado, inacessível a população mais carente e mais idosa, por seus shows nacionais. A festa que deveria ser para dar visibilidade à cultura local, tornou-se um evento comercial, a própria administração pública terceirizou a atividade devido ao alto custo para os cofres públicos.

As Furnas sempre foram um ponto alto para a cidade de Sombrio, e está muito presente na memória dos idosos entrevistados. Ainda que, tenha se tornado um ponto de religiosidade, devido ao acúmulo de imagens de santos e placas de promessas, era lá que os jovens marcavam seus encontros, que os pais levavam os filhos para passear aos domingos. E o décimo primeiro mosaico representa as Furnas com suas manifestações de fé. O **Entrevistado A**, recorda dos passeios nas Furnas: “*As Furnas, a gente vinha pras Furnas, final de semana*

*com a mãe e o pai as vezes, passear, nós achava bonito, tinha um balanço, nós se embalava na boca das Furnas”.*

Figura 75 – Grutas de Sombrio



Fonte: Blog Escola é vida<sup>39</sup>.

Os Romeiros de São Sebastião são homenageados no décimo segundo mosaico, onde retrata a figura de uma mão acolhendo uma imagem, a figueira e o boi, principal motivo da promessa que deu início a maior peregrinação do extremo sul catarinense. Por ser uma região de muitas figueiras, que estão representadas neste mesmo mosaico e devido ao encontro dos romeiros, acontecer sempre embaixo da figueira, a festa com o tempo, passou a chamar-se “festa da figueirinha”.

A Festa de São Sebastião que ocorre sempre no dia do santo, 20 de janeiro, é muito tradicional e sempre atrai milhares de fiéis que a pé, saem de Balneário Gaivota, Sombrio e de muitos outros lugares para ir até a igreja da comunidade de Figueirinha em Balneário Gaivota SC, este ano de 2015 não foi diferente pois muita gente participou da festa e da romaria (JORNAL NORTE SUL, 2015).

Para os **Entrevistados A e D**, a festa está muito ligada a sua história de vida. O Entrevistado A, fala das primeiras romarias, de sua crisma que aconteceu em uma destas festas, já o Entrevistado D, é descendente do proprietário da terra, onde foi realizado a promessa e a primeira reza do terço, como pagamento da graça alcançada. *“Eu não era nascida ainda, deixa eu ver.... foi lá por 1929. Porque tu sabe, que São Sebastião é advogado da peste! Meu pai quando viu o boi morto, no desespero com medo de perder tudo, fez promessa pra São*

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://angelagg-sombrio.blogspot.com.br/2011/11/>>. Acesso em: 11 Jul. 2017.

*Sebastião, que se acabasse com a peste faria uma novena em baixo daquela figueira, todo dia 20 de janeiro. E não é que terminou tudo”.*

O **Entrevistado A**, lembra das primeiras vezes que foi a festa de São Sebastião ou a Festa da Figueirinha: *“I eles iam para o Campo pra rezar missa, festa da Figueirinha, festa da Figueirinha eu me lembro... com sete (7) anos e eu tava na festa da Figueirinha... na festa da Figueirinha. [...] Que eu fui eu me lembro, eu fiz a minha, eu fiz a minha crisma na festa da Figueirinha, fui crismado na festa da Figueirinha”.*

Ao descrever os primeiros encontros em baixo da figueira para o pagamento da promessa, o **Entrevistado D**, lembra que as primeiras vezes eram poucas pessoas, era rezado um terço e imagem que usavam para reverenciar, era de papel, que vinha envolta em tecidos e só mais tarde fora adquirida uma imagem para acompanhar as rezas. *“Daí começaram com meio arqueiro, uma esteira com 10 pessoas e um santinho de S. Sebastião de papel dos fardo de roupa. E dali depois eles compraram um santinho assim [faz um gesto com a mão representando o tamanho aproximadamente da imagem] e fizeram uma capelinha bem pequeninha e rezavam ali. E daí com o tempo foram aumentando, foram aumentando. Daí fizeram a igreja, quem fez foi meus dois irmãos e meu marido o Osmar. O compadre Maneca, o Compadre Zezé e o Osmar meu esposo”.*

Faça sol ou faça chuva as missas são celebradas debaixo do arvoredado, próxima a primeira figueirinha, - no que resta de seus galhos retorcidos, mesmo porque numa determinada época tentaram atear-lhe fogo. Foi essa mesma figueira que deu nome à localidade (ROSA, 2013, p.142).

Figura 76 – Figueira centenária



Fonte: Canal Catarinense, 2017<sup>40</sup>.

Figura 77 – Igreja de São Sebastião



Fonte: Jornal Norte Sul, 2015<sup>41</sup>.

A festa de São Sebastião a cada ano recebe mais romeiros, e embora a igreja já não pertença mais ao município de Sombrio, e sim ao município de Balneário Gaivota, devido a tradição do povo sombriense, ainda hoje a festa permanece no calendário municipal e neste dia é decretado feriado nos dois municípios.

Os peregrinos já sabem, dia 20 de janeiro é a data para caminhar até a igreja de São Sebastião, na comunidade de Figueirinha, em Balneário Gaivota. Percorrendo um trajeto de aproximadamente 7km, os peregrinos demonstram sua fé pelo mártir, uma devoção que iniciou em 1929, depois que uma peste atingiu boa parte do gado na região. Na época, o senhor Vital Machado, proprietário do gado que estava doente, já havia feito de tudo. Ao perceber que não havia mais solução, recorreu aos caminhos da fé (CANAL CATARINENSE, 2017).

---

<sup>40</sup> Disponível em: < <http://www.canalcatarinense.com.br/figueirinha-o-destino-dos-romeiros-de-sao-sebastiao>>. Acesso: 10 Ago. 2017.

<sup>41</sup> Disponível em: < <http://www.jornalnortesul.com/ci/noticias/noticia/226>>. Acesso: 10 Ago. 2017.

Figura 78 – Imagem de São Sebastião



Fonte: Canal Catarinense, 2017<sup>42</sup>.

Figura 79 – Concentração de pessoas na Festa de São Sebastião



Fonte: Jornal Norte Sul, 2015<sup>43</sup>.

<sup>42</sup> Disponível em: < <http://www.canalcatarinense.com.br/figueirinha-o-destino-dos-romeiros-de-sao-sebastiao>>. Acesso: 10 Ago. 2017.

<sup>43</sup> Disponível em: < <http://www.jornalnortesul.com/ci/noticias/noticia/226>>. Acesso: 10 Ago. 2017.

A religiosidade sempre fez parte da vida das pessoas residentes em Sombrio, e não seria diferente para os entrevistados, pois todos eles trazem recordações das vivências religiosas, do Pe. João Reitz – primeiro pároco nomeado, da construção de igrejas, da Igreja Matriz e do padroeiro Santo Antônio de Pádua. Os últimos dois mosaicos memorizam esta, que foi o fundamento da fé dos primeiros moradores, até os dias atuais. No décimo terceiro mosaico a imagem do Padre João Reitz e sua vontade de reurbanizar a cidade, já o décimo quarto mosaico retrata a Igreja Matriz e a imagem de Santo Antônio.

Por sua vez a paróquia de Sombrio, situada no litoral, contava com uma população predominantemente lusa, que tinha práticas semelhantes ao do catolicismo popular e era pouco habituada à disciplina religiosa formal. Contudo foi neste ambiente distante da Arquidiocese onde padre João teve oportunidade de exercer plenamente suas atividades pastorais de linha romana. [...] criou várias escolas e um hospital. Construiu um grande templo para igreja matriz, envolvendo os paroquianos durante 23 anos para a sua conclusão (VALERIM, 1996, p. 144).

Figura 80 – Padre João Reitz – Pároco de Sombrio (1938-1974)



Fonte: Igreja Santo Antônio de Pádua – Sombrio/SC<sup>44</sup>.

<sup>44</sup> Disponível em: < <http://www.igrejadesantoantonio.com.br/parouquia/padres/2/>>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

O **Entrevistado A**, diz: *“Ia pra igreja, nós fomos criados dentro da igreja... [...] Pe. João e Pe. Humberto, foram os primeiros dois padres de Sombrio, que eu me lembre”*. O **Entrevistado B**, fala dos encontros das famílias para a reza do terço. *“[...] cada quinze dias nós vinha na Garuva o terço. [...] Vinha o terço na Garuva, é”*. Para o **Entrevistado C**, não foi muito diferente, destacou a importância da igreja para seu tempo, *“Primeiro a igreja, toda a vida, desde o tempo da doutrina a gente sempre ia pra igreja. [...] Tinha, tinha igreja na Garuva. Eu fiz a primeira comunhão lá”*.

Para o **Entrevistado D**, as lembranças da Igreja Matriz e da imagem de Santo Antônio, estão bem presentes na memória: *“Ah! a missa era sagrada, nós vinha a pé até o Sombrio, ali onde é a casa da Orlandina”* – se referindo a uma moradora que mora no Centro, onde foi construída a primeira igreja, *“era a igrejainha, eu fui batizada ali, na igreja de Santo Antônio”*.

Figura 81 – Primeira Igreja – Paróquia de Sombrio



Foto: Arquivo da autora, 2017.

Figura 82 – Capa do Livro – Paróquia de Sombrio



Fonte: Valerim, 1996.

A imagem acima retrata bem o que o **Entrevistado D** falou, sobre a primeira igreja, pois a nova construção foi realizada há 150 metros da primeira, com justificativa de que a primeira, estava acantonada entre o rio da Lage e o banhado.

A chegada da imagem de Santo Antônio também é um evento muito presente na memória do povo, e o **Entrevistado D**, descreve minuciosamente. “É eu lembro quando o Santo Antônio veio de lancha, lá das bandas de Porto Alegre. Era outra imagem mais pequena, foi uma festa a chegada da imagem, chegou pelo porto, ali onde é a prefeitura tinha um porto. Depois construíram a igreja nova, essa que tem hoje, meu pai não ajudou, muita gente ajudou, e foi feita toda puxada a carro de boi... as pedras, madeiras eram puxadas todas de carro de boi. O pai da Lili do Vata quem mais trabalhou, o Seu Pedro Barcelo”.

Figura 83 – Batismo de Santo Antônio



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Figura 84 – Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua em Construção



Fonte: Diocese de Criciúma<sup>45</sup>.

<sup>45</sup> Disponível em: < <http://www.diocesecriciuma.com.br/paroquias-de-sombriomeleiro-e-turvo-celebram-75-anos-de-fundacao> >. Acesso em: 10 Jul. 2017.

Figura 85 – Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua (Atual)



Fonte: Diocese de Criciúma<sup>46</sup>.

Sombrio era apenas um pequeno vilarejo formado por algumas famílias católicas quando recebeu, em 06 de dezembro de 1937, um novo morador. Enviado a pedido do então arcebispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, chegou de carroça e trazendo consigo apenas alguns pertences. Com muita simplicidade e determinação, o sonhador Padre João Adão Reitz pisou nas terras que serviriam de base para todos os seus grandiosos projetos. Em poucos meses, após sua chegada, em 31 de maio de 1938 conseguiu a autorização para criar uma nova paróquia. Com muita inteligência e coragem enfrentou todos os desafios da época. No dia 14 de setembro de 1940 começou a erguer a Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua, que hoje dá identidade e caracteriza a cidade (DIOCESE DE CRICIÚMA, 2013).

Entre tantas figuras importantes, padre João Reitz com certeza foi uma destas grandes personalidades, que deixaram um grande legado para Sombrio. Claro que não deve ter sido fácil, para um sacerdote que muitas vezes de forma autoritária, exerceu postura tutelar, impondo costumes morais e religiosos, buscando introduzir os habitantes paroquianos em práticas religiosas católicas, culturais e sociais.

---

<sup>46</sup> Idem.

#### 4.4 DISCUSSÃO

Ao relatar as mais distantes lembranças, por meio das narrativas, os velhos buscam na memória os acontecimentos vividos, ou mesmo aqueles que em algum momento já lhes foi narrado por alguém, pois recordar significa ter pertencido a um grupo social ou lugar que sustenta esta memória.

Relembrar representa as múltiplas possibilidades de se registrar o passado, elaborando a partir das representações e afirmação de identidades as edificações do contexto histórico. Bosi (1994) adverte que, essas construções do passado, embora muitas vezes imutáveis podem ser ressignificadas, memorizadas e socializadas, por meio das histórias contadas/narradas pelos avós às crianças.

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (BOSI, 1994 p. 73).

Os entrevistados que fizeram parte deste estudo, foram pessoas anônimas, que se sentiram parte da história a medida que evocavam suas lembranças, e traziam os objetos como testemunhas das recordações do passado. Se analisadas individualmente muitas falas não apresentam continuidade, mas quando juntadas a outras narrativas, como um mosaico que vai unindo peça por peça, a história vai ganhando forma.

Os guardados apresentados, como objetos antigos, a primeira fotografia, o instrumento confeccionado com o conhecimento adquirido dos antepassados, vai tornando célebre as lembranças evocadas pela memória, e a força desta evocação depende estritamente do grau de interação que o envolve.

Ao inter cruzar as narrativas com os monumentos expostos no calçadão, mais detalhadamente nos mosaicos, percebe-se que parte da história ali representada, está viva na memória dos velhos, permeando as lembranças familiares, o trabalho e o convívio social.

Ao analisar as entrevistas e inter cruzando com o patrimônio material e imaterial instituídos pelo poder público de Sombrio, certificamos que nem todos os monumentos são reconhecidos como aspectos identitários dos entrevistados. Certamente isso ocorre ou por já terem ficado no esquecimento dessas pessoas, ou por falta de contato desse grupo de idosos, com a realidade atual do município.

Dos patrimônios identificados no calçadão, sobretudo pela história contada por meio dos mosaicos, os artesanatos em palha, barro, tecelagens, foram os mais apontados como referência histórica. Já a manifestação cultural, Pão-por-Deus, em momento algum foi citado pelos entrevistados, embora esteja exposto no calçadão, como um monumento que homenageia esta manifestação. Da mesma forma a culinária não foi citada, ainda que esteja presente na mesa e seja passada de geração a geração, já sofreu uma série de modificações pela industrialização, como a rosca de polvilho e outros derivados da mandioca.

Os engenhos de açúcar já não existem mais, e os poucos engenhos de farinha com a modernização foram perdendo suas características, embora ainda permaneçam nas lembranças. O mesmo ocorre com os artefatos de pesca, que mesmo estando cada vez menos produzidos artesanalmente, ainda estão vivos na memória dos velhos, que ainda fazem suas tarrafas; o boto que fora tão reverenciado pelos pescadores no passado, já não é mais citado.

As etnias foram relatadas enquanto descendência, e a origem portuguesa é a que mais impera nos depoimentos, se os índios deixaram seu legado, por meio dos ensinamentos na culinárias, nos artefatos e teceduras, para poucos eles estão na memória. O Chico do Mato ainda que tenha feito parte da história do município, é relatado pelos entrevistados com cautela, um homem misterioso, que guarda segredos proibidos e até mesmo, vergonhosos, pois há muito cuidado quando se toca nesse nome, e os próprios parentes não querem falar sobre sua história e trejeitos. João José Guimarães, mesmo que tenha sido pouco citado, aparece nas narrativas como pioneiro, o fundador, como que a pontuar os primeiros movimentos da colonização europeia no município.

Neste sentido, as lembranças se transformam em linguagem e cultura, que se misturam nessas narrativas trazendo memórias ancestrais, ainda latentes na história do município. Para Canclini (2000), é nesse hibridismo de culturas que se constrói uma sociedade com várias faces, que unidas formam o todo, simulando uma homogeneidade, que se perde ao olhar atento do pesquisador, trazendo a tona as nuances das diferenças que se complementam.

Bauman (2012) nos adverte que em tempos de modernidade líquida, as memórias se diluem diante de uma cultura em movimento, (FLORIANO, 2016) num frenesi que altera e transforma as culturas. Halbwachs (1990) indica que memória individual e memória coletiva estão integradas, uma vez que mesmo que o indivíduo carregue em si a sua lembrança, o conceito de memória sempre estará interagindo com o grupo social.

Assim, a memória identificada por meio das entrevistas é a representação da combinação das memórias de diferentes grupos sociais que compõem o município de Sombrio. Os entrevistados participam dos dois tipos de memórias: a individual e a coletiva, que são

influenciadas pela família, empresas, escolas, igrejas e demais instituições que compõem aquela sociedade.

Por fim, as narrativas obtidas por meio das entrevistas, associadas ao levantamento realizado em campo e em documentos nos permitiu inferir o quanto que os sujeitos que guardam essas memórias promovem o sentimento de pertencimento e constroem sua identidade, ainda que essa seja fragmentada em pequenos pedaços que representam o grande mosaico híbrido de uma sociedade. E mais ainda, mesmo percebendo a fragmentação das culturas pautadas nas ofertas de mercado, inferiu-se com essa pesquisa que o patrimônio cultural material e imaterial de Sombrio, continua vivo na memória dos velhos.

## 5 CONCLUSÃO

Sombrio é um pedacinho do Estado de Santa Catarina, que associa-se a outros lugares na sua composição étnico cultural. Santa Catarina é marcada por uma trajetória de imigração, de sonhos, de miscigenação de etnias. Todos que aqui viveram enfrentaram muitos obstáculos. Os colonizadores europeus, que chegaram por último construíram um pequeno povoado, que ampliou, se transformando no Sombrio de hoje.

Dois séculos se passaram e só é possível olhar para trás e imaginar o movimento de ocupação, de percurso, porque alguém narrou a história e quem a escutou narrou aos demais. Benjamim (1987, p. 198) assegura que as melhores narrativas, são “as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”, e segundo o autor, esses narradores se distinguem em dois tipos: aqueles que vêm de longe e os que nem sequer algum dia saíram de seu país, mas conhecem bem a história e a tradição da sua gente.

Ao conhecer a história narrada por gente simples e anônima, ao ouvir fatos nunca antes narrados, e poder ver de formas tão diferentes a maneira de narrar aquilo que sabem, deu a este trabalho características próprias, que talvez se constitua como uma fonte de pesquisa para aqueles que se interessam pela cultura e história local.

Ao pesquisar sobre a legislação vigente de proteção ao patrimônio quer seja nacional, estadual ou municipal, percebeu-se que há pouca ou quase nenhuma divulgação destas legislações e, que talvez pudesse se pensar em como inseri-las na educação fundamental e média por meio de temas transversais, para que se possa sensibilizar crianças e adolescentes, sobre a importância de se conservar a história cultural de cada local.

Por outro lado, a oportunidade de ouvir os velhos nos faz repensar se não estamos deixando de lado uma parcela da população que poderia estar contribuindo com os seus saberes e fazeres, nos centros educativos e culturais, e desta forma valorizando e enaltecendo o papel do velho, tão excluído do meio social.

Reurbanizar, Humanizar, Modernizar, palavras tão usadas atualmente, e muitas vezes sem perceber que é impossível colocá-las em prática, sem socializar, educar, ou valorizar, e tudo isso passa pela preservação da história, do passado daqueles que nos antecederam. E quando se conhece a trajetória e os percalços deste caminho se olha de outra maneira para o passado narrado.

Nem todos os quadros do mosaico e os monumentos, estiveram presentes nas memórias dos narradores desta pesquisa. Talvez isso tenha ocorrido porque nem todos

participaram de todos os momentos da história, ou então, porque viveram apenas uma parte dela. Mas ao juntarmos as narrativas provenientes das lembranças individuais, podemos compor cada pedacinho como uma colcha de retalhos e mostrar a diversidade cultural que inspira a tantos artistas, escritores, atores e autores que ainda continuarão a registrar a história de Sombrio.

Ao recordar os tempos vividos, a infância sofrida, as dificuldades e as lidas do dia a dia, os narradores foram movidos por emoção, descrevendo ao máximo as lembranças, e até os olhares perdidos deram vida a cada fato histórico, muitas vezes nos transportando ao tempo por eles vivido. E foi no narrar poético de um, no tecer as tranças de chapéu de outro, nas redes e tarrafas confeccionadas e no cafezinho coado como antigamente, que as histórias foram sendo descortinadas.

Como afirma Delgado (2010, p. 34) “tempo, memória, espaço e história caminham juntos,” dando muitas vezes novos ressignificados ao que foi vivido, pois embora, não tenha poder de alterar o que já passou, o tempo pode transformar ou ainda, ratificar e comprovar o sentido do que foi vivenciado, pois a essência de um tempo vivido pode ser determinado pelas ações, valores e imaginário que configuram este tempo. Delgado (2010) afirma que:

Os homens como sujeitos da história e de suas temporalidades podem produzir acontecimentos e mudanças, ou impedi-los de se concretizarem. Podem construir referências ou destruí-las. Podem reafirmar o poder, ou contestá-lo, podem tolher a liberdade do ser ou reafirmá-la (DELGADO, 2010, p. 36).

Para Bobbio (1997, p. 31), “na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade”. Por isso, a memória tem um papel crucial, pois além de formar conhecimento, transmitir experiências, ela possibilita dar novos significados as raízes, as identidades, fundamentando dessa maneira, a existência humana.

Para além da lembrança dos velhos, lidamos também com o que o poder público municipal entende por patrimônio e cultura. Elementos da cultura material e imaterial foram destacados pelos órgãos municipais, como Pão-por-Deus, tecelagem, engenhos de farinha, cerâmica, artefatos de pesca, festas religiosas, diversidade étnica da formação cultural do município, entre outros. Esses aspectos diversos, da cultura de Sombrio estão evidenciados no calçadão, no centro da cidade e nas narrativas obtidas com os velhos.

Fazendo um parâmetro analítico entre o que o poder público ressalta e define como patrimônio cultural sombriense, e o que os velhos, entrevistados nessa pesquisa, se apropriaram por meio da memória, conseguiu-se traçar algumas considerações. Destaca-se por exemplo que

alguns elementos culturais muito ressaltados pelo poder público municipal não está presente na narrativa, como é o caso do Arraial Fest. Essa festa surgiu no ano de 1993 e desde então tomou várias formas, se desconectando da cultura local e enfatizando a cultura global.

Canclini (2000) avalia que a partir da década de 1990, o objetivo da América Latina era modernizar-se, “vale a pena promover o artesanato, restaurar ou reaproveitar o patrimônio histórico, [...] em vez de dedicar-se a microeletrônica ou a telecomunicação?” (CANCLINI, 2000, p. 18). E mais, Canclini (2000, p. 89) infere que “o Estado cuida do patrimônio, as empresas o modernizam”. Esse pensamento que se infiltra como água no continente, de alguma maneira chega à Sombrio, que impulsiona a privatização da festa e a total mercantilização do evento.

Com isso, preservar e valorizar a cultura da forma como se fazia, se transformava em um movimento anacrônico, sem sentido em um mundo pós-moderno. Nesse sentido cabe ressaltar que a memória dos velhos se diluem nesses elementos que se transformam rapidamente. Suas lembranças se apoiam no que está enraizado, no que podem ainda tocar, produzir, transformar, como o caso dos artefatos de pesca, as tecelagens, os artesanatos com a palha. E assim, por ainda viver essa cultura o velho sente, “uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, p. 63).

Esta pesquisa possibilitou muito mais do que recordar, conhecer, transcrever, mas sobretudo, compreender por meio das narrativas o quanto a memória e a história, são partes do processo cognitivo que formam a identidade individual e coletiva de um povo (HALBWACHS, 2000). E essa busca de construção e reconhecimento das identidades, que impulsiona homens e mulheres a se inclinarem sobre o tempo transcorrido, tem na metodologia da história oral seu contributo, que possibilita reconhecer e/ou enfatizar diferenças e semelhanças na construção de memórias que produzem elementos identitários, sejam eles, individuais ou coletivos.

Se foi o inter cruzar memórias, sonhos, histórias e narrativas que nos possibilitou conhecer um pouco mais da construção cultural de Sombrio, foi também nas narrativas dos entrevistados, cujas memórias ancestrais, ainda latentes, possibilitaram antever um passado repleto de presente, onde as experiências mnemônicas passeiam do individual para o coletivo, numa maestria que se fundamenta nos mosaicos e demais monumentos que o poder público instala no calçadão da cidade. Com isso, se avalia a lembrança como linguagem, permeada de cultura, se misturando.

Embora, ainda que façamos parte de uma sociedade líquida conforme nos indica Bauman (2012), onde as memórias se fluidificam alterando e transformando as culturas, é nesse

hibridismo apontado por Canclini (2000), que a sociedade se constrói e se (re)constrói, nas lembranças, nos sonhos e nas narrativas que são passadas de geração a geração, mantendo a cultura coesa e, ao mesmo tempo, fragmentada.

## REFERÊNCIAS

ALESC. **Lei nº 16.857, de 18 de dezembro de 2015**. Disponível em: <[http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2015/16857\\_2015\\_lei.html](http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2015/16857_2015_lei.html)>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei 0235.7 de 2015**. Disponível em: <[http://www.alesc.sc.gov.br/expediente/2015/PL\\_\\_0235\\_7\\_2015\\_Original.pdf](http://www.alesc.sc.gov.br/expediente/2015/PL__0235_7_2015_Original.pdf)>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

ALVES, J.C; LACERDA, E.P. **Mapeamento do Patrimônio Cultural das comunidades açorianas de Santa Catarina**. 2012. Disponível em: <[http://nea.ufsc.br/files/2012/08/Artigo-joi\\_eugenio.pdf](http://nea.ufsc.br/files/2012/08/Artigo-joi_eugenio.pdf)>. Acesso em: 29 Ago. 2017.

AMESC. **11º Arraial Fest em Sombrio**. 24/07/2008. Disponível em: <<http://amesc.com.br/noticias/index/ver/codMapaItem/42450/codNoticia/392696>>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

ARAÚJO, Jone Cezar de. **Projeto de criação do calçadão em Sombrio**. Acervo da Biblioteca Pública Municipal Cônego João Reitz. 2000.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural**. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2011.

ATLAN, H. **Conscience et désirs dans des systèmes auto-organiseurs**, em Morin e Piattelli Palmarini, 1974, p. 449-65.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ensaio Sobre o Conceito de Cultura**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012. BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Maria Gagnebin. 8a ed. Revista - São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas v. 1)

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. Ed. Revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito / Henri Bergson; tradução Paulo Neves. – 2a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BLOG PROFESSOR ANDRIO. **14º Arraial Fest especial: decoração de rua e programação da festa**. 02/08/2014. Disponível em: <<http://blogdoprofessorandrio.blogspot.com.br/search?q=arraial>>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

BOBBIO, Norberto. **O Tempo de Memória**: De Senectute e outros escritos autobiográficos. Trad. Daniela Versiane. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. 8a Reimpressão.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velho. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTELHO, Samira Daura. **Literatura, História e Memória em a jangada de pedra**, de José Saramago. Emblemas - Revista do Departamento de História e Ciências Sociais - UFG/CAC. v. 8, n. 2, 299-316, jul-dez, 2011.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Artigo 216. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_22.12.2010/art\\_216\\_.shtm](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_22.12.2010/art_216_.shtm)>. Acesso em: 25 Abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm)>. Acesso em: 02 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D3551.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm)>. Acesso 29 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em 02 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Patrimônio Cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em 02 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Patrimônio Material**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em 02 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em 02 ago. 2016.

BUSS, Alcides et al. **Vecchietti – Pão – por – Deus**. Florianópolis: Garapuvu, 2002.

CANAL CATARINENSE. **Figueirinha**: o destino dos romeiros de São Sebastião. 19/01/2017. Disponível em: < <http://www.canalcatarinense.com.br/figueirinha-o-destino-dos-romeiros-de-sao-sebastiao>>. Acesso em: 10 Ago. 2017.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguales y Desconectados**: Mapas de la interculturalidade. Editorial Gedisa: Barcelona, 2004.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CANTARINO, João M. F.; PEREIRA, Danilo A. **Memória**: da filosofia à neurociência. *Universias Ciências da Saúde*. Vol.02, n.02, 2004. – pág. 164-199. Disponível em: < <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/cienciasaude/article/viewFile/531/352>>. Acesso em 29 Nov. 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2001.

COELHO, Rolando Christian Sant' Helena. **Assim nasceu Sombrio**. *Sombrio: Jornal Correio do Sul*, 2003.

COSTA, Cléria Botelho da. **Contar histórias**: uma forma de reconhecimento do outro. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Julho - Dezembro de 2014. Vol. 11, Ano XI nº 2. ISSN: 1807-6971.

DEBLASIS, P.; FARIAS, D.S.E.; KNEIP, A. **Velhas Tradições e gente nova no pedaço**. Perspectivas longevas de arquitetura funerária na paisagem do litoral sul catarinense. In: *R. Museu Arq. Etn.*, 24: 109-136, 2014.

DEBUS, Eliane. **É tempo de Pão-por-Deus**. 1. Ed. Tubarão: Copiart, 2013.

DELGADO, Lucília A. N. **História Oral**: Memória, Tempo, Identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEMATHÉ, Alexandro. **Entre Sambaquis, redes e naufrágios: arqueologia costeira no Parque Arqueológico do Sul (SC)**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: 2014.

DIOCESE DE CRICIÚMA. **Paróquias de Sombrio, Meleiro e Turvo celebram 75 anos de fundação**. 29/05/2013. Disponível em: <<http://www.diocesecriciuma.com.br/paroquias-de-sombriomeleiro-e-turvo-celebram-75-anos-de-fundacao>>. Acesso em: 10 Jul. 2017.

DOSSE, François. **A História**. Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DOURADO, Flávia. **Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 23/05/2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>> Acesso em: 25 Nov. 2015.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

\_\_\_\_\_. **Infância e Sociedade**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil Meridional: uma viagem no tempo**. Edição do autor, Florianópolis, 1998.

\_\_\_\_\_. **Itapema: natureza, história e cultura, para o ensino fundamental**. Ed. Do autor. Florianópolis, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sombrio 85 anos: natureza, história e cultura: para o ensino fundamental**. Sombrio: Ed. do autor, 2000.

\_\_\_\_\_. **Dos Açores ao Brasil Meridional: uma viagem no tempo: 500 anos, litoral catarinense**: Nova Prova Soluções Impressas, 2. ed. Florianópolis: SC. 2000.

FARIAS, D. S. E.; SOUZA, O. A.. **Xokleng e colonizadores: etno-história do município de Maracajá**. In: Deisi scunderlick Eloy de Farias. (Org.). Maracajá: pré-história e arqueologia. Tubarão: Editora Unisul, 2005, v. 1, p. 133-158.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. **Arqueologia e preservação em Florianópolis –SC/ Deisi Scunderlick Eloy de Farias; Sonia Elizete Rampazzo: Luana Alves**. Florianópolis, SC: Samec, 2015.

FLORIANO, Eliane Anastácio. **Identidade, memória e cultura no trato com plantas medicinais**: um possível diálogo entre saberes. 2016. 180 f. Tese (Doutorado. em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão.

FRISCH, Michael H. **A desindustrialização vista de baixo para cima e de dentro para fora**: O desafio de se retratar a classe trabalhadora em palavras e imagens. In: *História Oral: Desafios para o século XXI*. Organizado por: Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 167-177.

\_\_\_\_\_. **Os Debates sobre Memória e História**: Alguns aspectos internacionais. In: *Usos e abusos da História Oral*. 1990.

FUNARI, Pedro P. A., PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico cultural**. Pedro Paulo Funari e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006.

FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES. **Roteiro das Manifestações Culturais do Município de Santa Catarina**. 2ª ed. rev. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1995.

GERAQUE, E. **Cultura de Base Açoriana**, 2003. Disponível em: <[http://agencia.fapesp.br/cultura\\_de\\_base\\_acoriana/1053/](http://agencia.fapesp.br/cultura_de_base_acoriana/1053/)>. Acesso em: 29 Ago. 2017.

HALL, Stuart. **The centrality of culture**: notes on the cultural revolutions of our time. In: THOMPSON, Kenneth (ed.). *Media and cultural regulation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. (Cap. 5)

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós – Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Sombrio Santa Catarina – SC**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/sc/sombrio/historico>>. Acesso em: 10 Jul. 2016.

INSTITUTO CURICACA. **Proposta técnica de registro do Modo de Fazer Artesanato com Palha de Butiá na Região de Torres, RS, como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul** / Alexandre José Diehl Krob e Patrícia Vianna Bohrer. – Porto Alegre: Instituto Curicaca, 2010. Disponível em: <

[http://pwweb2.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/curicaca/usu\\_doc/proposta\\_de\\_registro\\_2mar2016.pdf](http://pwweb2.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/curicaca/usu_doc/proposta_de_registro_2mar2016.pdf) >. Acesso em: 10 Jul. 2017.

INGOLD, Tim. **Sobre a distinção entre Evolução e História**. Trad. Glaucia Silva (PPGCA/UFF). *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*. n. 20 (1. sem. 2006). — Niterói: EdUFF, 2006. p.18.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial**: Para saber mais/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. 3. ed. Brasília, DF. Iphan 2012.

JORNAL NORTE SUL. **Festa de São Sebastião, Fé que não tem limites**. 20/01/2015. Disponível em: <<http://www.jornalnortesul.com/ci/noticias/noticia/226>>. Acesso em: 16 Jul. 2017.

JOUTARD, Philippe. **Desafios da história oral do século XXI**. In: *História Oral: Desafios para o século XXI*. Organizado por: Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz/Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 31-45.

LACERDA, Nelson. **Legislação federal de proteção de bens culturais e poder de polícia**. In: *Segurança de acervos culturais*. Organ. Maria Celina Soares de Mello e Silva. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão...[et. al.]. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LORDELLO, Eliane; LACERDA, Norma. **A participação das novas mídias na universalização do conceito e dos instrumentos legais da diversidade cultural**. ARQUITEXTOS, ISSN 1809-6298, ano 11, Ago. 2010.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MATTAR, Eliana. **Legislação Patrimonial**. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e (Org.). *Segurança de acervos culturais*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.

MATTOS, Tarcísio. **Feito a Mão**: o artesanato em Santa Catarina. Editado por Tracisio Mattos. Florianópolis: Tempo Editorial, 2008.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MORIGI, V. J.; ROCHA, C. P. V. da; SEMENSATTO, S. **Memória, representações sociais e cultura imaterial**. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 09, número 14, 2012. Disponível em: < [http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/waldir\\_pt.pdf](http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/waldir_pt.pdf)>. Acesso em: 29 jul. 2016.

NOGUEIRA, Teresinha de J. A. M. **Memória, História Oral e Narrativa**: O encontro do possível na multiplicidade de pontos de vista. VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá – MG. 2013.

PEREIRA, Aurelino da Cunha. **Na fuga do Lobo Guará**. 1. ed. Sombrio: Sul Gráfica, 2015.

PEREIRA, Juventino J. **Sombrio**: suas origens, seu povo e suas tradições. Rio Grande do Sul: Editora La Sale, 1972.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Contributo Açoriano Para a Construção do Mosaico Cultural Catarinense**: Coletânea de trabalhos do autor versando a presença do português açoriano na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Papa-Livro, 2003.

PITHAN, Saulo. **Sombrio repaginada com novo Circuito Cultural Religioso**. 10/06/2016. Revista W3. Disponível em: < <https://www.revistaw3.com.br/cidades/2016/06/10/sombrio-repaginada-com-novo-circuito-cultural-religioso.html>>. Acesso em: 14 Mai. 2017.

PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina**: história da gente. 5. ed. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 2001.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 5 (10), 200-212. 1992.

PORTAL G1. **Botos surpreendem pescadores e capturam peixes no litoral do RS**. 26/02/2014. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/estacao-verao/2014/noticia/2014/02/botos-surpreendem-pescadores-no-litoral-norte-do-rio-grande-do-sul.html>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

PORTELLI, Alessandro. **O Que faz a História Oral Diferente**. Projeto: História. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. São Paulo, 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOMBRIO. **Lei Orgânica do Município de Sombrio, de 06 de abril de 1990**. Disponível em: < <http://www.camarasombrio.sc.gov.br/images/organica.pdf>>. Acesso: 10 jun. 2016.

QUINT, Ivete Ouriques. **Danças Folclóricas da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de iniciação científica**: os primeiros passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e apresentação. Palhoça: Ed. Unisul, 2015.

ROSA, C. **História e Tradição do Boi-de-Mamão em Santa Catarina (1970-2000)**. Criciúma, SC. Monografia de Conclusão do Curso de História. UNESCO. 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/741/1/Clemilson%20da%20Rosa.pdf>>. Acesso em: 29 Ago. 2017.

ROSA, Oníria Santos da. **Os nossos antepassados: garra, fé e compromisso**: Paróquia Santo Antônio de Pádua, Sombrio – SC: 75 anos de criação de bodas de brilhante (documentário). Blumenau: 3 de maio, 2012.

\_\_\_\_\_. **História das Comunidades**: a caminhada da igreja na paróquia Santo Antonio de Pádua – comemorando o jubileu brilhante (75°) 1938-2013. Blumenau: 3 de Maio, 2013.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. **História, ensino e patrimônio**. Araraquara, São Paulo: Juqueira&Marin, 2008.

SANTA CATARINA. **Decreto nº 2.504, de 29 de setembro de 2004**. Institui as formas de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial ou Intangível que constituem o Patrimônio Cultural de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural//pagina/4389/decretono2504de29desetembrede2004>>. Acesso em 03 ago. 2016.

SANTA CATARINA 24 HORAS. **Contagem regressiva para o 12º Arraial Fest a maior festa multicultural do sul de Santa Catarina**. 2010. Disponível em: <<http://www.santacatarina24horas.com/capa/noticias-regionais/7766-contagem-regressiva-para-o-12-arraial-fest-a-maior-festa-multicultural-do-sul-de-santa-catarina.html>>. Acesso em 03 Jun. 2017.

SANTOS, Taise Correia dos. et al. **Patrimônio Material Edificado de Sombrio** (Santa Catarina, Brasil): Memória e Identidade. Revista Tecnologia e Ambiente, v. 21, 2014, Criciúma, Santa Catarina. ISSN: 1413-8131 (versão impressa) ISSN: 2358-9426 (versão eletrônica). 2014.

SCHWINZER, Roberta. **História em Mosaicos**. Revista Mares do Sul. Ano 07 – nº 32. Junho/julho, 2000.

SOARES, Doralécio. **Boi-de-mamão catarinense**. Cadernos de Folclore, 27. Rio de Janeiro: MEC, 1978. 39 p.

\_\_\_\_\_. **Folclore Brasileiro** - Santa Catarina. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1979.

THOMSON, Alistair. **Aos Cinquenta anos**: Uma perspectiva internacional da história oral. In: *História Oral: Desafios para o século XXI*. Organizado por: Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz/Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 47-65.

UDESC. **Professor da Udesc Laguna participa de gravação da BBC sobre interação entre botos e pescadores**. 23/05/2013. Disponível em: <[http://www.udesc.br/noticia/professor\\_da\\_udesc\\_laguna\\_participa\\_de\\_grava%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_bbc\\_sobre\\_intera%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_botos\\_e\\_pescadores](http://www.udesc.br/noticia/professor_da_udesc_laguna_participa_de_grava%C3%A7%C3%A3o_da_bbc_sobre_intera%C3%A7%C3%A3o_entre_botos_e_pescadores)>. Acesso em: 10 Jul. 2017.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial**. Paris: 2003. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>> Acesso em: 25 Abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em: <<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial>> Acesso em: 28 Jun. 2016.

VALENTINI, Géssica. **Furnas guardam histórias e mistérios e são locais de devoção no Sul de SC**. 16/02/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/verao/2013/noticia/2013/02/furnas-guardam-historias-e-misterios-e-sao-locais-de-devocao-no-sul-de-sc.html>>. Acesso em: 10 Ago. 2016.

VALERIM, Vera Regina Alves. **A cura das almas**: Padre João Reitz e a comunidade da paróquia de Sombrio (1938/1963). Mestrado em História. UFSC, 1996.

VERZBICKAS, Karin; ESPEZIN, Rossana M. B. **Folclore Catarinense**: Um mosaico cultural popular. Santa Catarina: Fabrica de Comunicação, 2010.

VIGNALI, Antônio Natálio. **Sombrio – Fragmentos da História**. Tubarão, SC: Gráfica Humaitá, 2011.

**ANEXOS**

## ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



### UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Entende-se que a memória é uma das formas de garantir que cada história permaneça viva, e que os mais idosos possuidores desse conhecimento histórico e social, podem contribuir para a manutenção de elementos que podem, na atualidade estar invisibilizado ou desconsiderado pelos grupos atuais.

Esta pesquisa propõe ampliar os fatos que mais marcaram a vida e a formação identitária destas pessoas, bem como compreender quais os elementos e manifestações culturais tiveram importância na constituição de sua memória, quer sejam elas individuais ou coletivas, no município de Sombrio. Diante disso, se pergunta: Será que o patrimônio cultural material e imaterial presente na cidade de Sombrio estão vivos e presentes na memória do idoso que ainda vive nesse município?

Este trabalho avaliará por meio de narrativas, as lembranças, os valores culturais da época vivida, evocando dessa forma, os elementos dos patrimônios materiais e imateriais que ainda permanecem vivos na memória e se apresentam como constitutivos da identidade dos entrevistados.

Segundo Farias (2000) para compreender os valores socioculturais professados, e o processo de ocupação destas cidades bem como o desenvolvimento desta região, na qual transcorrerá a pesquisa de campo, é preciso ter ciência que em muitos momentos os acontecimentos se deram por meio de atritos e indiferenças de valores culturais tradicionais.

Os objetivos específicos da pesquisa são: a) Avaliar o papel do patrimônio material e imaterial; b) Ampliar o conhecimento do patrimônio cultural material e imaterial do município de Sombrio; e c) Investigar quais as identidades construídas pelos idosos na contemporaneidade, a partir de diferentes contextos socioculturais.

É fundamental destacar que nos comprometemos a manter sob sigilo absoluto o nome dos entrevistados, bem como qualquer pista que permita identificá-los, exceto a indicação da idade e município onde residem. A cada entrevistado será atribuído um nome fictício. Além disso, sob nenhum pretexto, as imagens e o áudio serão utilizados para outros fins que não o de coletar informações para a presente pesquisa.

### Dados Técnicos da Pesquisa

**Título:** A lembrança como linguagem: inter cruzando sonhos, memórias e histórias na narrativa dos velhos.

**Finalidade:** Dissertação (Bolsa FUNDES);

**Objetivo:** Este trabalho avaliará por meio de narrativas, as lembranças, os valores culturais da época vivida, os elementos dos patrimônios materiais e imateriais que ainda permanecem vivos na memória e se apresentam como constitutivos da identidade dos entrevistados.

**Pesquisadora** (Bolsista do FUNDES):

Maria Madalena Martins da Silva, CPF 54057035915.

Discente do Mestrado do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina

**Orientadora:**

Profª. Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias.

Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi, de forma clara e objetiva, todas as explicações pertinentes ao projeto e que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo os dados serão coletados a partir das avaliações por escrito e das narrativas obtidas oralmente, gravadas e futuramente transcritas.

Declaro que fui informado que poderia ter-me recusado a participar da pesquisa antes da assinatura desse termo de consentimento.

Nome por extenso:

---

RG:

---

Local e Data:

---

Assinatura:

---